ANNO XXXVII NUMERO 84.

SEXTA FEIRA 12 DE ABRIL DE 1861.

Por tres mezes adiantados 5$000
Por tres mezes vencidos 6$000

Por anno adiantado 19$000
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO DO NORTE

Parahiba, o Sr. Antonio Alexandrino de Lima; Natal, o Sr. Antonio Marques da Silva; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Manoel José Martins Ribeiro Guimarães; Pará, o Sr. Justino J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronimo da Costa.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Olinda todos os dias as 9 1/2 horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns nas terças-feiras.
Páo d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exú nas quartas feiras.
Cabo, Serinhãem, Rio Formoso, Una, Barreiros, Agua Preta, Pimenteiras e Natal quintas feiras.
(Todos os correios partem as 10 horas da manhã.)

EPHEMERIDES DO MEZ DE ABRIL.

2 Quarto minguante as 4 horas e 4 minutos da manhã.
10 Lua nova as 4 horas e 39 minutos da man.
18 Quarto crescente as 4 horas e 26 horas da manhã.
24 Lua cheia as 8 horas e 4 minutos da tarde.

PREAMAR DE HOJE.

Primeiro as 6 horas e 6 minutos da manhã.
Segundo as 6 horas e 30 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

8 Segunda. Nossa Senhora dos Prazeres.
9 Terça. S. Demetrio b.; S. Acacio b.
10 Quarta. S. Ezequiel profeta; S. Terencio m.
11 Quinta. Instituição do SS. Sacramento.
12 Sexta. S. Victor m.; S. Vessia v.
13 Sabbado. S. Hermenegildo principe.
14 Domingo do Bom Pastor. S. Tiburcio m.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.

Tribunal do commercio; segundas e quintas.
Relação: terças, quintas e sabbados as 10 horas.
Fazenda: terças, quintas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: quartas ao meio dia.
Dito de orphãos: terças e sextas as 10 horas.
Primeira vara do civel: terças e sextas ao meio dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados a 1 hora da tarde.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO DO SUL.

Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia, Sr. José Martins Alves; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.

O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

Governo da provincia.

Expediente do dia 9 de abril de 1861.

Officio ao Exm. presidente do Maranhão.—Transmitto por copia a V. Exc., para os fins convenientes, o termo do contrato celebrado por Moreira & Ferreira, consignatarios do patacho *Emulação* para a condução de 76 barris com polvora e um caixão, que teem de ser remettidos para essa provincia pelo arsenal de guerra desta.

Dito ao Dr. chefe de policia.—Em observancia do que recommenda o Exm. Sr. ministro de estrangeiros no aviso junto por copia de 20 de março findo, ordene V. S. ás autoridades policiaes, que lhe são subordinadas, que, entendendo-se com os agentes consulares de S. M. britannica os auxiliem em suas diligencias para obter informações exactas ácerca do numero de subditos de sua nação, que possam achar-se residindo nesta provincia até o dia 8 de abril corrente, e que devem servir de dados á estatistica, que o seu governo está formulando actualmente, da população total daquelle reino.

Dito ao consul da dinamarca.—Respondendo ao officio que me dirigio o Sr. Emilio Bidoulac, consul da dinamarca nesta provincia, cabe-me dizer que nesta data determino que pela secretaria desta presidencia se espeça a portaria, que o mesmo Sr. consul solicita para a sahida do subdito de sua nação, B. G. Bendixen, que segue para a Europa.

Dito ao inspector do arsenal de marinha.—Visto o que V. S. informa em seu officio de 5 do corrente n. 91, o autoriso a ceder a Francisco Antonio Corrêa Cardoso, mediante a indemnisação do respectivo custo, ou restituição de outra, a chapa de ferro de que precisa para o concerto da machina motora do seu estabelecimento de caldeiraria, sito nesta cidade.

Dito ao mesmo.—Mande V. S. substituir por outra a africana livre de nome Maria Calestrata, que se acha ao serviço do hospital Pedro II, visto assim me haver requisitado o provedor da Santa casa da misericordia em officio de hoje.—Communicou-se ao mesmo provedor.

Dito ao inspector da thesouraria de fazenda.—Estando nos termos legaes os inclusos documentos, que me foram remettidos pelo commandante superior da comarca de Flores com officio de 26 de março ultimo, mande V. S. pagar aos negociantes Rego & Andrade a importancia dos vencimentos relativos ao mez de fevereiro deste anno, do destacamento de guardas nacionaes de Villa Bella.—Communicou-se ao mesmo commandante superior.

Mandou-se tambem pagar aos negociantes Ferrão & Maia a importancia dos vencimentos do destacamento de guardas nacionaes do Bonito, nos mezes de fevereiro e março ultimos, bem como da do fornecimento de luz e agua para o quartel do mesmo destacamento nos preditos mezes.—Communicou-se ao commandante superior respectivo.

Dito ao mesmo.—Em vista da inclusa conta, que me foi remettida pelo presidente do conselho administrativo do arsenal de guerra com officio de hontem sob n. 27, mande V. S. pagar a Manoel Figueirôa de Faria a quantia de 92$910 rs., em que importam os annuncios mandados publicar pelo mesmo conselho no *Diario de Pernambuco* durante os mezes de janeiro a março deste anno.—Communicou-se ao presidente do mesmo conselho.

Dito ao mesmo.—Restituo a conta em duplicata, que acompanhou o seu officio de 6 do corrente, afim de que mande pagar a quantia de 50$000 pelo reboque que deu o vapor da companhia *Vigilante* a uma alvarenga com aguada para a corveta de guerra *Bahiana* visto não haver inconveniente nesse pagamento, segundo consta da citada informação.—Communicou-se ao inspector do arsenal de marinha.

Dito ao inspector da thesouraria provincial.—Mande V. S. sobr'estar na arrematação dos moveis pertencentes ao patrimonio dos orphãos, até segunda ordem.

Dito ao mesmo.—Mande V. S. pagar a Antonio Pedro Rodrigues, conforme requisitou o chefe de policia em officio de hontem, sob n. 256, a quantia de 57$600, em que segundo a conta junta, importam as despezas feitas com o sustento dos presos pobres da cadeia de Olinda nos mezes de janeiro a março deste anno.—Communicou-se ao chefe de policia.

Dito ao director das obras militares.—Mande Vmc. caiar o quartel da companhia de artifices, visto ter assim solicitado o coronel commandante das armas em officio de 5 do corrente sob n. 471.—Communicou-se á este e á thesouraria de fazenda.

Dito ao conselho administrativo.—Promovam VV. SS. a compra dos objectos declarados na relação junta, os quaes são necessarios á eschola da instrucção elementar da colonia militar de Pimenteiras.—Communicou-se a thesouraria de fazenda, e ao respectivo director.

Dito ao director geral da instrucção publica.—Pode Vmc. autorisar a compra de uma taboa de geometria necessaria á segunda cadeira do curso commercial pernambucano, a que se refere o seu officio de 5 do corrente, sob n. 89, que fica assim respondido.

Portaria.—O vice-presidente da provincia, tendo em vista o resultado do concurso a que se procedeu nos dias 25 e 26 de fevereiro ultimo, resolve nomear professores das cadeiras de instrucção elementar do 1º grão da Vicencia, a Joaquim Gomes de Souza, e do Abreu de Una a Manoel Marinho Cavalcanti de Albuquerque.—Communicou-se ao director geral da instrucção publica.

Dita.—O vice-presidente da provincia, attendendo ao que requereram os professores publicos de instrucção elementar Joaquim Antonio de Castro Nunes da freguezia de S. José desta cidade e João Antonio da Costa Medeiros da de S. Pedro Martyr de Olinda, e tendo em vista os documentos por elles exibidos, resolve considerar os referidos professores habilitados para ensinar as materias adoptadas para as escolas do 2º grão e a perceberem as vantagens do art. 26 da lei n. 369 de 14 de maio de 1855, ficando, porém, obrigados a ensinarem nas suas aulas as materias de um e outro grão.—Communicou-se ao director geral da instrucção publica.

Dita.—O vice-presidente da provincia, attendendo ao que requereu o segundo escripturario da alfandega desta capital, Maximiano Francisco Peixoto Duarte, resolve prorogar por trinta dias com vencimentos, na forma da lei, a licença que lhe foi concedida por portaria de 5 de fevereiro ultimo, para ir a comarca de Garanhuns, tratar de seus negocios particulares.

Dita.—O Sr. gerente da companhia pernambucana mande dar passagem de proa, para as Alagoas, no vapor *Persinunga*, a Manoel Joaquim Maceió, em lugar destinado para passageiro de estado.

Expediente do secretario do governo.

Officio ao capitão de fragata João Gomes de Aguiar.—S. Exc., o vice-presidente da provincia, manda accusar recebido o officio de 5 do corrente, em que V. S. lhe participa haver naquella data assumido o commando interino da estação naval desta provincia.—Communicou-se a thesouraria de fazenda.

Dito ao 1º secretario da assembléa legislativa provincial.—S. Exc., o Sr. vice-presidente da provincia, manda remetter a V. S. para ter o conveniente destino o incluso exemplar da falla com que S. M. o Imperador abrio a 4ª sessão da 10ª legislatura da assembléa geral legislativa no dia 12 de maio de 1860.

Dito ao mesmo.—S. Exc., o Sr. vice-presidente da provincia, manda remetter por copia a V. S. para ser presente a assembléa legislativa provincial o acto da presidencia de 20 de junho do anno passado autorisando a camara municipal do Recife a dispender mais com as verbas — costeio do cemiterio publico desta cidade e eventuaes — a quantia de 1:790$697 até o fim do exercicio daquelle anno, como requisitou a mesma camara no officio tambem por copia incluso.

Dito ao mesmo.—S. Exc., o Sr. vice-presidente da provincia, transmitte a V. S., para que se sirva de offerecer a consideração da assembléa o aviso por copia de 16 de agosto do anno passado em que S. Exc. o Sr. ministro da justiça, estabelecendo providencias em favor dos menores desvalidos, recommenda a creação de um asylo, onde sejam elles recolhidos e convenientemente educados.

Dito ao mesmo.—De ordem de S. Exc., o Sr. vice-presidente da provincia, remetto por copia a V. S., para ser presente a assembléa legislativa provincial, o officio da presidencia de 19 de outubro ultimo autorisando a camara municipal do Recife a pagar a Manoel Romão Correia de Araujo, arrematante da construcção da estrada da Varzea, a quantia de 1:184$000, importancia do accrescimo que fizera naquella obra, como representou a mesma camara no officio tambem por copia junta.

DESPACHOS DO DIA 9 DE ABRIL DE 1861.

Requerimentos.

Antonio José da Cunha Guimarães.—Sellados os requerimentos volte.

Bento de Souza Mira.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda.

Francisco Antonio Córreia Cardozo: — Dirija-se ao Sr. inspector do arsenal de marinha, a quem se expede neste sentido as ordens convenientes.

Francisco de Paula do Rego Barros.—Informe o Sr. inspector do arsenal de marinha.

Bacharel Francisco Teixeira de Sá —Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda.

Francisco Xavier.—Informe o Sr. Dr. chefe de policia.

José Paz Barboza.—Informe o Sr. Dr. chefe de policia.

Landelino Segismundo de Alvarenga.—Já foi provido outro.

Liberato Merciano de Souza e Joaquim Antonio Alves.—Seja elevado a dous mil réis diarios o salario que ora percebem os supplicantes.

Manoel Joaquim Maceió.—Dê-se-lhe no *Persinunga*.

Mariana Francisca da Conceição.—Informe o Sr. director da instrucção publica.

Mariana Maria Candida.—Informe o Sr. Dr. chefe de policia.

A mesa regedôra da irmandade de S. Francisco de Paula da capella do Cachangá.—Informe o Sr. thesoureiro das loterias.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Hontem não funccionou a assembléa provincial, por falta de numero de senhores deputados.

PERNAMBUCO.

ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL.

Sessão em 10 de abril de 1861.

Presidencia do Sr barão de Vera-Cruz.

(Conclusão.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — senhores, acabastes de ouvir ler a indicação que hontem apresentei para ser proposta a assembléa geral, ella versa sobre a magistratura, não para reforma-la, mais para a moralisar.

Hontem demonstrei, ou ao menos pareceu-me ter demonstrado as miserias, que nos veixam o abisma que está cavado sob nossos pés, as desgraças que nos impelle á dissolução e conclui, remettendo á mesa essa indicação, porque vendo que é a base da organisação social a magistratura, o poder judiciario, ou ajudicatura, como melhor fôr uma vez que a justiça corta por todos os angulos sociaes, e ao passo que garante todos os direitos do cidadão, pune a infração da lei em qualquer parte que ella se dê, concluo que, se tivermos uma justiça moralisada independente e illustrada, estamos com as bases para moralidade social, mais senhores, isto só não é sufficiente, é preciso atacar o mal radicalmente, em cada canto que o acharmos.

Uma das principaes fontes de onde nasce a immoralidade do paiz parece-me tel-a indicado bem hontem, e essa fonte é a eleição.

Não pretendo, senhores, não desejo, não sei se é bom ou máo o systema actual das eleições, não desejo que se reforme mais, como se tem reformado tantas vezes; desejara um paradeiro, e que ficasse tudo como se acha, que ficassem todas essas couzas como se tem legislado e que se procurasse concertar todas as rodas, todas as peças dessa maquina que são imensas.

Todos os dias fazem-se novas cousas, mais não é isso o que convém; o que é preciso é dar-lhe regularidade e estabelecer-se harmonia em todas essas peças. Cada uma reforma que se faz, cada peça nova que se construe........

Um Sr. deputado: — Desorganisa o maquinismo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — .... desorganisa as outras peças, o que é peior. Vamos tirar esses pequenos vicios que ha ahi......

Um Sr. deputado: — Pequenos?!

O Sr. Affonso de Albuquerque: —......porque um pequeno vicio em um maquinismo inutilisa completamente, a funcção da maquina; vejamos aonde estão esses vicios, procuremos destrui-los, e assim que desaparecerem veremos que a maquina poderá funccionar regularmente.

Eu julgo, senhores, e não é opinião só minha, porém muito geral, e que está no dominio de toda a população, o mal vem de votar a gente que propriamente não vota, mais é instrumento de outros que a dirigem.

Parece-me, ou não sei se é de proposito, ou se é consequencia das cousas ou se é devido a fatalidade este estado de cousas a que temos chegado; o certo é que em outros tempos o povo pequeno e ignorante ia a eleição com seus camaradas e assim votavam; mas, foi-se degenerando tudo, não sei se de proposito, ou se para mostrar-se ao paiz que esse povo não era capaz de gozar as liberdades que lhe foram concedidas; foi-se obrigando por certos meios a essa gente a votar conforme a vontade do potentado, de sorte que chegamos a um estado em que o povo não vota senão conforme os desejos de quem o leva, de quem o manda.

Ora, senhores, nós estamos nos tempos dos factos consumados; deixemos as ficções e as mentiras; eu bem quizera, que esse povo podesse votar, que tivesse liberdade, seriam esses os verdadeiros principios dignos e unicos capazes de existirem em um paiz livre e moralisado, mas entretanto o que é certo, é que o nosso povo tem-se tornado incapaz de exercer esse direito politico, e o que fazer? Algumas pessoas que tem trabalhado para delatar as liberdades publicas, como hontem o disse, tem recuado, dobrado a cerviz, e não tem podido resistir a força do partido regressista; e o que haveria a fazer? Abandonar, porque o povo que vota não vota por vontade propria, e por conseguinte diga a lei: o povo não vote, não vai a eleição.

Arrastrar esse povo á eleição para no outro dia o delegado o ir prender, arrastral'o a eleição para no outro dia o senhor de engenho o botar de suas terras para fóra........

Um Sr. deputado: — Aonde acontece isso?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —No Brasil.

Se o povo não pode concorrer a eleição não va, e é para isso que eu mando a indicação pedindo que a eleição seja directa, todos os votantes sejam eleitores, porque então não se darão fraudes, taes despotismos e tantas desgraças.

Sejam eleitores sómente os que estiverem em certa posição, e o povo, esse povo desgraçado a quem foram tirados os principaes direitos de cidadão brasileiro, fique sem votar, e apenas se lhe dê esse direito para votar em juizes de paz e em vereadores, porque segundo tenho visto, para esses lugares não aparecem grandes desejos, essas grandes ambições que todos temos visto desenvolver-se quando se trata de eleições para deputados, ou para senadores..........

Um Sr. deputado: — O nobre deputado diz isso porque ainda não assistio á eleições de juizes de paz, e de vereadores.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Mas não vê o nobre deputado, que pela minha indicação ficam restringidas certas attribuições hoje dadas aos juizes de paz, e que apenas ficam reduzidos a administrar simples justiça em seu districto, afastando-os de intervirem em eleições e por conseguinte não podendo ser manejo de eleições e nem se prestarem a ambições desregradas?

Um Sr. deputado: —Não é para esses fins que se deseja ser juiz de paz, mas pela hierarchia, pela distincção que se obtém.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Pois bem, se acha que ainda para juiz de paz o povo não deve votar, que não vote.

Um Sr. deputado: —Pois peça tambem isso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —O que eu quero é que se o povo não poder votar em eleições de juizes de paz sem correr o risco de no outro dia ser despejado da cazinha de sapé em que morar no engenho do Sr. Fulano, então não se lhe dê essa faculdade, e fique somente gosando o titulo de cidadão embora sem os direitos politicos que esse titulo dá.

Não quero, senhores, que na eleição não haja senão uma mentira, uma fraude, uma illusão, uma cilada para o povo, que não seja elle chamado para votar, e na porta da igreja o espanquem e o repillam, e no dia seguinte seja perseguido, preso, e....

Um Sr. deputado: —E como explica o resultado da eleição com um, dous milhares de votos, quando não mais?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Pela fraude, pela mentira, pelo engano e pela illusão, cousas em que alguem póde crer, mas que a muito poucos illude. E é isto verdade que o povo tambem não se illude, elle vai obrigado, porque o senhor de engenho ou o inspector de quarteirão o leva....

Um Sr. deputado: —Isso é com elles e não comnosco.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Com quem?

O Sr. Souza Reis: —Com o Sr. Lopes por exemplo. (Riso.)

Um Sr. deputado: — Quem quer pleitear a eleição deve empregar os meios.

Outro Sr. deputado: —Isso mesmo de acompanhar ao senhor de engenho é a prova da liberdade do voto.....

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Nisto é que consiste a liberdode do voto!!!

Outro Sr. deputado: —Sim, porque assim como póde ser levado pelo senhor de engenho, póde escolher outro o que o leve.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se o comprehendo.... Não sei o que quer dizer.

O mesmo Sr. deputado: —E eu já me esqueci.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Assim, senhores, eu proponho a seguinte indicação: (lê)

Não se diga, senhores, que não se possa propôr essa indicação á assembléa geral porque ella seja inconstitucional, deixemos a apuração deste principio, desta duvida a assembléa geral, porque temos visto alli passarem muitas cousas, fazerem-se muitas reformas que parecem ferir a constituição, mas que se demonstra que tal cousa não ha ou não houve: assim póde-se tambem provar que essa indicação não é inconstitucional.

Pela indicação apresentada hontem, e que ha pouco foi lida, ficam esses magistrados de que tambem trato na presente indicação, e que julgo bom que presidam a eleição, ficam esses magistrados, digo somente com voto deliberativo. Elles são pessoas independentes nomeadas pelas relações do destricto, sem dependencia alguma do governo, com ordenado bastante para sustentarem uma posição decente, por conseguinte vem a ser verdadeiros magistrados fazendo justiça, quando justiça fôr necessaria. Se a magistratura assim collocada não se portar bem não sei se será possivel, ou se haverá magistratura possivel, nem moralidade em alguma cousa.

Acredito, porém, senhores, que os magistrados collocados em taes posições são os mais proprios, os unicos que pódem fazer eleições porque não teem dependencias.

Previne-se mais por essa indicação que os homens pobres, que não pódem ser jurados, esses que podem ser constrangidos pelo senhor de engenho e mais outros potentados a votar contra o seu desejo, ficam livres das eleições e por conseguinte não teremos eleições mentirosas, portanto peço e acho que se deve attender a indicação.

Vai a mesa, é lida e remettida a conveniente commissão a seguinte indicação:

A assembléa provincial de Pernambuco indica á assembléa geral que se decrete:

1.º Que as eleições para membros das assembléas provinciaes e para deputados geraes e senadores sejam directas.

2.º Que os eleitores sejam os mesmos cidadãos qualificados jurados pelo systema actual e aquelles que por privilegio são dispensados do serviço do jury.

3.º Que os jurados que tiverem faltado por qualquer causa a um terço dos dias para que foram marcadas as sessões do jury não possam votar na primeira das ditas eleições que se fizerem depois de taes faltas.

4.º Que as mesas dos collegios eleitoraes sejam formadas de um dos magistrados da comarca, dos escrivães do crime e judicial e mais cidadãos que forem precisos, chamados e juramentados pelo magistrado, sómente o qual terá voto deliberativo.

5.º Que a appuração geral das actas dos collegios de cada districto eleitoral seja feita por uma junta composta do juiz municipal do promotor e juiz de direito.

6.º Que os immediatos em votos aos eleitos deputados ou membros das assembléas provinciaes sejam os seus supplentes.

7.º Que só possa votar nas eleições de camaristas e juizes de paz quem além das mais habilitações actualmente exigidas, souber lêr e escrever.

8.º Que quem destruir o processo eleitoral de modo a torna-lo indispensavel começa-lo de novo seja preso immediatamente e se lhe imponha a pena de seis mezes de prisão, se o crime for commettido contra o processo da eleição de deputados e senadores e dos membros da assembléa provincial, e de dous mezes se for contra o processo eleitoral de juizes de paz e vereadores.

9.º Que quem votar ou tentar votar mais de uma vez ou em nome de outro, seja preso e punido com as penas de 20 dias nas eleições de paz e vereadores e de tres mezes nas de deputados, senadores e membros da assembléa provincial.

10.º Que as decisões dos magistrados nos trabalhos ou assumptos eleitoraes infringentes das disposições da lei sejam punidos com as penas de seis mezes a tres annos de prisão, sem perda de seu ordenado.

ORDEM DO DIA.

Entra em primeira discussão o projecto n 22 de 1859, que crea lugares de partidores em todos os termos da provincia e extingue os lugares de tabelliães nas freguezias de S. Lourença da Matta e Santo Amaro de Jaboatão.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não acho boa a idéa do projecto creando os lugares de partidores nos termos aonde não os ha, porque no estado de immoralidade êm que vejo todas as cousas quero deixar essas poucas garantias que existem ás partes na livre escolha dos partidores.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Perdoe-me o nobre deputado, o juiz não é o partidor.

Um Sr. deputado: —Mas a partilha é feita sobre a sua vigilancia e inspecção.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas o partidor de parte segundo a ordem e designação geral do juiz, fica muito ainda ao seu arbitrio....

Um Sr. deputado: —Sómente a parte material.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Senhores, quando houver mais realidade nas nossas cousas, então poderei convir na creação de partidores, mas por emquanto não, e mesmo me parece que nos devemos unicamente occupar em restabelecer as cousas em seus devidos eixos, e não crear novas.

Um Sr. deputado: —Pois para collocarem-se as cousas em seus devidos eixos é que o projecto foi offerecido á casa.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas esquece-se o nobre deputado, que disse á pouco, que o partidor nada influia?!

Um Sr. deputado: —Influe sobre o trabalho material da partilha, e é preciso que esse trabalho seja feito por um funccionario publico que tenha responsabilidade do que fizer.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Responsabilidade de funccionario!.... é cousa vãa nesta terra.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas segundo os meus principios acho inutil essa creação porque nos sobra immoralidade, acabemos primeiramente com este grande mal, e deixemo-nos de innovações.....

Um Sr. deputado: — O que o nobre deputado quer é que são innovações.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu não quero cousas novas.

Uma voz: —E partidores é cousa nova?!

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu o que quero é que se vá procurar os vicios aonde estiverem e purifiquem-se della as nossas cousas...

Um Sr. deputado: — Sei quaes são os desejos do nobre deputado.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —.... e por isso quero que emquanto a minha indicação não fôr approvada pela assembléa geral ou cousa que seja melhor, o que muito duvido que aconteça, não se creem, não hajam innovações que nenhuma utilidade podem trazer.

Não duvidaria dar o meu voto para crear-se um ou outro lugar de partidor em algum lugar que se julgar ser mui conveniente esse empregado, mesmo já me fallaram a respeito de um certo lugar que me disseram precisar muito de partidor; vá lá sobre a fé da pessoa que me fallou, mas crearem-se partidores em todos os termos da provincia....

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Quem me fallou foi um juiz, um amigo dos senhores, e isto aqui, ha poucos dias. Nunca o vi, fallou-me, tive fé nelle e em suas palavras....

Um Sr. deputado: —E isto é questão de fé?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Então não é ou por fé, ou por convicção que regulamos todos os nossos actos? Não somos catholicos romanos pela fé, não regulamos todo o nosso proceder por dous principios, pela fé que vem do entendimento, e pela convicção que vem da intelligencia? Para o sentimento basta a fé, para o entendimento são precisas as provas.

Não acho senhores, portanto, utilidade alguma na creação dos lugares de partidores, e quanto a extincção dos lugares de tabelliães da freguezia de S. Lourenço da Matta e de Santo Amaro de Jaboatão, a unica utilidade que vejo parece-me ser sómente o gosto de supprimir, sem utilidade justificada.

Um Sr. deputado: — Então cree-se sómente e não se supprima; concorda?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu votarei pelo projecto se me disserem e me convencerem da utilidade da suppressão desses cartorios que nem sabia que existiam. Uma cousa já feita não é sem principios mui justos que se desfaz.

O Sr. Theodoro da Silva: —Não me sorprende, Sr. presidente, que o nobre deputado presa da descrença em que todos nós o vemos a respeito de tudo e de todas as cousas, tambem se opponha ao insignificante projecto que se discute, custa-me apenas ver tão robusta intelligencia no estado de duvida, septecismo e descrença em que hontem se manifestou.

Sr. presidente, as razões que justificam o projecto são de facil comprehensão, o nobre deputado porém, oppõe-se ao primeiro artigo delle, porque desconfiando de tudo, enxergando em tudo do immoralidade e corrupção, suppõem que esse artigo do projecto irá dar azos, nascimento e desenvolvimento a corrupção do fôro pela creação dos dous lugares de partidor e contador, e ainda mais, e sobre tudo pela nomeação de partidores idoneos para servirem no fôro, asseverando que pelo facto dessas nomeações se vai tirar o direito que exercem as partes de nomear os partidores de sua confiança, o que de algum modo entende o nobre deputado que é uma garantia.

Sr. presidente, V. Exc. e a casa sabem quaes são as funcções dos partidores; V. Exc. e a casa sabem que na factura das partilhas elles não fazem mais do que obedecer as inspirações e determinações dos respectivos juizes; por conseguinte não é cabivel, não é procedente a argumentação do nobre deputado, salvo se a presidente do acto da partilha fôr corrompido como talvez podesse ser partidores que inspirem menos garantias.

Mas, Sr. presidente, não vê o nobre deputado, que é mesmo para garantir-se o direito das partes e evitar a corrupção, que as duas commissões reunidas de legislação e constituição e poderes procuram fazer com que esses dous lugares fossem exercidos por um só empregado, afim de que o juiz podesse exercer maior inspecção sobre elle?

Não vê a casa que logo, que essas partilhas forem feitas por um só individuo, por um só empregado do juizo respectivo mais garantias haverá do que se ellas forem feitas por particulares á aprazimento das partes?

E de mais, senhores, aonde está a innovação no projecto? Não é por ventura o cargo de partidor de criação antiga? Como dizer-se pois, que ha tendencias de crear-se sempre cousas inuteis e perigosas? Parece-me, senhores, que o nobre deputado não tem razão nas suas suspeitas, na accusação que faz ao projecto.

Quanto ao art. 2º do projecto que manda supprimir os lugares de tabelliães em S. Lourenço da Matta e Santo Amaro de Jaboatão, devo declarar em nome das commissões, que apresentaram esse projecto, que essa lembrança não foi sua, ella foi suggerida á casa em um projecto assignado por um deputado que hoje não se acha com assento nella, mas as commissões entendendo que convinha harmonisar a legislação existente com relação a esses dous lugares, achou conveniente aceitar essa idéa de suppressão pela qual, comtudo, não tem o menor empenho.

Sabe a casa que nas freguezias e districtos de fóra da cidade fóra dos lugares de residencia dos tabelliães, pela lei de 30 de outubro de 1830, art. 1º, determinou-se que fossem suppridas as funcções desses empregados pelos escrivães de paz, por isto, em virtude desta disposição e para que ella fosse comprida, foi que determinaram as commissões que fossem supprimidos os dous lugares de tabelliães de Santo Amaro de Jaboatão e de S. Lourenço da Matta, afim de que ficassem alli servindo os dous escrivães de paz. Vê pois o nobre deputado, que ainda por este lado as commissões não podem ser increpadas por amigas das innovações. Se o nobre deputado, porém, quizer respeitar direitos adqueridos por esses dous tabelliães, eu pela minha parte declaro que não farei maior insistencia e nem opposição a isso.

Com estas poucas palavras supponho ter justificado o projecto.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Sr. presidente, apesar do meu septicismo....

O Sr. Souza Reis: —E pessimismo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —.... eu creio primo em Deos, secundo em Christo, como Deos e filho de Deos, tercio creio na philosophia, 4º no progresso da humanidade, 5º....

O Sr. Souza Reis: —Crê já em muita cousa.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —.... creio na Europa.

(Risadas.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Riem-se? Não é do oriente que vem a luz?

Um Sr. deputado: — E em Garibaldi tambem?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Creio na França, em Napoleão, creio em Garibaldi, em Victor Emmanuel, creio em terceiro lugar no catholicismo.

Um Sr. deputado: —E no Papa?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Creio no Papa na igreja.

O Sr. Souza Reis: —Crê em tudo.

O Sr. Gitirana: —Crê em tudo quanto manda a Santa Madre Igreja.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Então não sei qual é o meu septicismo.

O Sr. Theodoro da Silva: —Agora já não posso dizer tanto, porque o nobre deputado acaba de fazer sua profissão de fé e crê em muita cousa.

O Sr. Fenelon: —Crê na America tambem?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Porque não? Quando a bussula se transforma o nauta procura a estrella polar.

Creio no rei da Belgica, creio em Alexandre da Russia, creio em Guilherme da Prussia, creio no monarchismo no Brasil, unica cousa em que creio no Brasil, porque é a unica cousa em que o povo crê.

O septicismo não é meu só, está no paiz inteiro, não sou eu que não creio, nós todos não cremos, o nobre deputado tambem não crê.

O Sr. Theodoro da Silva: — O nobre deputado está autorisado a dizer isso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — As conveniencias é que exigem manifestações que eu não sei fazer.

O Sr. Theodoro da Silva: —Tambem ainda não dei motivo para se pensar assim de mim.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Será uma excepção.

O Sr. B. de Lacerda: — Tambem reclamo pela minha parte.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Cada um que quizer, que se considere na excepção; mas o que é verdade, meus senhores, é que nesta terra só se crê geralmente, na monarchia e mais nada. Não é portanto porque eu não creio em alguma cousa que me opponho a essa creação de que trata o projecto. Em primeiro lugar por serem os empregos de distribuidor e contador já creado pelas ordenações, não se segue que não seja uma innovação crea-lo em tal ou tal parte aonde não existe.

Acho que o nobre deputado não justificou a necessidade da creação com as razões que apresentou, não justificou a idéa, porque por ir ao juizo para corrigir sempre a partilha e ter essa inspecção immediata e necessaria, era preciso suppor-se (o que eu nego) na magistratura essa moralidade precisa que ella não tem. Eu vejo as partilhas sempre serem feitas parcialmente, digo mal, sempre não, mas é a regra geral e fique entendido que quando eu uso da expressão —sempre— quero dizer—em geral.

Um Sr. Deputado: —Fica entendido daqui por diante.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Vejo as partilhas assim e muito principalmente, vejo os partidores mancumunados com o juiz. (Reclamações.)

Um Sr. Deputado: —Os juizes não pódem mancumunar-se com os partidores, a sua vontade é que prevalece.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Isto é o que devia ser.

Um Sr. Deputado: —Talvez seja assim lá no Cabo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Que Cabo? Deixemo-nos de individualisar, eu não quero tratar de individualidades. E de mais Sr. eu não advogo só no Cabo.

(Cruzam-se apartes.)

Eu conheço muito esta cidade, tenho vivido aqui muitos annos; e como advogado já o fui no Rio de Janeiro anno e meio, fui-o na Parahyba e ultimamente dei um passeio bem agradavel ao Rio Grande do Norte, e que cousas que eu vi!...

Um Sr. Deputado: — Gostou muito do Rio Grande?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Gostei. Mas não posso mais fallar aqui que não venha o Cabo? Então a corrupção que vejo aqui e nos tribunaes superiores, é no Cabo? A corrupção que vai pelas outras provincias, é no Cabo?

Um Sr. Deputado: —Como o nobre deputado elogiou hontem a justiça do Cabo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Sim, mas não vejo razão para que tudo se supponha com referencia no Cabo.

Não acho pois conveniente a adopção do projecto em quanto não houver moralidade no paiz e principalmente na magistratura.

Um Sr. Deputado: —Fica adiado para quando houver moralidade.

O Sr. Oliveira Andrade: —(Não devolveu seu discurso.)

Encerra-se a discussão e posto a votos o projecto é approvado.

O Sr. presidente designa a ordem do dia e levanta a sessão por ter dado a hora.

REUNIÃO EM 11 DE ABRIL DE 1861.

Presidencia do Sr. Barão de Vera-Cruz.

Ao meio dia feita a chamada, verifica-se estarem presentes apenas 14 Srs. deputados.

O Sr. Presidente declara não haver sessão; designa para a ordem do dia da seguinte a mesma, e dissolve a reunião.

Discurso do Sr. deputado Affonso de Albuquerque, na sessão de 9 do corrente.

O Sr. Affonso de Albuquerque (pela ordem): — Sr. presidente, pedi a palavra para offerecer a casa uma indicação para que se represente á assembléa geral legislativa sobre o assumpto de que vou me occupar e para o qual peço a attenção desta casa.

Sinto, senhores, que semelhante assumpto é mui superior ás minhas forças; mas se me attrevo a delle tratar é porque olhando para a situação do paiz, a vejo reduzida a um estado lamentavel, a ponto de parecer-me que os homens que se occupam das cousas publicas tem adormecido e degenerado bastante para não reconhecerem nem temerem o perigo.

Não tenho, Sr. presidente, a pretenção de que a minha fraca voz possa nos salvar do estado de perigo em que nos achamos; mas das forças, muitas vezes insignificantes, nascem grandes resultados; os ganços do Capitolio salvaram a republica romana de ser vencida e destruida pelos gaulezes.

Um Sr. deputado: —Na nossa terra tambem haverá ganços do Capitolio?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Ora, este exemplo que nos offerece a historia, anima-me, a sem confiar nas minhas forças, vir aqui soltar palavras nesta casa que se por ventura chegarem a ser ouvidas, possam tocar corações mais fortes, espiritos muito mais illustrados, do que o meu, e trazer, ou dar em resultado os beneficios salutares que desejamos ver realisados no nosso paiz.

Em outros tempos, senhores, consideravam-se as cousas da nossa terra em sentidos mui differentes, segundo eram encaradas por um ou por outro dos partidos que estavam no poder ou apeados delle. Aquelles que se achavam no poder julgavam as cousas sempre com bons olhos; para elles tudo era bom, tudo maravilhas. Os que estavam, porém, na opposição clamavam altamente contra tudo, sobre quantas tyrannias soffriam do partido que estavam de cima. Assim eram classificadas as nossas cousas por bôas ou más ao mesmo tempo, segundo o partido que dominava, ou o que estava apeado do poder; assim, desde que me entendo, vi uma luta permanente entre o partido liberal e o partido conservador, um, o partido liberal, esforçando-se por estender as liberdades publicas, outro, o partido conservador, esforçando-se em sentido contrario, isto é, empregando todos os meios para comprimir essas liberdades......

Não é de hoje só que assim se pratica, foi e tem sido sempre e em toda a parte.

O Sr. Souza Reis: — A cousa está no comprehender, mas o nobre deputado vai bem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu explico. O partido que se esforça por comprimir as liberdades publicas, não é o partido que comprime os cidadãos: ha muita differença em ter uma e outra cousa. O partido que comprime as liberdades publicas, é aquelle que vai destruindo as diversas franquezas sociaes, para que o governo tenha acção mais immediata sobre a população; para que obre sem tantas peas sobre aquellas que teria governando por instituições mais liberaes, e venha assim a exercer uma tutella maior sobre o povo.

O Sr. Souza Reis: — Mas isto com o *modus in rebus*?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas, senhores, esta luta que data entre nós de muito tempo já não existe mais; o partido liberal á força de combater constantemente para sustentar as liberdades publicas, foi sempre na pratica constante curvando a serviz ao partido saquarema, até que se confessou vencido e despresou todos os seus principios, todas as suas idéas.

O Sr. Souza Reis: — E não estar na casa o Sr. Brito!

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Todas as vezes que os saquaremas se achavam no poder, cortavam um dos ramos da arvore da liberdade, cortavam uma das garantias sociaes, cortavam mais outros ramos e mais outros....

O Sr. Fenelon: — Assim já estamos em arvore secca.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Os liberaes na opposição clamavam, esbravejavam, desesperavam, mas sobem ao poder e callam-se.

O Sr. Souza Reis: — Cortaram o resto dos ramos.

O Sr. Gitirana: — Só ficou a raiz.

(Cruzam-se outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Uma cousa são erros de administração, e outros erros de idéas.

Mas, dizia eu, no poder, calava-se o partido liberal, cruzava os braços e tornava-se então partido conservador, ou partido que quer as instituições que temos, sem a menor reforma progressista. Esta idéa não é minha, já a ouvi de outros: tem-se chamado partido liberal ou do progresso, áquelle que combate as idéas do saquarema, mas eu vejo o contrario, vejo que os liberaes só tem manifestado bons desejos, ou máos, não entro na questão, mas geralmente elles não teem sido progressistas, porque não tem dado nem um passo no caminho do progresso.

O Sr. Souza Reis; — Então fazem o contrario do que apregoam?

Outro Sr. deputado: — Não são o que dizem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Os saquaremas, chamados conservadores, não tem conservado senão as instituições fundamentaes; mas se ha entre nós reformadores, tem sido realmente os saquaremas, por que não se póde chamar conservação á reformas diarias em sentido talvez regressista. Todavia, senhores, muita gente de boa fé existia, que esperava que da administração do partido liberal podessem resultar grandes beneficios, que elle triumphante podesse realisar suas idéas.

O Sr. Gitirana: — Não ha motivo ainda para desesperar.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —...mas desde que o partido liberal subio pela ultima vez ao poder e cruzou os braços como d'antes, desde que na queda elle fez uma revolução ou revolta.

O Sr. Livino de Barros; — Não apoiado, o partido liberal não fez revolta.

O Sr. Luiz Felippe: — E quem foi então?

O Sr. Livino de Barros: — Foi provocado.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Desde que depois dessa revolta ou revolução, o partido liberal renegou todos os seus principios, tanto que cada um de seus membros proclamava-se quasi que exclusivamente amigo do governo que era saquarema, desde então, digo, muito

gente perdeu a fé na salvação do paiz pelo partido liberal, ou antes pelas idéas do partido liberal. (Apoiados.)

O Sr. Gitirana: — Torne as culpas á esses membros do partido e não ás idéas.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Repito, porém, que os saquaremas tem feito com que os membros do partido liberal se tornem amigos do governo saquarema, sectarios de suas idéas. (Apoiados.)

O Sr. Livino de Barros: — Não apoiado.

O Sr. Gitirana: — Não confunda as idéas politicas com o procedimento desses membros do partido.

O Sr. presidente: — Peço aos nobres deputados que deixem o orador proseguir; não o interrompam.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Não me importa ouvir qualquer observação e se poder, dar-lhe-hei logo resposta, até para mim é muito bom porque me anima, e pelo contrario vendo um silencio profundo na casa, estou derrotado. (Riso.)

Mas essas idéas politicas, pergunto eu, onde se manifestam? Nas camaras não as vejo. Mas dir-me-hão os membros desse partido, não tem assento nas camaras, bem; mas na imprensa? Aonde está a imprensa liberal? Não a vejo, vejo que tudo quanto os saquaremas teem feito está bem feito.

O Sr. Livino de Barros: — O maior cego é aquelle que não quer vêr.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Então V. Exc. far-me-ha o obsequio de dizer qual é o jornal que sustenta as idéas, os principios liberaes?

O Sr. Livino de Barros: —Não preciso, porque está demonstrado por si.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Então não tem chegado até meu conhecimento.

Entretanto, senhores, hoje não ha mais quem conteste a miseria, a degradação a que tem chegado o imperio do Brasil, eu o digo e o sustento.

Um Sr. deputado: —Devido ao partido liberal?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Não sei a quem... A nós todos Brasileiros.

Uma voz: —Está bem, como ella entra tambem no numero.

O Sr. Souza Reis: —Mal de muitos consolo é.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não ha muito que um grupo composto dos principaes homens do partido saquarema na côrte do imperio, composto esse grupo do Sr. conselheiro Euzebio, essa eminencia intellectual e politica saquarema e de outros como elle, annunciou essa miseria do Brasil em uma circular que corre impressa em todos os jornaes.

O Sr. Livino de Barros: —E' o seu corpo de delicto.

O Sr. Souza Reis (para o Sr. Affonso): —O seu corpo de delicto?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Meu não, delle.

Os saquaremas pelo seu lado confessam a miseria profunda a que tem chegado o paiz.

Um Sr. deputado: —A confissão não vai tão longe, confessam que as cousas não vão muito bem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu sinto não ter aqui a circular. Demando em miseria profunda, fallo em estado de miseria tão desesperado, que faz medo.

Um Sr. deputado: —Isso é excesso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Excesso, não, é conclusão simplesmente minha. O Exm. visconde de Albuquerque tem dito muitas vezes no senado, que mais vale viver em Loanda do que no Brasil.

Um Sr. deputado: —Isso são desabafos.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não são desabafos; o Sr. visconde de Albuquerque que tem sido sempre o homem da ordem, da reflexão, (apoiados) o homem dos principios conservadores e mais que conservadores, esse homem não sabe como conjurar a tempestade, elle conhece bem a miseria e desgraças do paiz e por isso tem muitas vezes dito e demonstrado no senado, que não ha cousa mais triste, do que ser Brasileiro no Brasil: são expressões suas. Uma vez elle tinha avançado esta proposição, que antes queria viver em Angola do que no Brasil e o Sr. D. Manoel respondeu—não eu; o Sr. visconde de Albuquerque virou-se para elle e disse-lhe—V. Exc. tem sua pataca, não é para os que estão nessas circumstancias que eu fallo—e continuou a demonstrar que não havia cousa mais desgraçada do que ser Brasileiro no Brasil, a ponto que o Sr. D. Manoel disse—é verdade, estou quasi indo.

Um Sr. deputado: —Mas não foi.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Continuou ainda na demonstração e elle disse — estou prompto, vou.

Um Sr. deputado: —Mas não foi. (Risadas.)

O Sr. Souza Reis: — Entretanto não é muito difficil a viagem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' muito difficil naquella edade.

(Cruzam-se outros apartes)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — A mim, se fosse isso possivel, já não estaria nesta terra, por que não acho nada mais difficil do que viver aqui. Mas não antecipemos o que eu tenho de dizer.

O Sr. Souza Reis: —Mas a quem attribue o nobre deputado esses grandes males?

O Sr. Gitirana: — O nobre deputado lembre-se tambem da celebre conciliação.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu não trato agora de quem foi ou não que trouxe os males: se formos á examinar com minuciosidade, veremos que elles partem de todos e principalmente do partido saquarema.

O Sr. Souza Reis: —Vamos á isso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E a demonstração é facil.

O partido saquarema tem pela força ou pelo quer que seja, vencido e levado á vante sempre suas idéas.

Um Sr. Deputado: — Isso prova á seu favor.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — O partido saquarema tem estado quasi sempre no poder, e quando não, o partido liberal tem sempre deixado intactos os seus legados.

Quem é que tem posto obices ao partido saquarema na realisação de suas idéas de governo? Quem, se os liberaes quando tem governado, tem deixado intacto o seu legado? Quem é, portanto, a causa de todas as nossas desgraças, quaesquer que ellas sejam?

O Sr. Souza Reis: — Desde quando datam ellas?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Desde quando o governo começou a metter a mão nas eleições.

O Sr. Souza Reis: —Então é desde a origem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' d'ahi que vem a maior parte da nossa miseria, é dahi que começa a corrupção, e a corrupção começada na eleição, para o que se diz que não ha honra, não ha probidade tem ido sempre em progressão, por que a honra que se perde para uma cousa, vai-se perdendo á pouco e pouco para tudo o mais.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Mas é d'ahi que vem o nosso mal, porque é de corrupção que elle nasce, não é da eleição, mas sim do governo metter a mão na eleição.

Vê-se, pois, que o partido liberal tem grande parte nesses males que nos affligem, e se por esse lado vejo a responsabilidade que cabe ao partido saquarema como autor, por outro vejo tambem a que pertence ao partido liberal.

O Sr. Theodoro da Silva: —Por uma complicidade covarde.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Mais do que isso. Não digo que seja complicidade covarde, porque elle na opposição não podia cortar o mal, fallo, sim, quando estiveram no poder, e se sustentaram nelle sem executar suas idéas, aceitaram o que existia de máo, estabeleceram a peior de todas as anarchias, a anarchia governamental. (Apoiados.)

O Sr. Livino de Barros: —Não apoiado.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Se é terrivel a anarchia do povo, se cruel e desgraçada, o que não é a anarchia do governo? Eu ainda não vi e do pouco que tenho lido, ainda não soube que tenha havido cousa tão selvagem como o dominio liberal no Brasil (apoiados); ainda não vi homens respeitaveis proclamando as idéas mais livres e mais bellas, e no poder praticarem cousas mais terriveis, mais miseraveis que se podem dar, do que o partido liberal, que plantou a anarchia, a confusão completa no paiz.

E' isto o que acontece ao governo que transforma o povo em instrumento para se servir delle. Senhores, não obstante, eu não accuso o partido liberal.

Um Sr. deputado: —Isso é que é notavel.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Por um lado eu desculpo o partido liberal, não o desculpo totalmente, mas acho que o partido liberal teve bons desejos de pôr em pratica suas idéas ao subir ao poder, teve muito bons desejos, não que eu o ouvisse de algum de seus chefes, porque de mais a mais, eu nunca tive relações com gente grande, mas porque é de presumir que assim o fosse, porque tantos homens distinctos, tantos homens de boas intenções na opposição, de tão bellos principios, não era possivel que só com a subida ao poder, esquecessem todas as suas idéas, e n'um momento se desmentissem, não é de crer isso.

Um Sr. deputado: — E' difficil de comprehender-se.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas eu não quero julga-los; não sei qual é a desgraça que persegue e acompanha o partido liberal e os saquaremas, que um não póde pôr em pratica suas idéas, e outro não póde moralisar o seu governo.

O partido liberal no poder não pôde pôr em pratica suas idéas: o que fazer? para sustentar-se levanta o povo e diz-lhe—nós não podemos dar-vos a liberdade legal porque não o podemos fazer, tomai licença; cada um é livre para dar pancadas e fazer o que quizer—e ahi está um povo contente, feliz, e viva o partido liberal, viva a administração do paiz!

Um Sr. deputado: —Isso é o pensamento do nobre deputado.

Outro Sr. deputado: —Qual é o partido então que deve governar o paiz? Todos elles são máos?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Não acho partido que deva governar o paiz; o paiz deve ser governado pela lei.

O Sr. Drummond: —Mas todos esses que teem governado o paiz, o governam segundo a lei, ou ao menos assim o dizem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Nisto é que está a differença: proclamam o dominio da lei mas não a executam.

Dizia eu, senhores, quando fiz a digressão para responder aos apartes dos nobres deputados, que o estado da miseria publica e individual degradação a que temos chegado, não é mais hoje contestado, é reconhecido por todos, e para prova, vamos fazer uma resenha, vamos recapitular o que se tem feito.

(Ha um aparte.)

Já disse que não sei d'onde vem a causa; vem de nós todos, mas o que é certo é, que a miseria é patente e por todos confessada.

Vamos a ver o que tem feito o partido saquarema no poder, a que estado tem deixado chegar o paiz, e comecemos pela fonte principal da nossa existencia, da nossa vida, pela riqueza do estado, pela agricultura. A que está reduzida a agricultura? Examinemos as rendas do imperio e veremos que estamos ameaçados de morrer de fome.

Um Sr. deputado: —E o que fez o partido liberal?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu digo que o partido saquarema tem governado sempre, digo que ninguem tem posto obices aos seus passos; digo que nós temos chegado á uma profunda miseria, que não sei quem é a causa della; digo, que o partido saquarema governando não tem melhorado em nada o estado do paiz, digo que isto é fructo das idéas politicas dominantes no Brasil, ou então é uma fatalidade que persegue os partidos, que jámais podem realisar uma idéa util ao paiz.

Eu peço desculpa das minhas palavras aos nobres deputados, porque eu não estou acostumado á isto e a minha intenção, o meu desejo, é não attribuir a nenhum dos lados politicos positiva e odiosamente a culpa dos nossos males; não quero fazer recahir odiosidade sobre nenhum delles, porque em meu coração ella não existe.

O Sr. Theodoro Silva: —E' bem difficil isto!

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se examinarmos, como dizia, a agricultura, vejo que já quasi não faz conta plantar cannas.

Um Sr. deputado: —Mormente depois da cessação do trafico de Africanos.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Ora, se nós do norte do imperio não plantarmos canna, de que viveremos? Tem-se feito alguma cousa em beneficio da agricultura? Qual é a razão porque não faz conta plantar canna? Será pela fraqueza de nossos terrenos? Não, os nossos terrenos são em si, dizem as pessoas entendidas, os melhores e mais productivos que ha no mundo....

O Sr. Penna: — Vem da carestia dos salarios.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Os salarios estão sempre em proporção com as circumstancias do paiz.

Nós temos gente e bons terrenos como existem em outras partes, os outros produzem assucar que concorrendo com o nosso nos mercados da Europa, fazem com que o nosso não obtenha preço, e conseguintemente que não possamos mais trabalhar na agricultura. Ora d'onde vem isto? Da incuria, do deleixo dos Brasileiros?

O Sr. Pina: —Vem da baixa do assucar. (Risadas.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Essa é a questão. Mas porque ha baixa do assucar? Porque os outros paizes produzem assucar melhor e mais barato, produzem mais, e nós mais caro e peior, logo não faz conta plantar mais canna.

Se olhamos para o café, acabamos de vêr na côrte do imperio uma grande baixa nesse genero.

Um Sr. deputado: —E' o contrario.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Será este anno, mas ainda o anno passado vimos que elle teve uma quebra a tal ponto, que grande numero de plantadores do Rio e Minas mandaram vender seus escravos e a exportação de escravos, d'aqui para o sul acabou. (Não apoiados)

O Sr. Gitirana: —Deixem o orador continuar o seu discurso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Pois bem, seja isso a respeito do café, mas quanto ao assucar ninguem contesta que está n'um estado de ruina tal, que seu preço está tão baixo, que ameaça matar de fome aos plantadores.

O Sr. Ignacio Leão: —Isso é verdade.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se olhamos para o commercio, o que vemos? Vemos um commercio de traficancias, vemos uma alluvião de bancos, que só produzem a baixa da moeda, que só produziram a alça dos generos, de que só resultaram os beneficios monopolistas de dinheiro.

O Sr. Souza Reis: —Boa occasião de chamar á contas o Sr. Souza Franco!

O Sr. Affonso de Albuquerque.—Vimos essa alluvião de bancos que em vez de trazer beneficio á agricultura só serviram de empeiora-la.

O Sr. Livino de Barros: —E' porque são muito poucos ainda.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Quantos mais peior, porque os bancos não emprestam dinheiro aos agricultores, mas a certos e determinados individuos á quem o dão a oito por cento para emprestar aos agricultores a 18 e a 24. Ora, se o juro fosse sempre a 24 por cento para todos, esta circumstancia seria igual para todos e assim a melhora de uns não seria a ruina de outros, por outra, hoje o agricultor não pode concorrer tomando dinheiro a 24 por cento, com aquelle que o toma á oito, d'onde se segue que os bancos em lugar de servirem de beneficio para a agricultura, fôram sua desgraça.

Um Sr. deputado: —Bancos commerciaes.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —As minhas habilitações estão muito distantes de eu poder entrar em materia de finanças, mas tambem para dizer o que intento, não são precisos grandes conhecimentos; o que todos estamos vendo é que o imperio todos os dias se individa mais e mais sem apparecer nenhum resultado, sem apparecer o menor beneficio, sem mesmo ter havido cousa que désse lugar a necessitarmos contrahir esses compromissos.

Os nossos meios de vida.—Vivemos em um paiz que se diz que é um dos primeiros do mundo, uma natureza fertil, toda virgem, um paiz todo regado de grandes rios, e no entanto não ha meios de vida para o Brasileiro! Acho que isto é um facto que ninguem contesta, o clamor é geral; o mais insignificante emprego, cujo ordenado não dá para passar tres mezes, é solicitado pelo mundo inteiro, por falta de meios de vida.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Muita gente que procura empregos insignificantes, se tivesse meios de vida não os procuraria.

Um Sr. deputado: —E' mania nossa.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' falta de meios de vida. Eu quizera que em tempo competente qualquer dos honrados membros tomasse a palavra e me mostrasse quaes são os meios de vida na nossa terra, quando nós vemos o estado da nossa agricultura, quando vemos as grandes propriedades territoriaes em tão poucas mãos, sem essa divisão que podia trazer emprego a muita gente.

O Sr. Souza Reis: —Não se póde fazer tudo de uma vez; alguma cousa já se tem feito, e para prova ahi estão as estradas de ferro que o governo tem mandado fazer.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Ora uma secção de estrada de ferro é que ha de dar meios de vida a um paiz onde ha tanta miseria!

O Sr. Souza Reis: —Mas concorda que foi um beneficio á agricultura?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Um beneficio a um cantinho do imperio! (Não apoiados.) No entanto com isto é que eu concordo, e que vamos fazer alguma cousa.

O Sr. Souza Reis: —Isto é fazer muita cousa, as estradas de ferro custam muito dinheiro.

O Sr. Theodoro Silva: — Menos custariam se....

O Sr. Affonso de Albuquerque: —As estradas de ferro custam muito caro e produzem poucos beneficios á agricultura, produzem beneficios em relação á um canto, mas não produzem beneficios na proporção dos sacrificios que custam, nem em relação ao imperio....

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E onde se vai buscar dinheiro para fazer estradas de ferro em todo o imperio? A agricultura precisa de beneficios, mas de beneficios que aproveitem em geral ao paiz, e não beneficios particulares a um lugar.

A falta de garantia de todos os direitos e de segurança individual.

Um Sr. deputado: —Tem melhorado.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Na falta de segurança individual e garantia dos direitos, temos melhorado? Eu entendo que temos peiorado muito e muito.

O Sr. Pina: —Não apoiado; Pernambuco de hoje, não é o Pernambuco de ha 14, 16 ou menos annos á esta parte.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Porque? Será porque hoje se mata menos?

Um Sr. Deputado: —Esse pouco!

O Sr. Drummond: —Pois acha isto pouco?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Matar-se menos é um beneficio, mas vâmos á causa, vâmos a saber qual a razão porque hoje se mata menos.

Um Sr. deputado: —Porque a punição vai sendo certa.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Nós veremos que a causa de se matar menos não tem uma fonte moral, tem uma fonte desgraçada.

O Sr. Fenelon: —Bemdita fonte que dá tal resultado!

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Talvez o nobre deputado não diga assim, depois de ouvir o que eu vou dizer.

A razão de antigamente se matar muito, era porque qualquer homem pequeno julgava-se forte, qualquer era capaz de usar de uma vindicta contra o que lhe tivesse offendido, e então appareciam essas mortes, essas tantas desgraças; mas hoje que o potentado está acastellado no seu feudo....

Um Sr. deputado: —Já não se conhecem potentados hoje.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Hoje se move tudo ao acceno de um potentado.

O Sr. Drummond: —Temos visto muitos potentados nos bancos dos réos.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu uma vez fiz um projecto assim: —Artigo tal—matar—se fôr sujeito que tiver tantos contos de réis, pena—tanto de multa (que é o que elle póde despender com advogado e mais despezas do processo) e seis mezes de cadeia (que é tambem o tempo que actualmente está preso o individuo—não miseravel.)—Isto é o que devia ser e talvez fosse melhor.

Um Sr. deputado: —Isso era autorisar o assassinato.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas se é assim que succede? Qual foi o homem de certa posição, que ja foi condemnado por ter mandado matar alguem? Pois não conhecemos nós o paiz?

O Sr. Luiz Filippe: —Nisto tem toda a razão.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Pois não conhecemos nós todos os que tem mandado matar e os que matam?

Um Sr. deputado: —E' o jury.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não me fallem no desgraçado jury do nosso paiz, porque o jury não tem culpa do que se faz. N'um paiz em que nenhum homem tem segurança individual, em que nenhum homem tem segurança em nenhum dos seus direitos, pode um jurado votar livremente?

O Sr. Souza Reis: —Não é essa a razão.

O Sr. Luiz Filippe: —Haja melhor escolha de jurados.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Melhor escolha! Então é preciso que se forme o jury de senhores de engenhos, proprietarios e negociantes que tenham para mais de cem contos de reis.

O Sr. Luiz Filippe: —Não, seja-o quem poder dar seu voto com independencia e conhecimento.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Qual! Se não houverem dependencias por necessidade, hão de existir outras, dependencias politicas e outras, com tanto que as decisões se não hão de fundar na lei e na justiça.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se essa razão prevalecer, de que devemos acabar com o jury porque está viciado, então deve-se acabar com tudo, porque o que é que não está viciado entre nós?

O Sr. Souza Reis: —E' a consequencia que se pode deduzir das palavras do nobre deputado.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não, não acabemos com tudo, para isso é que temos o cadinho da razão; deposemos as nossas instituições, tiremos o que é máo e aproveitemos o que é bom; haja patriotismo e boas intenções, e não carecemos de mais nada.

Um Sr. deputado: —Aonde se descobre isso?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Segue-se que nós iremos de mal a peior, porque se não houver patriotismo, se não houver dedicação, se não houverem boas intenções, então da miseria nós cahiremos na dissolução inevitavelmente.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se o nobre deputado confessa que não ha patriotismo nem boas intenções...

O Sr. Souza Reis: —Quem confessa?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Elle perguntou onde vou encontrar isto...

O Sr. Theodoro Silva: —O nobre deputado prova mesmo que ainda ha muito patriotismo na nossa terra.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Muito obrigado pelo elogio. Eu não digo isto por patriotismo, digo-o porque estou condemnado a viver n'uma terra desgraçada, d'onde não posso sahir ainda que queira.

O Sr. Cintra: —Porque não vai para Angola?

(Ha um outro aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não é só a lei que prohibe, prohibem-no tambem as circunstancias. O homem tem outras cadêas que o prendem alem das leis; essas cadêas eu as tenho bem fortes, e são ellas que me prendem.

Não é, pois, por patriotismo que avanço estas proposições, mas como por uma fatalidade, por uma circumstancia fortuita tenho assento por alguns dias nesta casa, quiz expender estes pensamentos que ha vinte annos me dominam, quiz ennuncia-los aqui para ver se acordo esse povo, esta republica como a republica Romana foi acordada pelos...

Um Sr. deputado: —Se o acordar fica peior:

(outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu não tenho taes pretenções, porém assim ainda atiro esta pedra, jogo este dado que não me custa cousa alguma; e talvez breve tenha de retirar-me; e repito ainda, não o faço por patriotismo, faço-o porque eu como outro qualquer não tenho garantias em meus direitos. (Não apoiados.)

Um Sr. deputado: —Veja o nobre deputado como está gozando amplamente do seu direito.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não temos tal garantia; eu vivo como outro qualquer nas mesmas circunstancias, na dependencia, vivo curvando a cabeça ao forte e ao poderoso.

Um Sr. deputado: —Não me consta que o nobre deputado o tenha feito.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu vou andando passo a passo e apalpando o terreno; se não fora isso ja teria sido esmagado.

Eu tenho dito muitas vezes se vir um assassino descarregar o punhal em alguem, se conhecer quem é o braço que fere, podendo suspeitar que vem de um poderoso, eu não irei servir de testemunha.

Um Sr. deputado: —Isso é que falta de patriotismo.

(Cruzam-se muitos outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não tenho patriotismo.

O Sr. Pina: —Pois eu tenho a precisa coragem.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu não, porque o que eu vejo é, que a maior parte dos individuos que sabem dos factos criminosos não vão jurar e outros vão perjurar.

(Ha ainda alguns apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não tenham medo os nobres deputados que estas minhas palavras produzam algum máo effeito na população.

Um Sr. deputado: —Mas é assim que quer moralisar a sociedade?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Então ja ha mal?

O Sr. Fenelon: —O nobre deputado diz que assim procede...

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Digo que o faço e estou prompto para assim obrar. Felizmente ainda me não chamaram para testemunha, mas se me chamarem, lá não vou.

O Sr. Pina: —Pois não quer concorrer para a punição do crime?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Para que, quando a lei não dá garantias, eu no outro dia, seja esmagado?

Um Sr. deputado: —Aonde vio o nobre deputado isto?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu lhe digo aonde vi. Eu vi que nenhum dos assassinos que teem commettido tantos crimes, ainda foi condemnado....

Um Sr. deputado: — O motivo é porque os jurados pensam como o senhor. (Outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque.—Eu estou descrevendo o paiz, e não estou em excepção de regra.

Eu vejo isto senhores, que na maior parte dos processos as testemunhas que vão depôr não são as pessoas que sabem do facto, as que o sabem, essas não vão depôr, e as que lá vão perjuram: ora eu que tenho mulher e tres filhos, não vou tambem depor a verdade, porque não quero perder a vida. Sei que é um homem que tem de ser absolvido, e por consequencia não vou lá depôr, para fazer a minha desgraça.

O meu desejo, senhores, é sahir desta terra aonde não ha patriotismo, aonde se pergunta em que parte se irá buscar essa mercadoria? Vai-se buscar na terra em que qualquer que vê praticar-se um facto criminoso, vai jurar contra quem quer que seja; e na terra aonde se não dá isto, aonde a sociedade toda se não dá por offendida pelo attentado praticado contra um de seus membros, na terra aonde todos não concorrem para o desaggravo, para a punição do que offende a sociedade em seus direitos, nessa terra em que não ha patriotismo, ahi não se póde viver, porque é essa a terra que vive na miseria e na abjecção, que caminha para a prompta dissolução.

O Sr. Theodoro Silva: —Não attribúa isso aos magistrados e ás leis, attribúam antes á indifferença e falta de espirito publico (outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu não gosto de fallar de mim, portanto ainda repito, não tenho patriotismo, não sei se algum dia o tive, mas hoje não o tenho.

Um Sr. deputado: —Está na descrença.

(Ha um outro aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Quando quizerem, vamos metter hombros ao trabalho, que se eu achar da parte de todos sentimentos patrioticos, se achar da parte de alguns serias disposições de concorrer para a moralidade do paiz então eu estarei prompto.

Um Sr. deputado: —Ainda se sente com forças para ser patriota?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Uma andorinha só não faz verão, e eu não tenho esses desejos de ser patriota, nem serei eu só que vá melhorar as circumstancias do paiz.

O Sr. Souza Reis dá um aparte.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E o senhor diz aonde vou buscar patriotismo?

Ainda uma das nossas miserias, senhores, a barbaridade do recrutamento. Póde haver nada mais barbaro, mais selvagem, mais terrivel, mais desgraçado do que o modo por que se faz o recrutamento na nossa terra? Arranca-se dos braços da mãi o menino de 10 annos....

Um Sr. deputado: — A's vezes ainda mamando.

O Sr. Affonso de Albuquerque.—O passaro, senhores, não abandona seus filhos, senão coberto de pennas, mas á mãi do homem arranca-se o filho de seus braços para ser imperial marinheiro, ás vezes quando elle não tem mais de dez annos! Ha mãis que choram por verem seus filhos sahirem de casa para ir ás escolas; desfazem-se em lagrimas e ficam doentes em suas camas, mas essas estão em posição de o poderem fazer, as outras, porém, que vêem seus filhos arrancados de seus braços para serem imperiaes marinheiros, sujeitos aos rigores de disciplina, ás ordens de superiores, essas não terão tambem coração?

Um Sr. deputado: —A materia dá para descrever um quadro bem triste, mas creio que não é tanto.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não é assim? Porventura no recrutamento se attende ás circumstancias do individuo? Attende-se ás suas isenções?

O Sr. Drummond: —E' o arbitrio e a perseguição. (Apoiados.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' a perseguição especialmente por motivos de eleições.

O Sr. Pina: —Apoiado.

Outro Sr. deputado.—Já sei que o nobre deputado se podesse acabava com as eleições.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —De duas uma, ou se moralise a eleição, ou acabe-se com ella. A eleição, senhores, é como todas as outras cousas de que tenho fallado, e de que não tenho fallado que existem no imperio; está viciada, corrompida, desmoralisada e se não se póde acabar com tudo, tratemos de purificar o que está mão.

A guarda nacional, meus senhores, é outro objecto de nossas miserias, é fonte de muitas infamias. E' um atropello constante que soffre a guarda nacional, é o rigor mais exagerado, mais barbaro que póde haver, não o rigor de disciplina de lei, mas o rigor do capricho, o despotismo dos Senhores officiaes, o despotismo de todos os superiores. O guarda nacional entre nós é o ente mais abjecto da sociedade.

(Não apoiados.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não é?

Um Sr. deputado: —E' um cidadão prestante.

O Sr. Affonso de Albuquerque.—Veja o nobre deputado qualquer que quer ter alguma garantia na guarda nacional procura com todas as forças ser official, porque o que é um soldado de guarda nacional?

Um Sr. deputado: —E' um cidadão.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Quem é que quer pôr a granadeira ao hombro?

O Sr. Pina: —E' o mal de nossa terra.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' porque o soldado de guarda nacional não tem a menor garantia.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —O official pisa o soldado da guarda nacional, como não pisa muita gente ao seu cão, e no matto, muito peior; lá um guarda nacional não tem qualificação nenhuma.

O Sr. Pina: —Concordo.

O Sr. Braulio: —Aqui mesmo vê-se muitas cousas peiores que no mato.

(Ha um outro aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu sou matuto, da villa ou da cidade do Cabo. Talvez eu fosse assim mesmo injusto em achar peior a posição da guarda nacional no matto, do que a d'aqui da capital, porque ouço dizer que aqui ha um grande atropello, de serviço muitas vezes activo; mas emfim eu não escolho.

Um Sr. deputado: —Quanto ao trabalho aqui é muito maior, mas quanto á sujeição, não.

O Sr. Luiz Filippe: —Salvo no Cabo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — A nossa comarca é muito differente das outras.

Ainda é outro objecto das nossas miserias, o augmento constante de arbitrio ás autoridades; arbitrio que se concede sem que a autoridade seja moralisada, o que é fonte de grandes males.

Quando a autoridade é moralisada, que se lhe dê arbitrio, vá; mas dar-se arbitrio á autoridade quando ella não é moralisada, é uma desgraça sem remedio.

Um Sr. deputado: —Acabe com elles.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — As reformas constantes e improficuas, ainda são uma confirmação de tudo quanto tenho dito. A immoralidade nas eleições, e conseguintemente em todas as outras cousas, tem obrigado á reformas, conservando-se a corrupção de cousas, e cada vez á peior.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — A prova é que hoje se reforma e amanhãa ainda se reforma a mesma cousa.

Um Sr. deputado: —Isso prova o progresso.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não, não é o resultado do progresso, e o exemplo está nas eleições. Quantas vezes se tem reformado á lei de eleições? Tem desapparecido os abusos?

Um Sr. deputado: — A' proporção que se vai civilisando o paiz, vai-se reformando.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Mas cada vez o abuso é maior. O que prova que o abuso é maior, é que todas as vezes que se reforma, essa reforma é uma lei maior que a reformada, isto é, é maior que a lei antiga, e dá lugar a todos os seus abusos, e mais alguns.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — A prova da corrupção de um paiz é a multiplicidade de sua legislação.

Um Sr. deputado: — Vejamos o que se passou na ultima eleição.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Deus me livre! Passou-se peior do que sempre.

O Sr. Souza Reis: —Assim mesmo não houveram tantos abusos.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — O povo vai aprendendo á fazer peior, vai se exercitando na immoralidade, (não apoiados) e das eleições é que tem nascido todas ellas.

O Sr. Gitirana: — Immoralidade que não é do povo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' verdade, do povo pequeno, não digo bem, não é delle, mas é do governo, é do povo grande, todo, ou quasi todo.

O Sr. Gitirana: — Tambem assevero que não é da lei.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Quando o paiz está desmoralisado, não ha lei que seja capaz de prevenir os abusos. A lei póde ser muito boa, mas é preciso que haja da parte de quem a executa moralidade, para tirar-se um bom resultado. Como disse ainda agora, senhores, a eleição se abstrae completamente de honra, de dignidade, não ha palavra, não ha juramento, não ha nella alguma cousa santa ou respeitavel; faltas, crimes, tudo quanto se commette em eleições é licito, é bom, furto de urnas, espancamentos...

Um Sr. deputado: —Ainda se furtam urnas?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —No Rio Grande do Norte.

Um Sr. deputado: —Isso é lá!

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu fallo no Brasil; e por ventura o Rio Grande do Norte não pertence ao Brasil? Lá, um homem que foi furtar uma urna levou um tiro e morreu; e em Aguas Bellas nós vimos o que houve.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Eu pergunto aos senhores, se continuarmos com as eleições como vão, com este processo immoral com que vamos, a que ponto de immoralidade teremos de chegar? Será possivel escaparmos á dissolução?

O Sr. Souza Reis: —Ora! ora! ora!

O Sr. Pina: —Estamos muito longe.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eu cuido que quando chegamos ao ponto de dizer-se que não ha honra, não ha dignidade...

Um Sr. deputado —Quem diz isso?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Todo o mundo o diz e reconhece. (Não apoiados.)

Bem, os nobres deputados são excepções de todo o povo do Brasil, porque não ha quem não diga, que em eleições não ha honra nem dignidade.

O Sr. Braulio: —No senado já foi dito isto.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não ha traficancia que não se julgue digna em uma eleição. Ora, quando chegarmos á este ponto, que paradeiro teremos?

Na eleição não se attende á lei, attende-se ao patronato, attende-se ás recommendações do governo, attende-se ao candidato que faz juiz municipal, que faz juiz de direito, que remove desta para aquella comarca, que dá fitas, carachás, e faz barões; attende-se finalmente á vontade do governo; e a opposição quando póde faz tudo isto, faz omesmo; não me refiro á opposição praeira, e á opposição qualquer que seja, á qualquer candidato mesmo. Agora não digo que não hajam excepções no nosso paiz, que não existam homens de honra e de dignidade, não, porque do contrario já teriamos chegado á dissolução.

O Sr. Souza Reis: — Então não se póde dizer como disse o nobre deputado, não ha honra, não ha dignidade, não ha moralidade.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Essa é a regra geral, se assim não fosse, se não houvessem excepções, então dizia logo, estamos em dissolução; não, ainda ha uma formula, uma exterioridade, uma apparencia, um simulacro, uma hypocresia, e portanto respeito á moral.

Um Sr. deputado: — Ainda ha verdade.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Muito pouca. Dos funccionarios publicos é um ou outro que cumpre a lei por obdecer o seu dever; no geral, porém, os que a cumprem é sempre em attenção aos seus empenhos. (Não apoiados).

Um Sr. deputado: — Vá a quem toca.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Desgraçada desta terra se não houver emenda nesta carreira miseravel em que vamos.

As ambições politicas sem fundamento nenhum, é outra de nossas miserias; não digo bem ainda, não digo só sem fundamento, digo sem objecto, sem intenção, sem proposito de fazer algum beneficio ao paiz. Todo o mundo aspira a carreira politica, assim como os homens que se dedicam positivamente á ella. O matuto quer ser politico, e faz quanta patifaria ha na eleição, para ser commendador, para ser cavalleiro, para ser delegado.

Um Sr. deputado: — Isso ignorava eu. Dão-se condecorações a quem faz patifarias?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — E no Brasil a quem se dão as honras, não é a quem faz mais patifarias?

O Sr. Gitirana: — Acho bom não dizer patifarias.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Não me refiro á nenhum dos senhores. E' termo que está nos diccionarios?

Um Sr. deputado: — E'.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — E' obsceno?

Um Sr. deputado: — Não.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Pois então? Mas, senhores, d'onde provêm essas ambições filhas do patronato? D'onde provêm essa immoralidade nas eleições? Provêm principalmente do governo e ainda principalmente na actualidade.

Um Sr. deputado: — A constituição não repelle as ambições.

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Ambições illegitimas, sem fundamento?

O Sr. Sousa Reis: — Quem é o juiz?

O Sr. Affonso de Albuquerque: — Vou mostrar como essas ambições são illegitimas.

Um Sr. deputado: -- Como excluir as illegitimas?

O Sr. Souza Reis: -- Cada um é juiz de si mesmo nesta materia.

O Sr. Affonso de Albuquerque: -- O nobre deputado interrompeu-me e não me deixou concluir meu pensamento. Eu digo que esta miseria das eleições, que esta falta de patriotismo provém das ambições illegitimas, digo que essas ambições illegitimas provém do governo e muito principalmente na actualidade.

Demonstrei que se hoje já não existem principios liberaes, se desde muito não existem, se não ha mais á temer as idéas desse partido, se todo o mundo se proclama de muito bom gosto conservador....

Um Sr. deputado: -- Todo o mundo, não.

O Sr. Affonso de Albuquerque: -- Eu não vejo mais esse partido luzia ou liberal fazer medo a alguem, não vejo que essas idéas por muito tempo, por seculos talvez, possam triumphar....

Um Sr. deputado: -- Reforme a sua sentença.

O Sr. Affonso de Albuquerque: -- Não indago neste momento se será com justiça ou não, não indago se o povo estará habilitado para d'aqui á mais tempo gozar de mais amplidão em suas garantias e direitos politicos, não examino isto; mas digo o que me parece, pelo modo porque as cousas vão, por muito tempo não ha nada á temer das idéas liberaes: ora se assim é, que tem o governo que seja deputado João, Pedro, Sancho ou Martinho por se dizer pertencer a este ou aquelle credo? Que se importa o governo que seja deputado um que se diz ser do partido liberal, ou um que se diz ser do partido saquarema, se mesmo quando o partido liberal estava vivo, forte e em campo, quando tinha muitos orgãos de suas idéas na imprensa, nada realisou de seus principios?

Um Sr. deputado: -- E hoje não existem esses orgãos?

O Sr. Affonso de Albuquerque: -- Existem folhas de papel que se dizem do partido liberal. Se nesse tempo o partido liberal subindo ao poder recebeu e deixou intacto o legado do partido saquarema....

O Sr. Livino de Barros: -- Porque nada pôde fazer nesse tempo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Eis a minha conclusão: eu digo que se quando o partido liberal era forte, quando tinha muitos orgãos em todo o paiz, quando era tão forte que subio ao poder, ainda assim recebeu e deixou intacto o legado do partido conservador, não realisou nenhuma de suas idéas, que mal fará hoje esse desgraçado partido sem significação e sem idéas? Porque não querer o governo que seja Pedro, Paulo ou Sancho deputado porque é liberal?

O Sr. Souza Reis: —Se estivesse aqui o Sr. Britto!

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Pode estar aqui Santo Antonio ou satanaz, para mim é a mesma cousa. (Riso).

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E nesta assembléa quantos satanazes não tem havido e no senado e na camara dos deputados? (Riso).

Mas, senhores, dizia eu quando fui interrompido a respeito das ambições illegitimas — quem julga da legitimidade das ambições? Cada um; mas como não apparecerem essas ambições illegitimas, se o governo que não deve ter medo do partido liberal que nunca o offendeu quando esteve no poder; é o proprio a anima-las intervindo nas eleições, quando elle não devia intervir nem o menos directamente possivel?

Um Sr. deputado: —E talvez lucrasse mais não intervindo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Sim, senhor. Deixe o governo sahir quem quizer, que lá no parlamento não ha quem offenda as idéas do partido saquarema. Não tem o partido saquarema realisado suas idéas de regresso? Não coarctou, por exemplo, as garantias e poderes que tinham as assembléas provinciaes pelo acto addicional? Não coarctou muitas liberdades pela lei da reforma? Não tirou muitos poderes aos jurados pelas reformas que tem feito nessa instituição? Por exemplo não fez uma lei impondo penas aos revolucionarios, a chamada lei de corta-cabeças? Não tem feito tantas outras leis, tantas outras reformas neste sentido, sem que o partido liberal o estorvasse? Devo aproveitar a occasião para fazer uma defeza ao partido saquarema. O partido saquarema nunca fez a lei de chibata para a guarda nacional, essa lei sempre existio, e por miseria do partido liberal, achou esse que devia accusar o outro partido por ter feito esta lei, que elle quando no poder se não lembrou de revogar. Em tudo que o partido saquarema tem feito para coarctar as garantias individuaes, em todas essas leis repressivas, feitas para dar mais força ao governo, não entra a lei da chibata, justiça lhe seja feita.

O Sr. Souza Reis: —Bom, é um peccado de menos.

Um Sr. deputado: —Mas é a mesma lei de corta-cabeças.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não, a lei da chibata existe desde que houve a instituição da guarda nacional, desde então que a lei sujeitou a guarda nacional destacada ao regulamento do conde de Lippe, isto é, deu-lhe a disciplina dos corpos de linha, e por isso os castigos corporaes; o mais é uma accusação calumniosa que um partido faz ao outro sem necessidade; e o mais é, que em quanto esteve no poder o partido liberal nunca se lembrou de propor a abolição desta disposição, depois um deputado da opposição propoz essa abolição para ganhar popularidade, e como não passou, gritou o partido liberal, que o outro fizera a lei da chibata. Eis o que foi, uma accusação injusta feita ao partido saquarema.

Para que, pois, Sr. presidente, a intervenção do governo nas eleições? Para que arredar e temer o partido liberal que mal nenhum lhe fará? Para que, se quando qualquer deputado que for á camara ha de dar o seu apoio ao partido saquarema? Não digo que o dê a todo e qualquer governo, pode nega-lo a este ou aquelle, mas sempre ha de dá-lo ao partido saquarema. Assim, senhores, deve o partido dominante deixar ao paiz o fazer os seus deputados livremente, não se limitar somente a isso, assim como elle pode praticando as maiores das immoralidades como tem feito desde muito tempo, influir por seus agentes na eleição, tambem pode obstar a que não deixem as eleições de serem livres pela intervenção desses agentes.

O Sr. Gitirana: —(ironico) E o governo não o recommenda tanto?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Qual! palavras inuteis.

O Sr. Gitirana: —Eu vi officios mais bellos!

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E que pena correccional ou não correccional vio o nobre deputado applicar aos que infringiram essas recommendações?

O Sr. Souza Reis: —Não houve quem os infringisse.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Não? Pois não ha quem creia em uma recommendação do governo.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Isso é uma ou outra vez quando a cousa é muito escandalosa ou antes quando a autoridade foi rebelde, não se sujeitou ao que o governo queria em contrario ao que dissera.

De mais, senhores, quem não sabe como se faz uma eleição? Eu é que não quero tocar em factos especiaes.

O Sr. Souza Reis: —Não toque nas pessoas, toque nas cousas.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se as culpas são tão geraes.

O Sr. Gitirana: —É bom o nobre deputado descer a alguns factos.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Nada, já disse que sou muito fraco, temo muito as consequencias.

O Sr. Pina: —O nobre deputado é muito pouco corajoso.

Outro Sr. deputado: —Eu estou o desconhecendo.

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Estou muito mudado.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Oh! senhores! vale tão pouco o individuo que não merece a pena que se occupem delle. (Não apoiados.) Vamos adiante.

Observa-se mais entre nós a fraqueza na crença religiosa.

Pois não ha um apoiado?

Felizmente, senhores, e eis porque ainda me animo a dizer estas palavras, o coração deste povo ainda tem sentimentos religiosos muito profundos, ainda ahi desenho sentimentos de religiosidade, de christianismo, de catholicismo, mas a descrença vai lavrando.

Um Sr. deputado: —Devido á que?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —A' immoralidade.

Um Sr. deputado: —Das eleições?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —A eleição é a causa primaria, ahi começa a corrupção que se vai desenvolvendo por todos os ramos de administração, e descendo ao povo.

Um Sr. deputado: —Só?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Se ha corrupção alli e se ella se estende por todos os ramos da administração, a corrupção afecta tambem necessariamente o espirito religioso; e mais e peior ainda do que a fraqueza da crença religiosa, nós temos o que é peior, a hypocrisia.

Um Sr. Deputado: —Do quem?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —De uma parte grande de certa classe elevada da sociedade brasileira. (Não apoiado.)

Ha muita hypocrisia; muita gente ostenta sentimentos religiosos que não tem.

Um Sr. deputado: —E o que se perde?

O Sr. Affonso de Albuquerque: —Perde se por que sempre se conhece quando a manifestação religiosa é de coração e quando é hypocrita; e todas as vezes que se percebe hypocrisia na manifestação religiosa, sempre apparece a descrença, sente-se mais ainda porque o hypocrita procura sempre meio de fazer mal, não digo bem, sempre faz mal; com a manifestação desses principios religiosos vai-se avançando nos degráos da escada social e o individuo habilita-se para fazer o que é de seu capricho. Eu digo isto, senhores, fundado no que vejo; vejo muita gente por causa de sua hypocrisia galgar posições a que não poderia attingir de outro modo.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque: —E' porque a religião é uma verdade, o povo é religioso, e então os que estão de cima, que pouco ou muito pouco creem na religião apparentam esse espirito religioso para ganhar a confiança popular. Por isso os frades da Penha podem dizer quanta barbaridade querem, (reclamações) por isso essas exterioridades sem significação; muda-se o no-

me a villa tal e chama-se-lhe villa do Bom-Conselho, muda-se o nome á villa de Cangueretama e chama-se-lhe villa da Penha.

Um Sr. deputado :—Essa exterioridade não podem influir.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—São hypocrisias para fingir religião. (Cruzam-se apartes.) Para que isso? São as obras que manifestam a religiosidade do homem, são os seus actos e não essas exterioridades.

A corrupção da imprensa, meus senhores, é um mal muito grande e que lavra em grande escala.

O Sr. Souza Reis (a meia voz) :—Isso é com o Sr. Figueirôa.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu não individualiso; e quando quizera, não poderia dizer bem o que penso della porque o Sr. Figueirôa está presente.

Fallo da corrupção da imprensa liberal e já não é do que a imprensa diz, mas daquillo que o governo lhe faz callar.

Um Sr. deputado :—Do que a imprensa não diz.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Muito bem, do que a imprensa não diz. A miseria da imprensa é muito grande pelo que diz, e é muitissimo maior pelo que calla, porque, que necessidade tem o governo de corromper a imprensa? Que necessidade tem de esbanjar tanto dinheiro, tantos centenares de contos de reis para comprar essas folhas, tantos e tantas em todo o imperio, as principaes do paiz?

O Sr. Gitirana (ironico) :—Acho que o nobre deputado quer dizer, que o governo tambem é assignante das folhas.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Póde ser que esteja enganado... mas não, não estou enganado, deu-se até 30 contos de reis por um folheto. (Ha um aparte) Fallo assim á consciencia publica accusadas destes factos, fallando destes factos, meus senhores, meu fim é somente traze-los a um espelho, mostrar patente esse estado de miseria que nos devora, essa corrupção que lavra pelo paiz.

Um Sr. deputado :—Ha muito quem ignore o que o nobre deputado está dizendo.

O Sr. Gitirana :—Eu desejava saber de alguns factos.

O Sr. Affonso da Albuquerque :—Quer que cite os factos, que prove? Não, que eu não venho aqui accusar ninguem.

Um Sr. deputado :—Vem defender.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Nem defender, venho mostrar os abusos que lavram por este paiz desgraçado, venho descobrir a chaga que se occulta debaixo do manto do ourupel.

O Sr. Drummond :—Já estará putrida a chaga?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Já, e em muitas partes é preciso cauterisar, muitos membros do corpo já precisam de amputação.

Ainda mais, senhores, essas creações pomposas, edificios gigantescos fundados sobre um terreno lodaçal e immundo, sua architectura é soberba e deslumbrante, de suas paredes internas gotejam lagrimas de miseria e sangue. Todos os dias uma nova creação, uma nova instituição toda de luxo, de pompa; mas qual o fim, qual o resultado? Será para salvar-nos de tantas miserias? Não, é só para fazer grandes despezas, para emittar a Europa, não, no que ella tem de bom, de util, mas no luxo, na pompa! Não olhamos para a nossa miseria e queremos imittar a Europa no seu luxo!

E, senhores, a sêde immensa de conquista que tem dominado ao partido saquarema, que tem quasi sempre governado o paiz. Tem gasto dinheiro immenso para conquistar Buenos-Ayres, Montevidéo e toda a Confederação Argentina, aonde se tem despejado todos os thesouros dos nossos cofres? (Não apoiados, reclamações.)

Um Sr. deputado :—Tambem isso é devido ás eleições!

O Sr. Affonso de Albuquerque :—E' devido á combinação deste partido e não attribuo ao partido liberal, porque me parece que não tem manifestado taes intenções.

Um Sr. deputado :—Não tem havido taes desejos de conquista.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—E o que se tem feito no Rio da Prata? Para que se tem despendido esses montes de dinheiro?

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não posso crer que seja para ganhar a amisade do povo argentino, porque se assim fosse em parte nenhuma podia o Brasil achar melhor amigo do que aquelle povo.

Um Sr. deputado :—Pois já o Brasil tem dinheiro e forças para desperdiçar no Rio da Prata?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Tem o dinheiro que tem tomado emprestado e despendido inutilmente alli.

Um Sr. deputado :—Então é muito provavel que o Rio da Prata se dissolva primeiro do que o Brasil.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não sei, o que sei é que o governo por causa de sua ambição tem alli despendido dinheiro immenso, tem exhaurido os seus cofres.

Um Sr. deputado :—Antes fosse!

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu acho, senhores, que nós temos outros muitos objectos dignos de conquista dentro do nosso paiz e que com muito menos do que se tem gasto no Rio da Prata nós conquistariamos thesouros immensos. Não temos o vale do Amazonas immenso e como nenhum outro no mercado ha, que devemos conquistar ás selvas á feras, e aos selvagens; temos os melhores rios que podemos conquistar pela navegação, temos immensas terras productivas no centro do paiz, que devemos conquistar pelas communicações, para a agricultura, temos immensos sertões, que devemos conquistar ás seccas, temos outras muitas cousas a conquistar no paiz, não precisamos por tanto de conquistar no Rio da Prata.

Fallo, finalmente, meus senhores, da falta de prestigio, da fraqueza, da dependencia, da immoralidade e da inaptidão da nossa magistratura brasileira.

Um Sr. deputado :—Com muitas e honrosas excepções.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Está bem visto, com honrosas excepções. E' causa desse estado da magistratura em parte as eleições, em parte a miseria dos ordenados que percebe, e finalmente o governo.

Senhores, não ha hoje uma sentença que não se procure obter por meio de um empenho. (Não apoiados, muitas reclamações.)

Um Sr. deputado :—E' a mais revoltante injustiça que o nobre deputado póde fazer. (Outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu não digo que se faça, digo que não conheço um demandista que tenha alguma causa, que não procure empenho para obter sua sentença.

Um Sr. deputado :—Não é consequencia que sejam dadas por empenho. Quando n'um paiz qualquer não ha quem se fie em seu direito e justiça para obter uma sentença, é prova de que a corrupção lavra em grande escala, que a magistratura é immoral, fraca, dependente ou inepta. (Muitas reclamações.)

O Sr. Souza Reis :—Por isto só, não.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Se a consciencia publica se convence de que só por meio de um empenho póde obter suas sentenças, a consequencia é esta.

Um Sr. deputado :—O nobre deputado é advogado?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Sim, senhor.

Um Sr. deputado :—E continua á sê-lo?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Que remedio tenho eu senão continuar!

Um Sr. deputado :—Faz mal.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Quando os meus constituintes me consultam, eu digo-lhes se merece ou não justiça, conforme entendo o direito, mas quanto ao vencimento da causa, pergunto-lhes logo se teem ou não empenhos. (Crusam-se muitos apartes.)

Eu sou advogado de um parente do nobre deputado (o Sr. Siqueira Cavalcante) e elle se quizer póde-lhe informar qual a minha linguagem.

O Sr. Theodoro Silva :—Tem havido no Cabo magistrados muito dignos.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Que duvida! Mas esses magistrados nem por isso teem deixado de receber empenhos.

Um Sr. deputado :—Qual é a consequencia?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Segue-se que se desconfia de todos, apesar de haver alguns probos.

Um Sr. deputado :—Segue-se que ha muita gente com a descrença do nobre deputado.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Bem, eu posso errar, mas não creio que a consciencia publica erre a este ponto. Senhores, com isto eu não quero dizer que os magistrados sejam todos corrompidos, mas em regra o são, consequencia fatal das eleições; não se dobram todos, mas tem aspirações, são obrigados muitas vezes ás influencias eleitoraes que promovem as suas ascenções, ou outra qualquer cousa. (Reclamações.)

Eu não accuso esta classe, lamento-a, lamento-a mais do que todas as outras, e acho que estamos peior no que diz respeito á magistratura do que em tudo mais, por que senhores, a corrupção geral como não havia de afectar a classe dos magistrados?

O Sr. Theodoro Silva :—Eu conheço muitos magistrados independentes, probos, intelligentes a toda a prova.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não duvido.

O Sr. Theodoro Silva :—Digo-lhe mais, honro-me muito de pertencer a essa classe tão distincta.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Póde-se honrar muito, mas chamar á classe da magistratura brasileira distincta!.... O que ha no Brasil distincto?

Um Sr. deputado :—Temos os advogados!

O Sr. Affonso de Albuquerque :—O que, senhores? Pois aonde ha corrupção nos magistrados póde deixar de haver tambem nos advogados? E' talvez aonde mais haja, e fiquem certos que eu não venho defender aqui a ninguem, nem accuso alguem.

Um Sr. deputado :—Vamos a vêr em que termina.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—E' na magistratura, por que della dependem todos os nossos direitos e garantias, é a magistratura que nós vemos no nosso paiz jazer na miseria, por que quando tiver independencia, quando tiver dignidade que não tem, não haverão tantos crimes, tantas immoralidades nas outras classes....

Um Sr. deputado :—Ha excepções.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Diz muito bem, ha suas excepções de homens honrados á quem chamam tollos.

O Sr. Gitirana :—Os do Bonito são todos tollos.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Na magistratura ainda ha homens fortes, eu não digo que a magistratura é em geral corrompida, descubro-lhe mesmo muito bons desejos, mas vejo que ella vive n'uma tal dependencia....

O Sr. Souza Reis :—Eu não sei combinar isto

O Sr. Affonso de Albuquerque :—O que eu digo é isto : (lê)

« A fraqueza, a dependencia, a falta de pres« tigio, a immoralidade, a ineptidão da mages« tratura.»

Não podemos ter bons juizes pela dependencia em que elles vivem, apesar de seus bons desejos, por que eu sou o primeiro a reconhecer que ha magistrados de muito bons desejos, assim como ainda ha homens fortes.

Um Sr. deputado :—Em toda a classe.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Pois bem, eu não digo que a magistratura é em toda moral, digo, que pela sua dependencia e ineptidão não póde cumprir as funcções de seu cargo.

(Ha um aparte.)

Qual é o homem que não sabe que entre nós, quem tem sua causa, ha de procurar um empenho. E' um ou outro facto de excepção, mas a regra é esta.

Um Sr. deputado :—Isso é lá no Cabo.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não, senhores, é do Cabo e de todas as partes, e ainda digo mais, que no Cabo tem havido em geral melhor justiça do que em outras partes.

O Sr. Theodoro Silva :—Bom.

(Outros apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Olhe que elles não estão mais lá, o que está foi a poucos dias e desse não tenho por ora o que dizer. Fallo dos formados, que dos leigos com quanto tambem hajam alguns bons, em geral, misericordia! nem sabem o que fazem.

O Sr. Souza Reis :—Eu afinal hei de concluir do discurso do nobre deputado que tudo vai muito bem.

O Sr. Gitirana :—O nobre deputado falla dos que sabe, eu tambem que os magistrados do Bonito, de Garanhuns, etc., são justos.

Um Sr. deputado :—Lembre-se da fabula das rãas.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não sei o que nos podem dar peior do que a nossa magistratura.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Já disse que ha gente de boas intenções, mas que as não póde executar por dependencia.

O Sr. Miranda :—Muitos resistem á exigencia de alguns advogados.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu, senhores, tenho fallado na magistratura, e vou apresentar uma indicação á bem da magistratura. Digo que em geral a mocidade brasileira tem boas intenções, mas está n'uma dependencia, n'uma fraqueza, que muitas vezes não póde deixar de ser immoral, não podem ainda que queiram ser bons juizes.

(Ha um aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—O homem, senhores, em geral é feito pelas suas circumstancias; o magistrado para ser bom ou máo, qualquer homem, de qualquer classe, para ser bom ou máo, não depende isso de sua vontade, depende das circumstancias, são ellas que o impellem para o bem ou para o mal. As circumstancias em que está a nossa magistratura são taes que ella não póde, apezar de seus bons desejos, ser boa.

O Sr. Theodoro Silva :—O seu elogio eu o dispenso.

(Ha um outro aparte.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu digo que a magistratura no Brasil é má, porque o magistrado está na dependencia do governo, porque é mal pago, o governo manda favorecer eleições pelo magistrado.

O Sr. Drummond :—São os delegados militares que fazem as eleições.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—E o juiz de direito tambem e o juiz municipal.

Ora, o magistrado que está dependente do governo, que delle espera a sua promoção, póde ser bom magistrado? Elle vai servir tambem ao potentado que póde promovê-lo.

De mais, senhores, o que é um magistrado com um ordenado miseravel como elle o tem? Um homem na posição de um magistrado, que deve ter a primeira consideração no lugar em que vive, é esse á quem se não dá meios para viver com independencia, com decencia! E póde uma tal justiça ser boa? Por ventura os magistrados tem coração de diamante que não se possa quebrar? Não é d'ahi que nasce tudo isto que nós vemos, a magistratura aos pés do governo, aos pés dos potentados.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Os do partido do governo é que são potentados, os outros não são potentados.

Por ventura pergunto eu, o juiz municipal vai lá grimpar com o potentado que está nas boas graças do governo?

Um Sr. Deputado :—Não ha potentados da opposição, não ha partido liberal.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Não ha idéas no partido liberal, não ha cousa que possa metter medo ao governo, mas o governo tem medo de uma sombra.

O Sr. Livino de Barros :—Então tem medo de almas.

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Tal é a nossa desgraça!

Concluo, senhores, que não ha crença em cousa alguma no nosso paiz, excepto em uma só — a monarchia....

Um Sr. deputado :—E isso é pouco?!

O Sr. Affonso de Albuquerque :—E' a unica cousa que ainda existe intacta na opinião de todo o paiz....

Um Sr. deputado :—E na do nobre deputado, não?

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Eu não tenho opinião.

Como, portanto, é o que está intacto e isento de todo o vicio no paiz é a monarchia, existe essa base de nossa organisação sem defeito algum, porque não ha no Brasil senão monarchistas de todo o coração, salvas talvez rarissimas excepções....

Um Sr. deputado :—E pessoaes.

(Cruzam-se apartes.)

O Sr. Affonso de Albuquerque :—Em outro tempo ainda houve alguns que achando que as miserias e degradações vinham das instituições, procuraram minar a monarchia, destrui-la; mas nada fizeram, todo o povo tem feito uma manifestação universal de reprovação contra taes principios.

Assim, se tudo está impuro e corrompido e só está isento da corrupção o principio monarchico, vamos tirar o edificio da grande monarchia brasileira de cima desse terreno lodaçal que o deixa precipitar nos seus abysmos profundos e insondaveis, vamos solidifica-lo para salva-lo e o povo desgraçado da tremenda queda que ameaça perdê-los. Se não se levanta um dique contra a corrupção, ella contaminará o coração do ultimo homem, e então a dissolução social é infallivel. Tratemos de purificar o que ha de máo porque só assim salvaremos a monarchia. E' este o meu fim, é este um desses pensamentos que quero realisar com a minha indicação á respeito da magistratura que é a chaga principal que corroe o nosso corpo social depois das eleições; que é a primeira necessidade, a primeira garantia social. Se merecer as honras da discussão apresentarei as razões em que me fundo para pedir á casa o que está nella indicado em suas partes.

REVISTA DIARIA.

Nos informam que os desmandos e immoralidades, que iam pela ribeira da Boa-vista, e de que por vezes temos dado noticia reclamando por providencias, se não cessaram no todo, soffreram uma sensivel diminuição na força expansiva, que apresentavam; porquanto o Sr. delegado Dr. Fonceca Albuquerque tem dado acertadas providencias, para acabar com aquelle fóco de escandalos e de constantes offensas á honestidade e ao decoro das familias.

Estas de presente acham-se menos assombradas e mais satisfeitas pela confiança, que tem na autoridade, que assim se manifesta sob o bello aspecto de zeladora da lei.

— O Sr. José Alves Tenorio annuncia possuir um agente curativo da hydropesia, que sempre se ha manifestado efficaz em suas applicações, segundo sua asseveração.

Esse agente pertence ao reino vegetal.

Desejaremos que a descoberta do Sr. Tenorio, por seus effeitos debelladores do terrivel mal, contra o qual se lhe assigna o caracter de especifico, corresponda sempre a elle, e não fique no circulo apertado do charlatanismo.

A confiança com que se expressa o Sr. Tenorio, garante a sua convicção a respeito, convicção que assenta em factos da sua clinica, sendo muito significativo o convite de exame aos seus doentes, a que se já prestou o Sr. Dr. Sabino, em quem a opinião publica póde-se mui bem louvar, não só por sua illustração, como por não costumar baratear sua missão sublime.

— A moralidade publica tem direitos, que não podem ser offendidos por quem quer que seja; e para isto a nossa legislação criminal comminou penas que devem ser impostas para transgressão.

Isto lembramos ao inspector de quarteirão da rua da Florentina, afim de que o faça observar com relação á essas pessoas, que ahi a nada respeitam, escandalisando as familias honestas com os seus desmandos.

— Da rua da União fazem algumas reclamações sobre *umas visitas* inconvenientes que ao incommodo reunem o escandalo.

Bom será que cessem pois taes visitas, a que se não pode chamar um facto de vida domestica, e por isso fora da acção da critica.

E' regra de boa educação, que nos accommodemos á localidade em que vivemos, sendo respeitadores dos usos e costumes.

— No concurso a que se procede na thesouraria de fazenda para praticantes, teve hontem lugar a prova sobre principios de regencia da grammatica nacional, e sobre orthographia.

Segue-se hoje a prova sobre arithemetica.

São examinadores os Srs. João Francisco de Moura e Drs. João Vicente da Silva Costa e Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.

— *Subdivisão do sólo da França.*—Em 1855 era ella de 52,305,744 hectares, (cada hectare vale 10,000 metros quadrados, que equivalem á 2,083 braças e 33 c. quadradas), subdivididos conforme sua natureza, como segue:

Terras araves	25,500:075
Matas ou florestas	7,688:286
Charnecas, alagados, pastos, rochedos, montanhas incultas, terras realengas	7.138:282
Prados	5,159:179
Vinhas	2,088:648
Estradas, caminhos, ruas, praças, passeios	1,102:122
Bosques, e capoeiras	1,047,684
Pomares, viveiros de plantas e jardins	627:704
Castanheiras	559:029
Rios, lagos e riachos	439.572
Tanques, lagoas	177,668
Outros terrenos livres de imposto	150,458
Oliveiras amendoeiras e amoreiras	109.261
Vimeiras salgueiras etc	64:429
Alagadiços, canaes de irrigação, bebedores	17:372
Cemiterios presbyterios, edeficios publicos, igrejas	14:742
Canaes de navegação	12:272
Pedreiras e fabricas diversas	3:566
Total igual	52,305:744

— Pessoa de confiança nossa remette-nos o seguinte:

« Havendo o portuguez Manoel Rodrigues Fernandes Leal, se casado nesta freguezia de S. Antonio com D. Emilia Sindolfa Deniz e Silva, e logo embarcado para o reino de Portugal, chegou ao conhecimento do Sr. Dr. vigario geral Antonio da Cunha e Figueiredo, que o dito Leal era alli casado: o que sendo averiguado, conheceu-se que este havia justificado o seu estado de solteiro, com testemunhas falsas.

« O Sr. Dr. vigario geral officiou, após essa averiguação, ao Sr. Dr. chefe de policia, remettendo os nomes das testemunhas, e outras informações, e instaurado o competente processo foram pronunciados Fernanndes Leal pelo crime de bigamia, assim como as testemunhas e coniventes Manoel Joaquim Lopes, Francisco José Correia Marques, e Lourenço de Freitas Guimarães; os dous ultimos estão recolhidos á casa de detenção, não acontencendo o mesmo com o autor do crime Fernandes Leal, e a testemunha Joaquim Lopes que evitaram a prisão, o 1º por se haver retirado e o 2º por achar-se occulto em lugar não sabido.

« Prosseguindo as autoridades desta sorte poderemos affirmar que taes escandalos deixarão de ser reproduzidos.

« Não será facil achar-se testemunhas para perjurar em favor deste ou daquelle que se quer mostrar solteiro ou provar idade que não tem, etc., etc. »

— Foram recolhidos á casa de detenção no dia 10 do corrente, 10 homens e 2 mulheres, sendo 8 livres e 4 escravos, a saber: a ordem do Dr. chefe de policia 5, inclusive os pretos Justina e Maria, o 1.º escravo do tenente-coronel Florencio José Carneiro Monteiro e a 2.º escrava de José Noguera de Sousa; a ordem do Dr. delegado do 1.º districto 5, inclusive os escravos Agostinho, do Dr. Bernardo Machado da Costa Doria e João, de Caetano Carneiro de Queiroz; e a ordem do sub-delegado do Recife 2.

— MATADOURO PUBLICO:

Mataram-se no dia 11 do corrente para o consumo desta cidade 62 rezes.

— MORTALIDADE DO DIA 11.

G. H. Mollard, branco, solteiro, 46 annos, melite.
Serafina Maria do Espirito Santo, preta, solteira, 20 annos, cónstipação.
Maria da Purificação Bezerra de Mello, branca, viuva, 35 annos, phthisica pulmonar.
Sofia Maria de Mello, branca, solteira, 96 annos, diarrhea.
Balbina, parvula, preta, 11 dias espasmo.

CHRONICA JUDICIARIA.

TRIBUNAL DO COMMERCIO.

SESSÃO ADMINISTRATIVA EM 11 DE ABRIL DE 1861.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR F. A. DE SOUZA.

Ás 10 horas da manhã, reunidos os Srs. deputados Rego, Lemos, Basto e Silveira, o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

DESPACHOS.

Um requerimento de João Pinto de Lemos Junior, pedindo o registro da escriptura de hypotheca que apresenta.—Como requer.

Outro de Arantes Hijo & Companhia, pedindo o registro de uma procuração.—Registre-se.

Outro de Deaker & Barroso, visto pelo Sr. desembargador fiscal, pedindo o registro do seu contrato social. — Volte ao senhor desembargador fiscal.

Outro de José Ribeiro Brito e José Luiz Gusiaco, pedindo o registro do seu contrato social.—Vista ao Sr. desembargador fiscal.

Outro de Brito & José Luiz, prensarios, pedindo que sejam admittidos á prestar a fiança a que são obrigados pelo artigo 87 do codigo do commercio.—O mesmo despacho.

Outro de Manoel Firmino da Silva, Brasileiro, de 44 annos de idade, estabelecido na Parahiba do norte, com armazem de molhados em grosso, pedindo ser admittido á matricula. — O mesmo despacho.

Outro de João Casemiro da Silva Machado, pedindo o registro da concordata de seus credores. —Registre-se.

Outro de José Gonçalves Malveira, pedindo o registro de uma procuração que ajunta.—Como requer.

Nada mais houve.

SESSÃO JUDICIARIA EM 11 DE ABRIL.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR SOUZA.

Secretario, Julio Guimarães.

A meia hora depois do meio-dia, o Exm. Sr. presidente abrio a sessão, achando-se presentes os Srs. desembargadores Villares e Silva Guimarães, e os Srs. deputados Rego, Lemos, Bastos e Silveira.

Lida, foi approvada a acta da sessão de 21 de março proximo passado.

JULGAMENTOS.

Appellante, José Baptista Ribeiro de Faria; appellado, Cleto da Costa Campello.

Foram desprezados os embargos.

DILIGENCIAS.

Embargantes, Braga & Antunes; embargado, Henrique Gibson.

Vista as partes.

Embargantes, James Crabtree & Companhia; embargado, Braga & Antunes

Vista as partes.

Appellante, Antonio Joaquim Salgado; appellado, Perciano da Silva Leitão.

Vista as partes.

E nada mais havendo a tratar, o Exm. Sr. presidente levantou a sessão.

Communicados.

O « Constitucional » apanhado em flagrante.

Ao abrir os trabalhos da assembléa provincial, cumprio o digno ex-presidente com o dever que lhe impõe a lei de dar conta aos illustres representantes do movimento annual da administração. O relatorio de 1861, elaborado pelo Sr. Dr. Leitão da Cunha, é um desses primorosos fructos que o estudo e a reflecção podem inspirar. Revelando o genio impacientemente indagador do illustre ex-presidente, elle encontra raros modelos em nosso archivo.

Aquelles que com attenção religiosa o ouviram ler, aquelles que o tem lido sem precipitação, confessam comnosco que o relatorio do Exm. Dr. Leitão da Cunha é um primor d'obra de observação, estudo e analyse. Ao par de importantes reflecções sobre o muito que nos resta á fazer á bem da prosperidade da provincia, o illustre escriptor desenha em traços vivos e bem distinctos todo o movimento administrativo nesse grave periodo de 1860 a 1861. Ahi se revelam igualmente a profunda attenção e zelo esclarecido com que o administrador acompanhava *pari passu* a successão dos acontecimentos.

Se a posteridade pedir á historia um juizo seguro sobre a administração de hontem, ella encontrará nessa profunda revista uma exposição analytica muito propria para formar a convicção. E' a mais importante defeza que por ventura se póde exibir sobre administração do ultimo anno.

Em vez de disparar inconvenientemente o doesto e o ensulto, faria bem o orgão opposicionista em volver a sua attenção para este consciencioso trabalho, que põe claramente á nota á intelligencia esclarecida do distincto administrador. Neste terreno, acceitariamos a disscussão, não para fazer realçar o merito pessoal do Sr. Dr. Leitão da Cunha, mas por amor á provincia que teve a felicidade de ser por elle administrada.

Muito longe vai de nossa intenção abrir um caminho á redacção do contemporaneo, e muito menos propor qualquer medida ás suas conveniencias politicas.

Observemos, entretanto, que se o contemporaneo se accomodasse ao estylo recebido nas opposições, consagrar-se-hia antes de tudo á analysar o importante relatorio do ex-presidente. Quando o *Constitucional*, em vez de assim dirigir-se, faz opposição por annuncios e ligeiros communicados, dá bem a entender quanto vai de debilidade e improcedencia em suas accusações.

Guardando rigoroso silencio sobre o relatorio da administração, o *Constitucional* contentou-se em eccrever em o numero do dia 6 que essa peça revelava as claras a *supina ignorancia* do administrador. Ahi se escreve em affronta á razão e ao bom senso:—tal é a estupidez do Sr. A. Leitão da Cunha que em seu relatorio classificou o crime de homicidio entre os crimes particulares!

Eis aqui um *especimen* de nova jurisprudencia. Pensavamos até hoje que o crime de homicidio é crime particular e como tal qualificado pelo cod. criminal da secção 1ª do 1º cap. do tit. 2º da *Parte Terceira*. Ahi se vê que o crime de homicidio, assim como todos aquelles que se comprehendem nos 4 titulos da mesma Parte, é um crime particular.

Afim de pôr a qualificação do mencionado delicto á todos os olhos do vulgacho, aqui offerecemos ao *Constitucional* o seguinte quadro, sobre o qual é elaborado o nosso codigo:

Codigo criminal.
PARTE PRIMEIRA.
Dos crimes e das penas.
Titulo 1.
Dos crimes.
Capitulos 1, 2, 3 e 4.
Titulo II.
Capitulo I.
PARTE SEGUNDA.
Dos crimes publicos.
Titulo I.
Capitulo 1, 2, e 3.
Titulo II.
Capitulo unico.
Titulo III.
Capitulo unico.
Titulo IV.
Capitulo 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.
Titulo V.
Capitulos 1, 2 e 3.
Titulo VI.
Capitulos 1, 2, 3 e 4.
PARTE TERCEIRA.
DOS CRIMES PARTICULARES.
Titulo I.
Dos crimes contra a liberdade individual.
Titulo II.
Dos crimes contra a segurança individual.
Capitulo I.
Dos crimes contra a segurança de pessoa e vida.
Secção I.
Homicidio.

Art. 192. Matar alguem etc.

Por este quadro que ahi vai transcripto para os espiritos que não tem commercio com as lettras, vê-se bem ás claras que são considerados *crimes publicos* aquelles que se comprehendem na *parte segunda* do codigo, assim como são *crimes particulares* todos aquelles que se comprehendem na *parte terceira*, quaes são os crimes de reduzir a escravidão pessoa livre, o de *homicidio*, infanticidio, aborto, ferimentos e offensas physicas, entre muitos outros.

Se o illustrado contemporaneo ainda se obstina em accusar de *estupida* a qualificação do crime particular dada ao crime de homicidio, nós o emprazamos á abjurar tão disparatado absurdo em vista das seguintes palavras, que tomamos na occasião ao Dr. Braz Florentino Henriques de Souza, em sua introducção ao codigo criminal annotado, edicção de 1858. Seja o Sr. Dr. Braz de Souza quem tenha a gloria de corrigir o *Constitucional* em seu espirito immoderado de innovação:

« Na terceira parte do codigo criminal, o le« gislador brasileiro trata dos *crimes particulares* « ou daquelles que se dirigem á liberdade, á se« gurança, á honra e á propriedade dos indivi« duos, e que assim indirectamente perturbam a « ordem social.»

Ora, daqui vê o *Constitucional* que, se o ex-presidente faz torturar á linguagem em seu relatorio, ha ahi muito quem faça torturar á razão o bom senso.

Z.

Correspondencias.

Srs. Redactores. — Não posso deixar de contar-lhe o que se deu commigo, em a noite de quinta feira-maior, e uma outra em que igualmente me aventurei, á, com minha familia, transpor o limiar da porta. — Eis o caso — Na quinta feira santa, seguindo o antigo costume, que herdámos com a santa religião que professámos, sahi com a minha velha, tres filhos e o meu caçula — e assim percorriamos as ruas da cidade entre uma e outra egreja que celebraram a Paixão do Redemptor, quando, ao sahir do Corpo Santo, dirigindo-nos pela rua da Cadeia, vi que na occasião mais precisa se apagava o gaz, e ficavamos sepultados nas trevas — não dei a isso a necessaria attenção; mas, poucos dias, creio que foi no domingo da Ressurreição, tendo annuido ao pedido da velha para, acompanhada dos pequenos, fazer uma visita a uma velha comadre, que mora obra de um quarto de legua de nossa casa, que, como V... sabe, é na rua do Imperador, chegámos ali sem novidade, porque o bello luar que então fazia nos deixava ver as poças d'agua, e os buracos que abundavam nas ruas do nosso Pernambuco. — A noite passou como um sonho — Os velhos contando as suas rapaziadas — as moças e rapazes dançando, e conversando acerca de modas, etc., até que o relogio nos advertio, com a sua lingua de ferro, que eram 11 horas. — Pozemos-nos a pé, e consumido o necessario tempo, nas ainda mais necessarias despedidas, sahimos contando chegarmos á casa. — Sãos e salvos, em menos porém de um quarto de hora, tudo estava mudado « *O homem põe e Deus dispõe.* » A lua, que até ali nos tinha favorecido, escondeu-se entre nuvens — não havia gaz, que nos mostrasse onde as poças, onde os buracos, etc.; de sorte que, quando minha velha companheira gritava ás meninas que se acautelassem, ella mesma mergulhava o pé até ao tornozelo em um buraco de lama, e se não fosse meu braço, que ainda conserva algum vigor, de certo tinha a minha chara metade dado com as ventas no chão.

Quando isto se dava, duas das crianças tinham a custo podido tirar o pé esquerdo de outro enorme buraco, mas lá lhe ficaram os sapatos!

Não parou aqui; além dos tres pares de sapatos que foi preciso substituir, custou-nos a visita algumas gallinhas que foram mister para caldos de umas febres, que em resultado aconteceram a todos nós — e a perda da saia de touquim que na minha ultima viagem á Gôa havia trazido para minha mulher, a qual se rasgou na desastrosa queda que deu. — Foi só no dia seguinte, quando eu contava ao meu visinho a nossa desgraça da vespera, que eu soube, que o nosso governo havia contratado a illuminação da cidade metade do anno por gaz, e metade pelo luar, sem attender ás nuvens, que muitas vezes nos interceptam a vista daquelle astro!!!

E' triste ver, que seis mezes nos achamos dependentes daquella deusa, symbolo da inconstancia, ao passo que nas demais cidades do imperio, onde ha gaz, gosam desse beneficio real todo o anno.

Peço-lhes, Srs. Redactores, que aconselhem a imitação neste nosso bello Pernambuco, onde parece se torna essa medida mais necessaria, do que em outra qualquer parte, attento o pessimo estado das nossas ruas.

O Cego.

Srs Redactores. — Volto ainda a occupar-me do processo de responsabilidade, que me foi instaurado pelo Dr. Manoel Teixeira Peixoto, juiz de direito da comarca do Páo d'Alho.

O *Liberal Pernambucano* tinha noticiado que eu fôra pronunciado, como incurso no art. 154 do codigo criminal, mas não sei se calculadamente omittira a declaração do motivo dessa pronuncia; porque assim convinha. Então, julgando que o que se queria era suspender o espirito publico, e obriga-lo a cogitações naturaes, que prejudicassem a minha reputação, assentei que devia burlar esse plano de cobardia e traição, de que eu me ria, e publiquei, que, em verdade, tinha sido pronunciado; mas que o fôra por um facto em si mesmo mesquinho, e em relação á lei se podia considerar a sua fiel observancia: que fôra o facto de uma juntada a uns autos de um conhecimento de meia sisa, sem o sello fixo de 160 rs.

Interpuz, como disse, o recurso legal dessa pronuncia, ainda sem exemplo nos annaes judiciarios, e o Sr. juiz de direito, despronunciando-me, não o fez pelas razões em que eu me fundára, principalmente para leva-lo á convicção de que havia procedido contra mim, por um acto eminentemente conforme á lei, o não ter eu exigido o sello em um conhecimento de meia sisa.

Pois bem: prometto-lhe que se convencerá desta doutrina mais adiante.

O meu procedimento, tendo sido já apreciado pelos Srs. Drs. Paula Baptista e Fonceca, advogados de subida distincção e merito, o acharam muito de plano a execução da lei, e nunca o motivo de responsabilidade que se quiz enxergar.

Queiram, Srs. Redactores, dar inserção a estas linhas, com o que muito obrigarão ao seu constante leitor.

Francisco Teixeira de Sá.

Páo d'Alho 10 de abril de 1861.

Srs. redactores. (*)—Rogo-lhes o favor de publicar em seu acreditado *Diario* os documentos abaixo transcriptos, afim do respeitavel publico poder julgar com imparcialidade, se o Exm. presidente da provincia, o Sr. Dr. Ambrozio Leitão da Cunha fez justiça á extincta administração dos estabelecimentos de caridade, quando no relatorio que no dia 1º do corrente apresentou á assembléa provincial, disse: — O estado economico da Santa Casa da Misericordia não é satisfactorio: recebeu ella da extincta administração de caridade o triste legado de uma divida passiva no valor de cincoenta contos de réis, e o de muitos abusos a extirpar; o que levará tempo — : tendo aliás a mesma extincta administração legado tambem á Santa Casa da Misericordia, como mostram os mesmos documentos; um activo superior á sessenta contos de reis, o qual é sem duvida muito maior do que o passivo, que S. Exc. se dignou chamar *triste legado*.

Recife 5 de abril de 1861.

Seu constante leitor,

José Pires Ferreira.

Illm. e Exm. Sr. provedor da Santa Casa da Misericordia do Recife.—Diz José Pires Ferreira, ex-thesoureiro da extincta administração geral dos estabelecimentos de caridade, que se lhe faz preciso que V. Exc. lhe mande dar por certidão o que a mesma extincta administração passou á junta da Santa Casa, demonstrando o activo e passivo dos estabelecimentos á seu cargo.

Pede á V. Exc. deferimento.—E R. Mc.— José Pires Ferreira.

Recife 4 de abril de 1861.

Passe.—Santa Casa da Misericordia do Recife 4 de abril de 1861.—A. F. Peretti.

Em cumprimento do despacho supra do Illm. e Exm. Sr. Dr. provedor da Santa Casa da Misericordia do Recife certifico que da demonstração entregue pelo supplicante o commendador José Pires Ferreira, como thesoureiro da extincta administração geral dos estabelecimentos de caridade, consta que a divida activa da mesma administração importa em 62:582$878 rs., e a passiva em 61:405$141 rs.

E' o que consta da referida demonstração existente no archivo desta secretaria, a qual me reporto.

E para constar passei a presente.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia do Recife 5 de abril de 1861.

O escrivão,

Francisco Antonio Cavalcanti Cousseiro.

Nota da divida activa e passiva da extincta administração dos estabelecimentos de caridade até 30 de junho de 1860.

Receita.

Letras	1:082$145
Subsidio de fevereiro á junho	12:500$000
Dito para a obra do hospital Pedro II de janeiro á junho	7:500$000
Curativo das praças do corpo de policia	2:277$900
Dito dos mendigos	15:911$181
Subsidio dos vinhos	2:770$875
Renda de predios	10:858$164
Curativos de particulares	1:288$172
Renda do engenho Bemfica	500$000
Contas que existem em mão do solicitador	2:332$345
Producto de porcos remettidos pelos fiscaes	63$000
Recibos em caixa	5:517$795
	62:582$878

Despeza.

A D. Joaquina Maria Pereira Vianna, alimentos de 5 de dezembro de 1858 á 5 de junho de 1860	4:750$000
A Bartholomeu Francisco de Souza, importancia de drogas	8:605$540
A José Francisco Rodrigues da Costa, idem de generos	2:556$760
A Antonio Pedro Nemos, por diversos concertos	90$960
A Xisto Vieira Coelho, por fazendas	5:883$810
A Joaquim Antonio Pereira, por louça	242$420
A Lourenço Prego, por um guarda roupa	158$000
A Moreira & Martins, por generos	1:836$990
A Vicente Ferreira de Souza, por concertos de obras de folha	101$120
A Guimarães e Alcoforado, por generos	2:704$330
Aos mesmos idem	4:066$055
A Bento dos Santos Ramos, por carne verde	8:405$360
A Manoel Antonio de Jesus, por pão	7:090$228
As amas da casa dos expostos até março	1:444$206
As ditas idem de abril á junho	986$804
A obra do hospital Pedro II (pouco mais ou menos)	8:131$244
A Antonio Carneiro da Cunha, renda da casa dos padres lazaristas	200$000
A Manoel de Barros Barreto, por assucar refinado	2:299$100
A José Pires Ferreira, por saldo á seu favor	90$948
Por uma imagem vinda de França para ás irmãas de caridade	26$660
A Antonio de Moura Rolim	93$980
A Andrade & Campello, por generos	1:548$926
	61:405$141
Saldo á favor dos estabelecimentos	1:177$737
	62:582$878

Conforme.—O escrivão, Francisco Antonio Cavalcanti Cousseiro.

(*) Tendo o Exm. Sr. Dr. Ambrozio Leitão da Cunha, na confecção do seu relatorio á assembléa provincial, recorrido ás exposições parciaes que lhe foram apresentadas pelos chefes das diversas repartições, já se vê que nenhuma parte teve no que expendeu ácerca da ex-administração dos estabelecimentos de caridade, porque cingiu-se aos dados que lhe foram ministrados pela pessoa competente.

A redacção.

Srs. redactores.—A correspondencia e representação que com minha assignatura publicou o seu *Diario* de 6 do corrente, deu lugar a que o Sr. José Leandro de Godoy e Vasconcellos, me maltratasse e calumniasse de um modo insolito e estranho, em outra correspondencia impressa no *Constitucional* de hoje. A minha expectativa foi completamente excedida!

Limitando-me a fazer uma exposição das occurrencias eleitoraes do 4º districto desta provincia, sem tratar de nomes, nem me occupar de pessoa alguma, era-me licito esperar que o *inimigo*, a que me referis, correspondesse as attenções que havia guardado por sua pessoa; mas assim não aconteceu. Enganei-me com o Sr. José Leandro!

Contava eu que um moço de educação, que inculca gravidade de caracter, soubesse comprehender o respeito que se deve a si e ao publico, para nunca rebaixar-se. O Sr. José Leandro, porém, quiz dar a mim e ao publico uma prova não equivoca de sua educação fina, do apreço que tem por sua dignidade, e isto quando já a barra á fóra, em demanda da suspirada cadeira de deputado!.... Se eu desbaratasse em sua ausencia, tudo lhe chegaria frio, e a amofinação seria menor.

Bento José, ou *Manoel José*, não seguirei o exemplo do Sr. José Leandro, de quem espero desagravar-me perante a justiça do paiz. E como ao publico devo conta de mim, é forçoso que não deixe sem resposta a torpeza com que me ferio esse moço, a quem o desconcerto eleitoral parece haver transviado.

O facto de haver eu usado de outro nome que não era o proprio, não é cousa que me deshonre, nem que eu procure occultar.

Os compromettimentos politicos que me ficaram da revolta de Pinto Madeira, obrigaram-me a um expatriamento. Então estabeleci residencia nesta provincia, na comarca de Garanhuns, onde para escapar das perseguições que se me fazia, adoptei o nome de *Manoel José de Oliveira*, que tanto tem dado no goto do Sr. José Leandro. Apenas rehabilitado pela amnystia que obtive, fiz publicar em 1836 nos jornaes desta capital o meu verdadeiro nome, e a causa por que o occultava, continuando até hoje a minha residencia em Garanhuns.

Deste facto, porém, teem pretendido e pretendem os meus inimigos tirar argumentos contra o meu caracter, tanto que não perdem occasião de repeti-lo!

Como não teem conseguido resultado da insistencia tenaz com que o repetem, lembrou-se agora o Sr. José Leandro de atirar-me alusões as mais calumniosas, não tendo, porém, a coragem de tomar uma attitude clara e franca, que me assegure um desabafo legal!

Essa historia de *assassinato de uma camara inteira, e roubo da matriz do Rio do Peixe*, não a conheço, é toda nova, e pela primeira vez usam dellas os meus inimigos.

Desafio, porém, ao Sr. José Leandro, e a todos os meus inimigos, a que em termos claros e precisos, articulem contra mim essa imputação negra, tão negra como o coração de quem a inventou. E' preciso que não recuem os calumniadores......

Quem leu a minha correspondencia, e lê agora a do Sr. José Leandro, ha de vêr que lhe actua uma causa poderosa, que não pode ser outra se não o desespero e desapontamento em que ficou com a exposição que fiz, da eleição do 4º districto, quando punha elle todo empenho e cuidado em crear uma opinião que lhe fosse favoravel.

E o que não diria de mim o Sr. José Leandro, se entregue a *embriaguez*, me apresentasse organisando monstruosidades eleitoraes, sustentandas de punhal a ilharga e revolver em punho, e por meio de ameaças, de fazer *saltar os miolos de um promotor publico*?....

Chamaria sobre mim todas as maldições do mundo, não é assim?

Pois bem, o Sr. José Leandro, ha de, com favor de Deus, voltar um dia a esta provincia; e então podendo eu, *toma-lo de frente*, é conveniente que aqui faça ponto final.

Bento José Alves de Oliveira.

Recife, 9 de abril de 1861.

Srs. redactores.—O conhecimento que temos do Sr. capitão Manoel Porfirio de Castro Araujo, digno commandante da cavallaria de linha desta provincia, a consideração e estima que lhe tributamos são motivos mui imperiosos para que deixemos passar em silencio um escripto publicado nas paginas de um jornal desta cidade de 10 do corrente, sob o anonymo—*Artilheiro*—em que a calumnia se ergue demasiado atrevida contra o distincto official do exercito brasileiro.

Sem exhibir documentos que attestem a veracidade de suas malevolas asserções, á sombra de uma linguagem dubia para escapar-se a responsabilidade legal, o *Artilheiro* ousa arremessar os maiores insultos á pessoa do nosso honrado amigo.

Queremos alcançar esse campeão; para, depois de lhe respondermos convenientemente, arrasta-lo a barra dos tribunaes, onde estamos certos de que receberá o premio que merece: e por isso do alto da imprensa o convidamos á que abandone a arma daquelle que não pode affirmar o que diz: seja franco, retire a mascara.

Se pois o *Artilheiro* não passa de um calumniador despejado, semelhante ao assassino, miseravel que jamais se dispõe a atacar de frente, esperamos que aceite o nosso convite.

Do contrario, fique de já atirado com o seu libello ao mais expressivo desprezo.

Queiram senhores redactores, dar publicidade a estas linhas, scientes de que muito grato lhes será um dos seus dedicados leitores.

Americus.

Recife, 11 de abril de 1861.

Publicações a pedido.

Juizo critico sobre a synopse de eloquencia e poetica nacional do academico Sr. Manoel da Costa Honorato.

No Brasil, como em todas as mocidades dos po-

vos, ha bellos e honrosos enthusiasmos, dedicações profundas, paixões nobres, que não podem ostentar todo seu brilho em frente do orgulho de uns e de outros, cujo fim é matar, o estimulo cujo proveito é a inacção.

E' da natureza desses enthusiasmos valentes e e dessas louvaveis dedicações a obra sobremencionada, que me comprazo em annunciar, por ser um composto bem acabado, que veio facilitar em grande o estudo da rhetorica; por quanto em um modesto volume se acha comprehendido lucidamente o que ha de essencial ao mesmo estudo e o que ha de melhor nos escriptores de iguaes obras.

Ordinariamente nos trabalhos que se occupam da imprensa os artigos de politica tem a preferencia, por parecerem os mais ligeiros vehiculos, que se dirigem a uma elevada posição, que só se mede pela bitola da ambição de governar.

Infelizmente assim é, mas não geralmente.

E' por esses costumes e tantos outros cheios de egoismo, que se appellidam de phenomenaes publicações desse genero, e que por isso mesmo deve encher de orgulho ao Sr. Honorato.

A intelligencia com o attributo da ambição e do egoismo que o caracterisam vai amaldiçoando trabalhos desta ordem, para dar lugar aos communicados e correspondencias, que pondo em leilão a honra e dignidade de nossos semelhantes, são escriptos, que matam o cynismo e que mais deleitam no dia de hoje, tomando o lugar as publicações instructivas, como é a synopse de eloquencia e poetica nacional, que acaba de sahir dos prelos aqui em Pernambuco.

Verdade ou não, o pouco interesse que se colhe da publicação de um livro passa por ser a causa da indolencia dos nossos homens de lettras e escriptores que de ordinario fazem sua estréa boa ou má nos peridiocos politicos, chegam a ser redactores de orgãos de partidos, produzem um artigo—de fundo de vez em quando, por onde fazem-se com direito á uma tribuna no parlamento, d'ahi a uma cadeira presidencial e por fim de ministro, que se chegam a empolgar votam, até odio á imprensa, que servio para os engrandecer.

Segundo o que acabo de exhibir pequena é a gloria que resulta da publicação de um livro; menor—o interesse, que quasi sempre fica aquem das despezas da impressão, que ainda não pode offerecer vantagens aos escriptores desse genero.

Nem esperança de gloria portanto, nem de interesse e sim motivos mais nobres inspiraram ao Sr. Costa Honorato a idéa de publicar a sua synopse, em que não pude descobrir inexactidão alguma, sobre encontrar muita precisão, muita clareza ao par da mais natural concisão e por isso indispensavel a todo o estudante, que tiver de prestar exame dessa disciplina em qualquer faculdade.

Acceite o Sr. Honorato os meus parabens, por começar tão cedo a ornar a bibliotheca do nosso paiz e queira desculpar, que eu o menos apto roubasse a outro a gloria da recommendação deste brilhante producto de seu talento.

Manoel Januario Bezerra Montenegro.

Recife, 20 de março de 1861.

(Do *Correio Mercantil* de Maceió.)

Attenção.

Não é possivel deixar de dizer ainda duas palavras ao Sr. Victorino Teixeira Leite, é verdade que nos tribunaes competentes é que se deve discutir o direito de quem o tiver, porém tambem é verdade, que todos devem uma satisfação ao publico, quando se trata de provar um facto, que alguem o quer fazer passar por injusto e illegal, por isso é preciso esclarecer o publico, é justamente o que tenho feito, e mesmo por que o Sr. Victorino se tem incommodado com a recommendação feita ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia a seu respeito, do que deve ter paciencia, por quanto o unico fim do abaixo assignado é que S. S. não se retire desta provincia sem primeiro lhe pagar, pago do que S. S. lhe deve pode seguir viagem, que ninguem por parte do abaixo assignado o impedirá, porém do contrario não, por que ninguem lhe manda pagar (se pagou) a pessoa incompetente, e tanto prova que essa pessoa recebeu dinheiro de documentos que não estavam em seu poder e que pertenciam a outrem, que não lhe restituio os seus documentos, queixe-se portanto o Sr. Victorino de sua má estrella, porém pague primeiro a seu legitimo credor, e para prova de S. S. e mesmo esclarecimento do publico, lê-a o documento abaixo transcripto.

José Dias da Silva.

Recife, 10 de abril de 1861.

Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz do commercio.—José Dias da Silva, precisa que o escrivão Paes de Andrade, revendo os autos findos de sua fallencia lhe dê por certidão a decisão dos seus credores, ácerca do pretendido credito de Joaquim da Silva Mourão, quando se reuniram para verificação dos creditos e lhe concederam a primeira concordata.—Pede a V. Exc. deferimento, e receberá mercê.

Como requer. Recife, 29 de setembro de 1860. —A. F. Peretti.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade, serventuario vitalicio do officio de escrivão do juizo especial do commercio desta cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco e seu termo, por S. M. Imperial e Constitucional o Sr. D. Pedro II, que Deus guarde, etc.

Certifico que em face do appenso principal dos autos findos da fallencia respectiva, por parte do supplicante José Dias da Silva, me foram apontados os dous seguintes paragraphos:

1.° paragrapho. Joaquim da Silva Mourão apresenta certidão de um julgamento em que o fallido foi condemnado a ajustar suas contas sem que se mostre quem seja o devedor ou o credor, e examinando os livros, delles consta que o mesmo Mourão é devedor á casa fallida da quantia de 65:099$737, suppomos por isso, que não póde ser considerado credor.

2.° paragrapho. E não estando presente Joaquim da Silva Mourão nem seu procurador, ficou subsistente o parecer da commissão a seu respeito, e havendo a reunião por verificados todos os demais creditos dos credores que compareceram.

Nada mais se continha ou aliás me foi pedido por certidão, á vista dos fallados paragraphos, que se acham inscriptos naquelle appenso, ao que me reporto; e vai a presente na verdade sem cousa que duvida faça conferida e concertada na forma do estylo, e por mim sobredito escrivão subscripta e assignada nesta cidade do Recife de Pernambuco, aos 5 dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1860, trigesimo-nono da independencia e do imperio.

Fiz escrever, subscrevo e assigno. — Em fé de verdade. — Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 1 a 10. . . .	148:781$253
Idem do dia 11.	15:564$235
	164:345$488

Movimento da alfandega.

Volumes entrados com fazendas..	23	
» » com generos..	1587	
		1:610
Volumes sahidos com fazendas..	111	
» » com generos..	158	
		269

Descarregam hoje 12 de abril.

Barca americana—Salem—bacalhão.

Barca franceza—Franklin—vinho e azeite.

Brigue brasileiro—Almirante—cascos vasios.

Recebedoria de rendas internas geraes de Pernambuco.

Rendimento do dia 1 a 10.	10:607$769
Idem do dia 11.	686$550
	11:294$319

Consulado provincial.

Rendimento do dia 1 a 10. . . .	24:356$562
Idem do dia 11.	1:968$919
	20:325$481

Movimento do porto.

Navio entrado no dia 11.

Assú—16 dias, hiate nacional *Gratidão*, de 33 tonelladas, capitão Pedro José Francisco, equipagem 5, carga sal e couros; á Firmino José Ferreira.

Navios sahidos no mesmo dia.

Canal—barca ingleza *Queen*, capitão J. Huggins, carga assucar.

Havana — polaca hespanhola *Antilla*, capitão Eleonor Mellet, carga parte da que trouxe de Montevidéu.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS.

DIA DE 11 ABRIL.

Horas	Atmosphera.	Vento. Direcção.	Vento. Intensidade.	Termometro. Fahrenheit.	Termometro. Centigrado.	Hygrometro.	Cisterna hydrometrica.	Barometro. Francez.	Barometro. Inglez.
6 da m.	Nimbus.	ENE	Fresco	74	23,3	80	38	755,9	29,96
9 »	»	NE	»	78	25,5	79	0	757,2	30,02
1/2 dia	»	Cal.	Calma	81	27,2	75	26	756,8	30,
3 da t.	»	SE	Regul	79	26,1	74	0	755,6	29,97
6 da t.	»	SSE	Fresco	75	23,8	76	0	755,	29,95

A noite de aguaceiros das 3 h. em diante, vento ESE fresco e assim amanheceu.

OSCILAÇAO DA MARE'.

Preamar as 5 h. e 18' da tarde, altura 7,1 p.

Baixamar as 11 h. e 6' da manhãa, altura 0,9 p.

Observatorio do arsenal de marinha, 11 de abril de 1861.

ROMANO STEPPLE,
1° tenente.

Editaes.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento do artigo 7° do regulamento do collegio dos orphãos de Santa Thereza, e ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, de 5 do corrente, manda fazer publico que no dia 6 de junho proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, vão a praça, para serem arrematadas a quem mais der a renda dos predios abaixo declarados pertencentes ao patrimonio dos ditos orphãos.

N. 1.—Largo de Pedro II, salla do 1° andar........	180,000	por anno.
N. 95.—Rua do Pilar, casa terrea........	236,000	»
N. 96.—Rua do Pilar, casa terrea........	157,000	»
N. 97.—Rua do Pilar, casa terrea........	161,000	»
N. 98.—Rua do Pilar, casa terrea........	224,000	»
N. 99.—Rua do Pilar, casa terrea........	167,000	»
N. 100.—Rua do Pilar, casa terrea........	162,000	»
N. 101.— Rua do Pilar, casa terrea........	181,000	»
N. 102.— Rua do Pilar, casa terrea........	162,000	»
N. 103.— Rua do Pilar, casa terrea........	181,000	»
N. 104.— Rua do Pilar, casa terrea........	172,000	»
N. 105.— Rua do Pilar, casa terrea........	170,000	»
N. 1.—Estrada do Parnamerim, sitio........	500,000	»
N. 2.—Estrada do Parnamerim, sitio........	120,000	»
N. 3.—Estrada do Rosarinho, sitio........	321,000	»
N. 4.—Estrada da Mirueira, sitio........	212,000	»
N. 5.—Forno da Cal, sitio	352,000	»

As arrematações serão feitas por tempo de 3 annos a contar do 1° de julho de 1861 a 30 de junho de 1864, e sob as condições constantes do edital de 9 do corrente.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 11 de abril de 1861.

O secretario
A. F. da Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento ao art. 7° do regulamento do collegio dos orphãos de Santa Thereza e ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 5 do corrente, manda fazer publico, que no dia 16 de maio proximo futuro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, vão á praça para serem arrematadas á quem mais der a renda dos predios abaixo declarados pertencentes ao patrimonio dos ditos orphãos.

Ns.		
	Rua da Cacimba.	
66	Casa terrea, por anno. . . .	122$000
67	Casa terrea, idem idem	81$000
	Rua dos Burgos.	
68	Casa terrea, por anno. . . .	205$000
69	Casa terrea, idem idem	125$000
	Rua do Vigario.	
72	Sobrado de dous andares e loja, por anno.	602$000
	Rua da Senzala Velha.	
79	Sobrado de dous andares e loja, por anno	753$000
80	Sobrado de dous andares e loja, por anno	753$000
81	Casa terrea, por anno. : . . .	191$000
82	Casa terrea, idem idem	200$000
83	Casa terrea, idem idem	162$000
	Rua da Guia.	
84	Casa terrea, por anno.	168$000
	Rua do Pilar.	
91	Casa terrea, por anno. . . .	162$000
92	Casa terrea, idem idem	162$000
93	Casa terrea, idem idem	172$000
94	Casa terrea, idem idem : . . .	253$000

As arrematações serão feitas por tempo de 3 annos a contar do 1° de julho de 1861 a 30 de junho de 1864 e sob as condições constantes do edital de 9 do corrente.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario.*

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 11 de abril de 1861.—O secretario, A. F. da Annunciação.

Declarações.

— Pela administração do correio desta cidade se faz publico, que em virtude da convenção postal, celebrada pelos governos brasileiro e francez, serão expedidas malas para a Europa no dia 15 do corrente mez de conformidade com o annuncio deste correio, publicado no Diario de 9 de fevereiro ultimo. As cartas serão recebidas até duas horas antes da que for marcada para a sahida do vapor, e os jornaes até quatro horas antes.

Correio de Pernambuco 11 de abril de 1861.

Domingos dos Passos Miranda.
Administrador.

— Pelo juizo de orphãos desta cidade, no lugar das audiencias, e findas estas, das 10 para 11 horas do manhãa será arrematada por venda a casa de tres andares da rua da Guia n. 53, no estado em que estiver, avaliada por 5:200$, sendo as ultimas praças na sexta-feira 12, e terça-feira 16 do corrente, por execução de C. G. Breckenfeld, contra João Athanasio Dias.

Tribunal do commercio.

Pela secretaria do tribunal do commercio da provincia de Pernambuco são chamados os abaixo assignados a comparecerem na mesma secretaria, para satisfazerem a importancia dos papeis que lhes pertencem.

Manoel Rodrigues Fernandes Leal e outros.
Maria Rita da Cruz Neves.
Caetano Cyriaco da Costa Moreira.
Francisco José Pereira Borges.
Samuel Power Johnston & C.
Antonio Corr. ia Gomes de Almeida.
Antonio Carlos P. de B. P. Leon.
Luiz José da Costa Amorim.
Domingos José da Costa Amorim.
José Pinto Ribeiro.
Ricardo Caduff.
N. O. B. & C. Successores e outros, como credores de Manoel de Azevedo Pontes.
José Maria Nunes.
José Lopes Dias.
Hygino Augusto de Miranda.
Caetano Pereira de Brito.

Secretaria do tribunal do commercio de Pernambuco 11 de abril de 1861.

Julio Guimarães—Official-maior.

— Pela administração do correio de Pernambuco se faz publico, que em conformidade do decreto n. 787 de 15 de maio de 1851 e respectivas instrucções, teve hoje lugar o processo de abertura das cartas atrazadas pertencentes ao mez de março de 1860, condemnadas a consumo pelo art. 138 do regulamento dos correios de 21 de dezembro de 1844 assistio o negociante José Joaquim Pereira de Mendonça.

Desta abertura resultou achar-se uma carta com documentos descriptos em livro para ser entregue a quem de direito pertencer. Uma carta de Victorino José Soares do Porto para Luiz José da Rocha Pinheiro com dous recibos. Por ultimo procedeu-se a queima das cartas mencionadas de que se lavrou o respectivo termo que é o que se segue.

Administração do correio de Pernambuco, 5 de abril de 1861.—O administrador, Domingos dos Passos Miranda.

Termo de consumo das cartas atrazadas pertencentes ao mez de março de 1860.

Aos 5 dias do mez de abril de 1861, nesta administração do correio da provincia, ás 11 horas do dia, estando presente o Sr. administrador Domingos dos Passos Miranda e mais empregados abaixo assignados procedeu-se em virtude do art. 138 do regulamento dos correios de 21 de dezembro de 1844, o consumo de 78 cartas selladas 425 cartas e 74 jornaes não selladas, na importancia de 64$567, como consta da factura abaixo declarada, cuja importancia vai descarregada nesta data ao respectivo administrador e thesoureiro.

E para constar lavrou-se este termo em que assignou o referido administrador e thesoureiro e eu Francisco Simões da Silva, ajudante contador e subscrevi.—Administrador, Domingos do Passos Miranda.— O official papelista, Ismael Amavel Gomes da Silva.—O official papelista, Luiz de França Oliveira Lima.—O porteiro Manoel, Marinho Souza Pimentel.

THEATRO DE Santa Isabel.

EMPREZA — GERMANO.

Sabbado 13 do corrente.

2.ª Recita da assignatura.

Subirá á scena a excellente comedia-drama em dous actos e um prologo maritimo

A

PROBIDADE

Terminará o espectaculo com o espirituoso entre acto, ornado de couplets,

BERTHA DE CASTIGO,

Começará ás 7 ½ horas:

Os bilhetes vendidos para o espectaculo do dia 11 do corrente, que foi transferido tem entrada neste espectaculo.

BAILE

CASSINO POPULAR

NO

MAGESTOSO SALÃO

DO

PALACETE DA RUA DA PRAIA.

Sabbado, 13 do corrente.

Antonio Teixeira dos Santos, ex-proprietario do baile do caes de Apollo, querendo ver se póde minorar os prejuizos que alli soffreu, reccorreu á generosidade dos directores do baile Cassino, afim de dar alli um baile, o que promptamente obteve. O grande numero de damas com que conte e o abrilhante concurso de cavalheiros que costumam frequentar o Cassino e o conceito emfim de que goza, anima o beneficiado a crer que não serão frustradas as suas esperanças.

Serão como sempre observadas as disposições do regulamento interno approvado pelo Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Entrada para damas gratis, cavalheiros 2$.

N. B. O gabinete apresentará novas vistas.

Avisos maritimos.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PAQUETES A VAPOR.

O vapor *Cruzeiro do Sul*, é esperado dos portos do norte até o dia 18 do corrente, depois da demora do costume seguirá para os portos do sul.

Desde já recebem-se passageiros e engaja-se a carga que o vapor poder conduzir, a qual deverá ser embarcada no dia de sua chegada; agencia rua da Cruz n. 1, escriptorio de Azevedo & Mendes.

Para a Bahia.

A sumaca nacional «Hortencia» pretende seguir com muita brevidade, tem parte do seu carregamento prompto: para o resto que lhe falta, trata-se com os seus consignatarios Azevedo & Mendes, no seu escriptorio rua da Cruz n. 1.

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE

Navegação costeira a vapor.

Parahiba, Rio Grande do Norte, Macao, Aracaty e Ceara'.

O vapor «Iguarassú», commandante Moreira, sahirá para os portos do norte até o Ceará no dia 22 do corrente mez. Recebe carga até o dia 20 ao meio dia. Encommendas, passageiros e dinheiro a frete até o dia da sahida as 2 horas: escriptorio no Forte do Mattos n. 1.

COMPANHIA DAS

Messageries imperiales.

Até o dia 14 po corrente espera-se da Europa o vapor francez *Estremadure*, commandante Trollier, o qual depois da demora do costume seguirá para o Rio de Janeiro tocando na Bahia, para passagens etc., a tratar na agencia rua do Trapiche n. 9.

PARA O Rio de Janeiro,

o veleiro e bem conhecido brigue nacional «Conceição» pretende seguir com muita brevidade, só recebe passageiros e escravos a frete, para os quaes tem excellentes commodos: trata-se com os seus consignatarios Azevedo & Mendes, no seu escriptorio rua da Cruz n. 1.

— Para Lisboa segue com muita brevidade, por ter prompto o seu carregamento, o brigue portuguez «Florinda», de primeira classe, tem excellentes commodos para passageiros, os quaes recebe: a tratar com o capitão Joaquim Augusto de Souza, no escriptorio da rua da Cruz n. 3, ou na praça do commercio.

REAL COMPANHIA DE

Paquetes inglezes a vapor.

Até o dia 15 do corrente espera-se do sul o vapor *Tyne*, commandante Jellicoc, o qual depois da demora do costume seguirá para Southampton tocando nos portos de S. Vicente e Lisboa, para passagens etc., trata-se com os agentes Adamson, Howie & C., rua do Trapiche Novo numero 42.

N. B. Os embrulhos só se recebem até duas horas antes de se fecharem as malas, ou uma hora pagando um patacão além do respectivo frete.

PARA O Rio de Janeiro

segue com muita brevidade o brigue nacional «Almirante», só recebe carga miuda, passageiros e escravos a frete, para os quaes tem excellentes commodos; trata-se com os seus consignatarios Azevedo & Mendes, no seu escriptorio, rua da Cruz n. 1.

Ceará.

Segue com toda a brevidade o cuter nacional «Emma», capitão João Antunes da Silveira; para a carga que lhe falta, trata-se com os consignatarios Moreira & Ferreira, rua da Madre de Deos n. 4.

Para o Rio de Janeiro

segue impreterivelmente no dia 15 do corrente o muito veleiro patacho «S. Joaneiro», só recebe passageiros e escravos a frete, para os quaes tem excellentes commodos; a tratar com o consignatario Manoel Alves Guerra, ou com o capitão a bordo.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PAQUETES A VAPOR.

E' esperado até o dia 16 do corrente dos portos do sul o vapor *Paraná*, o qual depois da demora do costume seguirá para os portos do norte.

Recebem-se desde já passageiros e engaja-se a carga que o vapor poder conduzir a qual deverá ser embarcada no dia de sua chegada: agencia rua da Cruz n. 1, escriptorio de Azevedo & Mendes.

COMPANHIA PERNAMBUCANA DE

Navegação costeira a vapor

O vapor «Persinunga», commandante Moura, segue para os portos do sul de sua escala no dia 20 do corrente mez ás 4 horas da tarde.

Recebe carga até o dia 19 ao meio dia. Passageiros e dinheiro a frete até o dia da sahida ás 2 horas. Escriptorio no Forte do Mattos n. 1.

Leilões.

LEILÃO

Sexta-feira 12 do corrente.

DE

DIVIDAS.

As 11 horas em ponto.

O agente Camargo fara' leilão por mandado do Exm. Sr. Dr. juiz especia do commercio e a requerimento dos depositarios da massa fallida de José Fernandes Agra no seu armazem da rua do Vigario n. 19, das dividas pertencentes ao mesmo fallido, no mencionado dia as 11 horas em ponto,

Avisos diversos.

— Os Srs. assignantes deste Diario que se acham a dever e subscripção vencida, queiram paga-la ao respectivo cobrador a razão de 6$ o quartel, como estão obrigados e se não queriam ter o accrescimo de 1$ pagassem no tempo marcado, que não foi tão pouco para tão diminuta quantia.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa: na rua do Collegio hoje do Imperador n. 81, taberna.

Associação Typographica Pernambucana.

Domingo, 14 do corrente, ás 10 horas da manhã, haverá sessão extraordinaria do conselho director.

Secretaria da Associação Typographica Pernambucana 10 de abril de 1861.

J. CESAR,
1.° *secretario.*

— Devendo-se reunir domingo 14 do corrente a irmandade de S. José de Riba-mar em mesa geral para se proceder a eleição da nova mesa regedora, que deve servir no anno de 1861 a 1862 pelo presente são convidados os irmãos a comparecerem no consistorio da mesma irmandade ás 10 horas da manhã do referido dia.

Consistorio 9 de abril de 1861.—Lucas Evangelista Soares de Brito, escrivão.

— O Sr. Joaquim da Fonseca Soares de Figueiredo tem uma carta na rua do Crespo loja de fazendas ao pé do arco de Santo Antonio.

— Desencaminhou-se do poder de Justo ... de Almeida, uma letra da quantia de 1,1..$.40 a vencer-se em 5 de setembro do corrente a qual é aceita por Amorim; Fragozo, Santos & C.: quem a achar dirija-se a rua do Crespo n. 17, que se gratificará.

— Vende-se uma linda mulatinha de 4 annos; na rua Nova n. 15, segundo andar.

— Precisa-se fallar aos Srs. Bernardo Damião Franco Junior, Manoel Izidoro dos Passos, a negocio de seu interesse; na rua do Queimado numero 47.

— De novo roga-se ao Sr. alferes do sexto batalhão da guarda nacional Felix de Araujo Albuquerque o favor de tratar sobre o negocio que não ignora certo de que se o não fizer exporei qual o negocio; na rua do Queimado n. 47.

— Os credores da massa d e Manoel Antonio dos Passos Oliveira & C., loja de trastes na rua Nova n. 24, são convidados a apresentarem seus titulos para serem verificados pela administração dentro do prazo de 8 dias a contar do presente annuncio, afim de proceder-se ao rateio de quantia importante ja apurada. Escriptorio da administração rua da Cruz n. 40. Recife 11 de abril de 1861.

— O Sr. José dos Santos Moreira queira vir a esta typographia que se lhe precisa fallar, antes que se retire para o mato.

José Reymundo da Natividade Saldanha, Francisca Xavier da Conceição Ferreira Saldanha, Isabel Torqusta de Araujo Saldanha, Rosa Maria Ferreira Saldanha, José Reymundo Ferreira de Araujo Saldanha, Manoel Torquato de Araujo Saldanha, Maria Bibiana da Conceição Araujo Saldanha, José Bruno da Natividade Saldanha, Francisco Bruno do Rosario, Benvinda Clara de Araujo, Isabel Alexandrina de Araujo Paraizo e João de Oliveira Ferreira Saldanha, summamente penhorados agradecem a todas as pessoas que se dignaram assistir aos ultimos suffragios feitos ao cadaver do seu sempre chorado irmão, marido, cunhado, tio e primo João Ferreira Saldanha a honra que lhes concederam, com especialidade aos mui dignos religiosos do convento do Carmo, aos quaes protestam eterno reconhecimento pelas honras recebidas.

— Precisa-se, para um emprego de 720$, comida e quartel, de uma pessoa de boa conducta e que tenha alguma pratica de serviço militar: na rua do Queimado n. 12, primeiro andar.

— No aterro da Boa-Vista, rua da Imperatriz n. 33, primeiro andar, precisa-se de um criado.

— Jean Baptiste Ferdinand Mandins, subdito francez, retira-se para Buenos-Ayres.

— João Marriott, Inglez, segue para a Europa.

Agencia de passaporte e folha corrida.

Claudino do Rego Lima tira passaportes para dentro e fóra do imperio: na rua da Praia n. 47, primeiro andar, travessa da rua estreita do Rosario, loja de miudezas do Sr. Joaquim Francisco dos Santos Maia, e na rua da Cruz do Recife, taberna do Sr. Manoel José Correia, por commodo preço e presteza.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Por ordem do Illm. Sr. presidente do conselho convido aos senhores conselheiros para que se reunam em sessão ordinaria, segunda-feira 15 do corrente, pelas 6 1/2 horas da tarde, na sala das sessões do mesmo Gabinete.

Secretaria do conselho deliberativo aos 12 de abril de 1861.

Francisco Ignacio Ferreira.
1.° secretario.

Furto.

Na noite de domiego, 7 do corrente, furtaram do sitio antes da capella de S. José do Manguinho, que fica em frente da estrada que vai para a Capunga, 21 camisas de homem e menino, levando as mesmas as marcas seguintes, de retroz encarnado: J. J. S.—D. J. S.; portanto, toda e qualquer pessoa que noticia ou indicio tiver do referido roubo, de dirigir-se ao mesmo sitio, ou então na rua da Cruz do Recife n. 50, que será bem recompensado.

— Precisa-se de uma ama para comprar, cozinhar e engommar para uma pessoa; atraz da matriz de Santo Antonio, segundo andar n. 28.

— Pede-se ao Sr. José Muniz Teixeira Guimarães o favor apparecer na rua dos Martyrios n. 36 para se lhe entregar uma carta.

— A viuva e herdeiros do fallecido João Henriques da Silva declaram que estão nomeados desde 5 do corrente seus bastantes procuradores a José Henriques da Silva e Joaquim Henriques da Silva, os quaes poderão ser procurados na rua do Imperador, na loja de miudezas n. 38, para qualquer negocio relativamente ao seu casal, ficando dispensado daquella data em diante o herdeiro Miguel José Barbosa Guimarães.

— Precisa-se alugar um sitio perto desta praça, que tenha casa com commodos para pequena familia, e que tenha bastantes arvoredos de fructo e alguma terra para plantar: quem tiver annuncie ou dirija-se a travessa da rua das Cruzes n. 2 A.

— O secretario da irmandade de N. S. do Terço convida a todos os seus irmãos para que se dignem comparecer em nossa igreja domingo 14 do corrente, as 7 horas da manhãa, afim de acompanhar-se a procissão do SS. Sacramento aos enfermos da freguezia de S. José.

— O escrivão da irmandade do SS. Sacramento da freguezia de S. José do Recife convida a a todos os seus charos irmãos para comparecerem na igreja de N. S. do Terço que ora serve de matriz, domingo 14 do corrente, pelas 7 horas da manhãa, afim de ser conduzido em solemne procissão o SS. Sacramento aos enfermos de nossa freguezia.

— Aluga-se o terceiro andar do sobrado na rua de Apollo n. 30; a tratar no armazem do mesmo.

— Compram-se 60 a 70 enchamés de louro de 22 palmos de comprimento e 5 a 6 pollegadas de grossura; na rua da Imperatriz n. 66.

— Pelo juizo do civel da 2.ª vara, escrivão Baptista, tem de ser arrematada, finda a audiencia do dia 13 do corrente, uma mobilia de mogno em bom estado, penhorada por execução de Francisco Gomes de Oliveira Sobrinho, contra José Joaquim de Oliveira.

Arrematação de uma casa.

No dia quarta-feira, 17 do corrente, em audiencia do juizo especial do commercio, se ha de arrematar por venda uma morada de casa de dous andares no pateo do Terço n. 12, avaliada pelo baratissimo preço de 10:000$, ávista da renda annual de 1:200$: é a ultima praça.

— Aluga-se o terceiro andar da rua do Amorim n. 19, com sotão e muitos commodos; para ver a chave, na loja do mesmo.

— Na taberna n. 4 no becco do porto das canoas, precisa-se fallar com o Sr. Francisco Pedro das Neves a negocio de seu interesse.

— Retira-se para Inglaterra o Sr. Manley Beltoro.

— Vende-se o engenho Triumphante, situado no Vao de Una: a tratar com José Azevedo de Andrade, rua do Crespo n. 20 A.

— Vende-se o engenho Caeté situado em Maricota freguezia de Iguarassu': a tratar com José Azevedo de Andrade, rua do Crespo n. 20 A, ou com o Sr. Francisco Ignacio da Cruz e Mello, no Giquia'.

— Vendem-se toalhas de linho adamascadas para mesa, ao modico preço de 3$: na rua do Crespo n 20 A.

— Vende-se uma porção de barris vasios, sendo de 4.° e 5.° que foram de azeite doce e vinho: no pateo de S. Pedro n. 6.

Fazendas baratas.

Cheguem a loja da rua do Queimado n. 69, para comprarem fazendas por todo preço, chitas de cores escuras a 160 rs., ditas francezas a 220 rs., madapolão e algodão de toda a qualidade e mais barato do que em outra qualquer parte.

— Vende-se uma excellente propriedade em armazem, bem construida e com travejamento para levantar sobrado, com 30 palmos de frente e 180 de fundo, sito na rua do cáes d'Apollo n. 7; á tratar na rua do Imperador outr'ora Collegio n. 46.

— Vende-se uma casa terrea com bastantes commodos para familia, na povoação de Caxangá lado do rio; os pretendentes podem procurar para tratarem na loja n. 61 da rua do Imperador.

E' barato que admira.

NA LOJA DO

LEANDRO

Rua do Crespo numeeo 8.

Saias bordadas

de 3 pannos a 2$, de 4 a 3$ e 3$500.
Gollinhas bordadas muito finas a 1$.
Peças de babadinhos muito finas com 3 e 1/2 varas a 1$600 e 2$.
Entremeios de cambraia fina a 160 rs. a tira.
Grosdenaple de cores a 1$600 o covado.
Manguitos de cambraia bordada a 1$500.
Manguitos bordados e gola por 5$
Chalys matisados a 500 rs. o covado.
Lanzinhas muito finas a 400 rs. o covado.
Chapeos de seda para senhora a 15$ e 25$
Ditos de palha da Italia a 28$.
Chales de touquim a 20$.
Chapeos de sol de seda inglezes a 12$.
E outras muitas fazendas que só se vende por preços muito baratissimos.
Luvas de pellica a 2$500.

A maior pechincha que se tem visto.

Chapeos brancos de castor da ultima moda a 5$ cada um: na rua Nova n. 42, defronte da Conceição dos Militares.

Farinha de mandioca de superior qualidade.

Vende-se a bordo do brigue «Maria Rosa», fundeado defronte do caes do Ramos, por preço commodo: a tratar com o capitão a bordo, ou com o consignatario Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche d. 14.

— Vende se uma negra de nação, propria para todo o serviço de uma casa, menos engommar, ou tambem permuta-se por uma outra mais moça, com tanto que saiba engommar; quem quizer comprar ou permutar, todo e qualquer negocio se faz, no largo da ribeira de S. José n. 1, esquina de Santa Rita.

Cachimbos

de gesso a 6$ a groza; na rua da Cadeia do Recife n. 15, loja.

Liquidação

DE

Miudezas baratas.

Rua larga do Rosario n. 36.

Caixas de pós para dentes a 100 rs.
Peças de trança de caracol de lãa com 14 varas a 240.
Ditas de galão branco para enfeites a 1$.
Ditas de babado largo aberto a 2$500.
Ditas de dito estreito a 400 rs.
Cartão de colxetes em bom estado a 60 rs.
Massos de grampas a 40 rs.
Carreteis de linha de 100 jardas de cor e branca a 30 rs.
Ditos de dita de 200 jardas, alexanders, a 80 rs.
Pares de meias para senhora a 280.
Duzia de ditas finas para senhora a 4$.
Sabonetes muito bons a 160 rs.
Ditos muito finos inglezes a 400 rs.
Ditos finos de bola a 720.
Pentes de massa virados a 1$280.
Ditos de tartaruga virados a 8$500.
Cartas de alfinetes cabeça chata a 240.
Ditas de ditos cabeça redonda a 140.
Sapatinhos de lãa para menino a 320.
Ditos de dita finos a 400, 500 e 600 rs.
Galão de lãa proprio para enfeite (peça) a 800 rs.
Groza de botões de osso para calça a 240 rs.
Dita de ditos de osso para dita a 360.
Dita de ditos de setim para paletot a 2$.

O dono deste estabelecimento, desejando acabar com todas as miudezas até o fim de junho proximo, está resolvido a torrar as miudezas pelo custo ou ainda mesmo com algum prejuizo; por isso é chegada a occasião de quem precisar de miudezas, comprar barato.

— No estabelecimento photographico de Stahl & C., rua da Imperatriz n. 14, ha para vender ainda uma machina completa para tirar retratos ao ambrotypo com todos os pertences e chimicas arrumados em um bahú, muito propria para viagem. Dá-se a instrucção do melhor processo nesta arte em 5 lições, tudo muito em conta.

— Vende-se um preto muito possante proprio para qualquer serviço, e de excellente conducta, o motivo por que se vende se dirá ao comprador; tambem se permuta por uma negra que esteja nas circumstancias de poder servir a uma casa de familia de portas a dentro; a quem convier qualquer das transacções, pode dirigir-se a rua da Gloria da Boa-Vista n. 112, a qualquer hora do dia, que achará com quem tratar.

ASSOCIAÇAO DE Soccorros Mutuos E Lenta Emancipação dos Captivos.

Não tendo sido até hoje fielmente observado o que dispõe a segunda parte do art. 12 dos estatutos, arrastando a direcção difficuldades irremediaveis nos cumprimentos dos arts. 7, 8, 9, 10 e 11, sente a mesma direcção a necessidade de adoptar medidas penaes que tragam um melhor resultado das que regem a lei organica da sociedade, e neste sentido o mesmo conselho approvou um projecto additivo ao art. 51, dando-lhe mais extensão de 4 paragraphos, o qual corre impresso na fórma do art. 62, havendo reunião de todos os socios domingo 14 do corrente, no lugar da rua Direita n....., as 10 horas da manhãs, para a assembléa geral ordinaria, afim de ser sanccionado dito projecto, assim como, tratar-se sobre o decreto n. 2,711 de 19 de dezembro de 1860, do governo geral, na parte que regula as associações beneficentes: espera, portanto, o Sr. vice-presidente, o comparecimento de todos.

Secretaria da Associação de Soccorros Mutuos e Lenta Emancipação dos Captivos 9 de abril de 1861.

Galdino José Pires Campello.
1.° secretario.

— Barroca & Medeiros saccam para Portugal e ilha de S. Miguel.

— Charles Saunier, subdito francez, retira-se para França.

— Victor Caora, subdito francez, retira-se para a Europa.

— O Sr. Alfredo Lopes Gama tenha a bondade de apparecer na rua do Rangel n. 20, casa de relojoeiro, a negocio de interesse.

COMPANHIA DA VIA FERREA
DO
RECIFE A SÃO FRANCISCO
(LIMITADA.)

Pelo presente são convidados os Srs. accionistas a receberem os juros de 7 por cento ao anno, vencidos no semestre findo em 31 de janeiro ultimo, no escriptorio da companhia rua do Crespo numero 2.

Assignado—E. H. Bramah,
Superintendente.

— Precisa-se alugar uma preta para o serviço interno e externo de uma casa de pequena familia: dá-se pelo aluguel a quantia de 25$: a tratar no caes do Apollo n. 17 primeiro andar.

Aluga-se.

Continúa a estar por se alugar a casa terrea, tem armação da loja que existio na mesma casa; o proprietario só lhe convém alugar para algum estabelecimento, pois a localidade não poderá ser melhor: na rua Direita n. 83, e a fallar na rua da Penha n. 5.

Ferraria nacional.

Na ferraria nacional da rua da Praia n. 58, fabrica-se e concerta-se toda e qualquer obra de ferro, com a melhor perfeição, tanto para a terra como para o mar, sendo os freguezes satisfeitos com promptidão.

— T. de Aquino Fonseca Junior, sacca sobre Lisboa: na rua da Cacimba n. 1°, primeiro andar.

— Sendo presentemente Santos Vieira o unico garantidor de bilhetes de loteria, os quaes são rubricados com tinta de imprensa, os que não forem vendidos com a sua firma devem ser considerados como um laço armado a boa fé dos incautos.

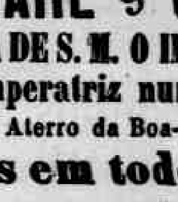
Attenção.

Precisa-se de alguma quantia de dinheiro a premio sobre hypotheca de predios: quem a tiver querendo fazer este negocio dirija-se em carta fechada com as iniciaes M. N. O., declarando sua morada para ser procurada nesta livraria ns. 6 e 8.

— Custodio Dias Mereira, vai para o Rio de Janeiro.

— Aluga-se a sala de detraz com 2 quartos do primeiro andar do sobrado n. 14 da rua do Queimado: a tratar no mesmo.

— São chegados á livraria da praça de Pedro II, pateo do Collegio n. 2, os cadernos da Biblia Sagrada de ns. 25 a 27 inclusive. Convida-se aos senhores subscriptores a virem receber os referidos numeros. Outro sim está aberta subscripção para a vida de Nosso Senhor Jesus Christo segundo os quatro Evangelistas, ou o Evangelho em unidade, obra escripta por Pedro Lachese e approvada por sua santidade o summo pontifice Pio IX: edicção supplementar á mesma Biblia. Esta obra, cuja edicção começa no caderno n. 28, não occupará muitos cadernos, e por isso diminuto será o seu preço. A edicção da vida de N. S. Jesus Christo, começada no caderno n. 22, não continúa: portanto podem ser recolhidos á mesma livraria os cadernos já recebidos pelos subscriptores, e que em troca delle levarão gratis o caderno n. 28.



STAHL & C.
RETRATISTA DE S. M. O IMPERADOR.
Rua da Imperatriz numero 14
(Outr'ora Aterro da Boa-Vista.)

Retratos em todos estylos e tamanhos.
Pintura ao natural em oléo e aquarella.
Copias de daguerreotypo e outros artefactos.
Ambrotypos.
Paisagens.

Furto.

Na noite de domingo 7 do corrente furtaram do sitio antes da capella de S. José de Manguinho, que fica em frente da estrada que vai para a Capunga 21 camisas de linho de homem e menino, por tanto toda e quaquer pessoa que noticia ou indicio tiver do referido roubo de dirigir-se ao mesmo sitio, ou então na rua da Cruz do Recife n. 50, que será bem recompensado.

— O abaixo assignado vende umas partes que tem nos engenhos Iahamãa, Ramus e Curçahi, todos bem conhecidos, e tambem permuta por alguma casa terrea no Recife e qualquer negocio que lhe apparecer e lhe for conveniente antes de ser effectuado communicara' aos proprietarios dos ditos engenhos. Tambem tenciona arrendar o engenho Jardim perto da villa de Pao d'Alho e o engenho Pindoba sito na freguezia de Tracunhãem: os pretendentes dirijam-se ao engenho Carnauba do termo de Pao d'Alho

João Marques Bacalhao.

Attenção.

Precisa-se alugar uma preta escrava que saiba lavar e engommar: paga-se bem na rua da Cruz n. 23, segunda andar.

Attenção.

Festa dos Prazeres

Avisa-se ao respeitavel publico que no domingo 14 do corrente havera' um trem especial para os Prazeres, que partira' das Cinco Pontas ao meio dia e voltara' dos Prazeres as 8 1/2 horas da noite. Além deste havera' o trem do costume.

Assignado—E. H. Bramah,
Superintendente.

CONSULTORIO
DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO,
MEDICO PARTEIRO E OPERADOR.
3 RUA DA GLORIA, CASA DO FUNDÃO 3
Clinica por ambos os systemas.

O Dr. Lobo Moscoso dá consultas todos os dias pela manhãa, e de tarde depois de 4 horas. Contrata partidos para curar annualmente, não só para a cidade, como para os engenhos ou outras propriedades ruraes.

Os chamados devem ser dirigidos á sua casa até ás 10 horas da manhãa e em caso de urgencia á outra qualquer hora do dia ou da noite, sendo por escripto em que se declare o nome da pessoa, o da rua e o numero da casa.

Nos casos que não forem de urgencia, as pessoas residentes no bairro do Recife poderão remetter seus bilhetes á botica do Sr. J. Sounn & C. na rua da Cruz, ou á loja de livros do Sr. José Nogueira de Souza na rua do Crespo ao pé da ponte velha.

Nessa loja e na casa do annunciante achar-se-ha constantemente os melhores medicamentos homeopathicos já bem conhecidos e pelos preços seguintes:

Botica de 12 tubos grandes	10$000
Dita de 24 ditos	15$000
Dita de 36 ditos	20$000
Dita de 48 ditos	25$000
Dita de 60 ditos	30$000
Tubos avulsos cada um	1$000
Frascos de tinturas	2$000
Manual de medicina homeopathica pelo Dr. Jahr, traduzido em portuguez, com o diccionario dos termos de medicina, cirurgia etc. etc.	20$000
Medicina domestica do Dr. Hering, com diccionario.	10$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes	6$000

LOTERIA

Acham-se a venda os bilhetes e meios da quarta parte da quarta e primeira da quinta loteria a beneficio da matriz de S. Pedro Martyr de Olinda, na thesouraria das loterias rua do Queimado numero 12, primeiro andar, e nas lojas commissionadas na praça da Independencia n. 22 do Sr. Santos Vieira, rua Direita n. 3 botica do Sr. Chagas, no Recife rua da Cadeia loja n. 45 dos Srs. Porto Irmãos. As rodas andarão impreterivelmente no dia 24 do corrente e os premios serão pagos depois da entrega das listas. — O thesoureiro, Antonio José Rodrigues de Souza

— Carvalho, Nogueira & C., sacam qnalquer quantia sobre Lisboa, Porto e Ilha de S. Miguel: na rua do Vigario n. 9, primeiro andar.

— Aluga-se a loja do sobrado da rua da Imperatriz n. 38: a tratar na mesma rua n. 40.

Pedido.

Pede-se ao Sr. Germano

Francisco de Oliveira, que por sua bondade continue na acertada lembrança que teve entre nós em 1859, a qual é dar espectaculos aos domingos á tarde, visto que muitas pessoas tendo obrigações á cumprir não podem frequentar o theatro á semana, asseverando-se sempre grandes enchentes, devendo levar á scena no primeiro domingo a PROBIDADE: pela favoravel aceitação deste pedido espera

Um constante espectador.

— Precisa-se fallar aos Srs. alferes Antonio de Souza Barroso e José Geraldo de Lima, este ignora-se a morada, e aquelle administrador do engenho Brum: na rua da Esperança ou Caminho Novo do bairro da Boa-Vista n. 45.

— Precisa-se de duas amas, livres ou escravas para o serviço de casa de pouca familia, sendo uma para a villa do Cabo: a tratar no pateo do Terço n. 16, das 9 horas da manhãa ás 5 da tarde.

Bolachinha ingleza a 200 réis a libra.

Potes de composição para matar ratos e baratas a 1,000 rs.: no largo do Paraizo, taberna da estrella, n. 14.

— José Alves Barbosa retira-se para a Europa com sua senhora e duas filhas menores, deixando para seus procuradores os Srs. Manoel Alves Barbosa, Antonio Alves Barbosa e Manoel da Costa Lima.

— O abaixo assignado, dono das dividas da massa de Ignacio Nery Ferreira da Silva Lopes, tendo encontrado entre os documentos da mesma uma letra da quantia de 369$590, aceita pelo Sr. Antonio Homem Ledo, de Macáo, cuja letra foi paga em 7 de fevereiro do anno proximo passado, como prova do recibo que existe em poder do Sr. Joaquim de Souza Maia, declara o annunciante que dita letra se desencaminhou de seu poder, e pelo presente faz publico que fica sem validade, podendo, quem achou, entregar ao annunciante no aterro da Boa-Vista n. 46, ou ao dito Sr. Maia, na rua do Queimado n. 4.

João Luiz Vianna.

SOCIEDADE
UNIÃO BENEFICENTE
DOS
ARTISTAS SELLEIROS
Em Pernambuco.

Por ordem do Sr. presidente convido os senhores socios effectivos para a sessão de assembléa geral, domingo 14 do corrente, as 10 horas da manhãa, para se tratar de negocios de muita urgencia.

Secretaria da sociedade União Beneficente dos Artistas Selleiros em Pernambuco 10 de abril de 1861.

João José Leite Guimarães.
1.° secretario.

— Aluga-se o armazem n. 40 sito na rua do Amorim: a tratar na rua Direita n. 12, primeiro andar

— Vai á praça pelo juizo do civel da 1.ª vara a requerimento de seu proprietario, por tres praças consecutivas, nas terças e sextas-feiras, uma morada de casa terrea na rua da Roda n. 23, com duas portas e uma janella de frente, duas salas e cinco quartos, cozinha fóra, cacimba, pequeno quintal com portão para a rua dos Patos, com um sotão assobradado, cujas janellas deitam para a mesma rua dos Patos, com duas salas, um terraço, dous quartos, cozinha, cacimba, portão, canos em ambas, que despeja em um sumidouro: a casa terrea paga de renda por mez 25$ e o sotão 20$, avaliadas em 4:000$, e paga de fôro annual ao hospital de Nossa Senhora do Paraizo 2$900.

— Na rua do Trapiche n. 22, precisa-se de 2 copeiros serventes.

— Alexandre José da Silva, Portuguez, vai á Europa.

— José Alves Barbosa retira-se para a Europa com sua senhora e duas filhas menores.

— John Marriott, subdito britannico, retira-se para a Europa.

-- Na travessa da rua

das Cruzes n. 2, primeiro andar, continua-se a tingir com toda a perfeição para qualquer côr, e o mais barato possivel.

— Manoel Ignacio de Oliveira & Filho saccam sobre Lisboa e Porto; no largo do Corpo Santo, escriptorio.

Nova cartilha.

Acaba de sahir dos prelos desta typographia uma nova edição da cartilha ou compendio de doutrina christãa, a mais completa de quantas se tem impresso, por quanto abrange tudo quanto continha a antiga cartilha do abbade Salomonde e padre mestre Ignacio, acrescentando-se muitas orações que aquellas não tinham; modo de acompanhar um moribundo nos ultimos momentos da vida, com a tabella das festas mudaveis, e eclypses desde o corrente anno até o de 1903, seguida da folhinha ou kalendario para os mesmos annos. A bondade do papel e excellencia da impressão, dão a esta edição da cartilha uma preferencia assás importante: vende-se unicamente na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

JOIAS.

Joaquim Monteiro de Oliveira Guimarães com loja de ourives na rua do Cabugá n. 1 A, participa aos seus amigos freguezes e ao publico em geral, que se acha sortida das mais bellas e delicadas obras de ouro e prata, e querendo acabar com o negocio, está resolvido a vender mais barato do que em outra parte, garantindo as ditas obras, passando conta com recibo, declarando a qualidade, e compra ou troca obras velhas, pagando o ouro por mais do que em outra parte.

CASA
de commissão de escravos, pateo do Paraizo n. 16, sobrado que foi do fallecido Nicoláo.

Para a dita casa foi transferido o antigo escriptorio de commissão de escravos, que se achava estabelecido na rua larga do Rosario n. 20; e ahi da mesma maneira se continúa a receber escravos para serem vendidos por commissão, e por conta de seus senhores; não se poupando esforços para que os mesmos sejam vendidos com promptidão, afim de que seus senhores não soffram empates com a venda delles. Neste mesmo estabelecimento ha sempre para vender escravos de ambos os sexos, bellos e moços.

— Aluga-se o primeiro andar e loja do sobrado de 4 andares no becco da Boia; a tratar na praça do Corpo Santo n. 5.

Para uma casa franceza.

Precisa-se de uma escrava que saiba engommar, coser, e fazer todo o serviço de uma casa de pouca familia, e que seja fiel e diligente. Na mesma casa precisa-se de um escravo para o serviço de cozinha: quem tiver pode dirigir-se á rua do Imperador n. 27 confronte a ordem terceira de S. Francisco, que achará com quem tratar, das 9 horas da manhãa ás 4 da tarde.

— Aluga-se um grande sitio com boa casa de vivenda, bastantes arvoredos de fructo, boa baixa para capim de inverno a verão, proporções para ter vaccas de leite, e com boa estribaria, no lugar de Casa Forte, sitio da Capella; quem o pretender, dirija-se a rua da Cadeia do Recife n. 46, loja de Leite & Irmão.

— Aluga-se uma das casas da ilha do Retiro, ao lado da ponte da Magdalena, com 2 salas, gabinete, 4 quartos e cozinha fóra, com quintal em aberto, o aluguel é barato, e pode-se tratar com o Sr. Luiz Manoel Rodrigues Valença, sobrado junto ao gazometro.

M. J. Leite, roga a seus devedores que se dignem mandar pagar seus debitos na sua loja da rua do Queimado n. 10, entendendo-se para esse fim com o seu procurador o Sr. Manoel Gomes Leal.

— O bacharel WITRUVIO pode ser procurado na rua Nova n. 23, primeiro andar, do sobrado da esquina que volta para a Camboa do Carmo.

Medico.

O Dr. Americo Alvares Guimarães faz publico que está residindo na rua da Cruz n. 21, onde dá consultas e pode a qualquer hora ser procurado para o exercicio de sua profissão medica.

— O capitão da barca americana «Villa-Franca» tem para vender 115 onças mexicanas: a tratar no escriptorio de Scott Wilson & C., rua da Cruz n. 21.

Mobilias de aluguel.

Alugam-se mobilias completas de todas as qualidades e por preço muito commodo; tambem se alugam cadeiras em grande quantidade para bailes ou officios: na rua Nova, armazem de mobilia do Pinto, defronte da rua de Santo Amaro.

— Precisa-se de um official de cigarreiro: na rua da Cadeia do Recife n. 15, loja.

— O Sr. Joaquim Ignacio de Carvalho Mendonça, tenha a bondade de dirigir-se á rua Nova sobrado n. 58, para tratar do negocio que não ignora.

CONSULTORIO ESPECIAL HOMEOPATHICO
DO DOUTOR
SABINO O. L. PINHO.
Rua de Santo Amaro (Mundo Novo) n. 6.

Consultas todos os dias uteis desde as 10 horas até meio dia, acerca das seguintes molestias: *molestias das mulheres, molestias das crianças, molestias da pelle, molestias dos olhos, molestias syphiliticas, todas as especies de febres, febres intermittentes e suas consequencias,*

PHARMACIA ESPECIAL HOMEOPATHICA.

Verdadeiros medicamentos homeopathicos preparados som todas as cautelas necessarias, infalliveis em seus effeitos, tanto em tintura, como em globulos, pelos preços mais commodos possiveis.

N. B. Os medicamentos do Dr. Sabino são unicamente vendidos em sua pharmacia; todos que o forem fóra della são falsos.

Todas as carteiras são acompanhadas de um impresso com um emblema em relevo, tendo ao redor as seguintes palavras: Dr. Sabino O. L. Pinho, medico brasileiro. Este emblema é posto igualmente na lista dos medicamentos que se pede. As carteiras que não levarem esse impresso assim marcado, embora tenham na tampa o nome do Dr. Sabino são falsos.

Dentista de Paris.
15—Rua Nova—15

Frederic Gautier, cirurgião dentista, faz todas as operacões da sua arte e colloca dentes artificiaes, tudo com a superioridade e perfeição que as pessoas entendidas lhe reconhecem.

Tem agua e pós dentifricios etc.

— Antonio Correia dos Santos faz ver ao respeitavel publico que se retira para Portugal a tratar de sua saude, e deixa por seus procuradores, em primeiro lugar José Gomes Loureiro, em segundo Antonio Martins de Carvalho Azevedo.

O artista americano
O artista americano
O artista americano
O artista americano
O artista americano
Tira retratos por 3$
Tira ratratos por 3$
Tira retratos por 3
Tira retratos por 3
Tira retratos por 3
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
Tendo recebido um sortimento de caixinhas novas
No grande salão da rua do Imperador
No grande salão da rua do Imperador
No grande salão da rua do Imperador
No grande salão da rua do Imperador
No grande salão da rua do Imperador
No grande salão da rua do Imperador

A. W. Osborn, o retratista americano tem recentemente recebido um grande e variado sortimento de caixas, quadros, aparatos chimicos, e um grande numero de objectos relativos a arte. Como tambem um grande fornecimento de caixas para retratos de 3$000 rs. cada um, as pessoas que desejarem adquirir conhecimentos praticos na arte de retratar acharão o abaixo assignado sempre prompto sob condições muito razoaveis.

Os cavalheiros e senhoras são convidados a visitar estes estabelecimentos, para examinarem os specimens do que acima fica anunciado.

Mudança de estabelecimento.

José Moreira Lopes avisa aos seus amigos e freguezes desta e de outras provincias, que mudou o seu estabelecimento de fazendas que tinha no sobrado amarello da rua do Queimado, para a loja e armazem que foi dos Srs. Santos & Rolim, onde tem o mais completo e variado sortimento de fazendas de todas as qualidades para vender em grosso e a retalho por preços muito baratos: rua do Crespo, sobrado de 4 andares n. 13, e rua do Imperador, outr'ora rua do Collegio, sobrado de um andar n. 36.

— Pede-se aos Srs. José Leonardo Radich José Lopes Davim, Manoel Alves de Souza, que tenham a bondade de chegar á rua Direita n. 55, loja, a negocio de urgencia.

AMA.

Precisa-se de uma ama secca para casa de pobre familia; na loja de livros ao pé do arco de Santo Antonio.

— Arrenda-se o engenho Recreio, sito na freguezia de Muribeca, distante desta cidade 3 leguas, e 1 da estação dos Prazeres, com capacidade para safrejar 3,000 pães, de muito boas terras lavradias, massapés e bons paús; a tratar no engenho Santo André com o proprietario, ou nesta cidade com Viceute Licinio da Costa Campello, na rua do Caes de 22 de Novembro n. 30.

Já chegou o prompto allivio.

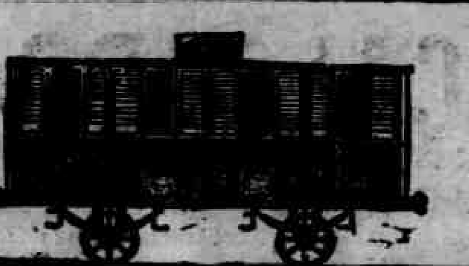
Bem como os outros medicamentos dos celebres Dr. Radway & C. de New-York. Acham-se á venda na rua da Imperatriz n 12. Tambem chegarem instrucções completas para se usarem estes remedios contendo um indice onde se pode procurar a molestia que se deseja curar os quaes se vendem a 1,000.

Agencia dos fabricantes americanos Grouver & Baker.

Machinas de coser: em casa de Samuel P. Johston & C., rua da Senzalla Nova n. 52.

— Na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia precisa-se fallar ao Sr. Ulisses Cokles Cavalcanti de Mello.

— Aluga-se uma casa novamente acabada em armazem com grande quintal, com telheiros, tendo uma cambos no fundo para commodidade de qualquer officina ou padaria, sita na rua Imperial n. 162: a tratar na rua Direita n. 84.



COMPANHIA DA VIA FERREA
DO
Recife a São Francisco.
Limitado.

Até outro aviso a partida dos trens será regulada pela tabella seguinte:

TRENS PARA O INTERIOR.

ESTAÇÕES.	Dias de trabalho. MANHAA. Horas.	Minutos.	TARDE. Horas.	Minutos.	Domingos e dias santos. MANHAA. Horas.	Minutos.	TARDE. Horas.	Minutos.
Cinco-Pontas	8	30	4	30	7	30	6	30
Afogados	8	40	4	40	7	40	6	40
Boa-Viagem	8	50	4	50	7	50	6	50
Prazeres	9	—	5	—	8	—	7	—
Pontezinha	9	15	5	15	8	15	7	15
Ilha	9	25	5	25	8	25	7	25
Villa do Cabo	9	40	5	40	8	40	7	40
Ipojuca	9	—			8	—		
Olinda	10	20			9	20		
Timbó-Assú	10	35			9	35		
Escada (chegada)	10	50			9	50		

TRENS DO INTERIOR.

ESTAÇÕES.	Dias de trabalho. MANHAA. Horas.	Minutos.	TARDE. Horas.	Minutos.	Domingos e dias santos. MANHAA. Horas.	Minutos.	TARDE. Horas.	Minutos.
Escada			1	45			3	45
Timbó-Assú			2	5			4	5
Olinda			2	20			4	20
Ipojuca			2	35			4	35
Villa do Cabo	7	—	3	—	6	—	5	—
Ilha	7	15	3	15	6	15	5	15
Pontezinha	7	25	3	25	6	25	5	25
Prazeres	7	40	3	40	6	40	5	40
Boa-Viagem	7	50	3	50	6	50	5	50
Afogados	8	—	4	—	7	—	6	—
Cinco Pontas (chegada)	8	10	4	10	7	10	6	10

Assignado—*E. H. Bramah*,
Superintendente.

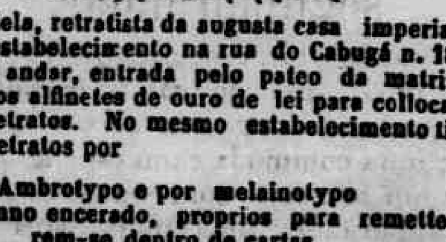
CASA
DE
commissão de escravos na rua da Penha, sobrado numero 2.

Nesta nova casa de commissão de escravos, recebem-se escravos por commissão para serem vendidos por conta de seus senhores, afiançando-se a prompta venda, assim como o bom tratamento para os mesmos, afim de que os senhores dos mesmos escravos fiquem satisfeitos com as diligencias que da parte do commissionado fizer, para em tudo agradar aquelles senhores que o quizerem honrar com a sua confiança, no que espera merecer attenção tanto dos senhores que lh'os quizerem confiar para vender, como aquelles que pretendam confiar, pois espera ter sempre para vender escravos de ambos os sexos e idades.

CONSULTORIO ESPECIAL
HOMEOPATHICO
DO
DR. CASANOVA,
30--Rua das Cruzes--30

Neste consultorio tem sempre os mais novos e acreditados medicamentos preparados em Paris (as tinturas) por Catellan e Weber, por preços razoaveis.

Os elementos de homeopathia obra, recommendada á intelligencia de qualquer pessoa.



F. Villela, retratista da augusta casa imperial, em seu estabelecimento na rua do Cabugá n. 18, primeiro andar, entrada pelo pateo da matriz, tem lindos alfinetes de ouro de lei para collocarem-se retratos. No mesmo estabelecimento tiram-se retratos por

Ambrotypo e por melainotypo
Sobre panno encerado, proprios para remetterem-se dentro de cartas.

Sobre malacacheta ou talco, especiaes para alfinetes ou cassoletas.

Retratos transparentes, offerecendo o mesmo retrato duas vistas,
uma em cores outra em preto e branco.

Retratos a oleo, de todos os tamanhos até o ponto natural.

— Uma pessoa que entende de escripturação por partidas dobradas offerece-se para escripturar em alguma casa de commercio; quem de seu prestimo se quizer utilisar, annuncie para ser procurado.

— O Sr. capitão Honorato Joseph de Oliveira Figueiredo, morador na villa do Cabo, se quizer concluir o negocio que principiou na rua da Cruz n. 62, appareça quanto antes.

— Antonio Joaquim da Costa e Silva tendo vendido em agosto proximo passado o seu estabelecimento de molhados da travessa das Cruzes n. 14, acha-se de novo estabelecido na rua da Esperança da Boa-Vista n. 45, roga as pessoas que lhe são devedoras o obsequio de mandar satisfazer seus debitos no prazo de 15 dias, do contrario procederá a cobrança judicialmente. Recife, 10 de abril de 1861.

Consultas medicas.

Serão dadas todos os dias pelo Dr. Cosme de Sá Pereira no seu escriptorio, rua da Cruz n. 53, desde ás 6 até ás 10 horas da manhãa menos aos domingos sobre:

1.° Molestias de olhos.
2.° Molestias do coração e do peito.
3.° Molestias dos orgãos da geração e do anus.

O exame dos doentes será feito na ordem de suas entradas, começando-se porém por aquelles que soffrerem dos olhos.

Instrumentos chimicos, acusticos e opticos serão empregados em suas consultações e procederá com todo rigor e prudencia para obter certeza, ou ao menos probabilidade sobre a sede, natureza e causa da molestia, e dahi deduzir o plano de tratamento que deve destrui-la ou curar.

Varios medicamentos serão tambem empregados gratuitamente, é pela certeza que tem de sua verdadeira qualidade, promptidão em seus effeitos, e a necessidade do seu emprego urgente que se usará delles.

Praticará ahi mesmo, ou em casa dos doentes toda e qualquer operação que julgar conveniente para o restabelecimento dos mesmos, para cujo fim se acha provido de uma completa collecção de instrumentos indispensavel ao medico operador.

A SEMANA
ILLUSTRADA
Já chegou até o n. 12

deste interessante jornal á rua do Imperador n. 12, sonde se continua a receber assignaturas.

Preços trimestre	6$000
Semestre	11$000
Anno	18$000

Os elogios que a *Semana Illustrada, o primeiro jornal illustrado do Brasil,* tem merecido de todos os jornaes da côrte, são a prova mais cabal de seu merecimento

Diz o *Diario do Rio de Janeiro*, de 20 de janeiro de 1861:

O ridendo castigat mores continúa a ser observado com verdadeiro chiste pela *Semana Illustrada* que tomou aquella sentença por maioria.

O n. 6 que acaba de publicar-se traz bonitos artigos e espirituosas caricaturas, algumas de applicação eleitoral.

Diz o *Correio Mercantil*, de 20 de janeiro de 1861:

Publica-se o n. 6 da *Semana Illustrada*; cuja boa escolha de artigos facetos e de espirituosas caricaturas vai tornando esse pequeno periodico muito bem aceito pelo publico.

Diz o *Correio da Tarde*, de 20 de janeiro de 1861:

Começou a ser destribuido hoje o n. 6 da *Semana Illustrada* contendo os seguintes artigos: Escursão, Contos do Rio de Janeiro, Wagon, Transparencias e a interessante novella—As Faias do Ouro de Paulo Feval.

Sabio adornado este numero de oito caricaturas, cujo chiste e escolha as tornam dignas de suas irmãas nos numeros antecedentes. Ha um capitulo na vida fluminense, ou antes dous capitulos—os theatros e as modas—da alçada immediata da *Semana Illustrada*, e que ella ainda não quiz dar a ler a seus assignantes.

Diz o *Jornal do Commercio* de 24 de fevereiro de 1861:

Não me enganei quando em uma das minhas primeiras chronicas, ao registrar o apparecimento da *Semana Illustrada*, manifestei a confiança que me inspiravam os seus redactores, e as animadoras esperanças com que se recommendava a nova publicação.

A *Semana Illustrada* vai seguindo excellente caminho, dirigida pelo bom gosto, pelo atticismo, pela muito louvavel habilidade que a tem feito e ha de fazê-la escapar do mais perigoso escolho que ameaça as publicações desse genero, a affensa pessoal.

Não ha um só numero da *Semana Illustrada* que deixe de mostrar-se interessante por alguma ou algumas caricaturas espirituosas e bem concebidas, que provocando o riso castigam abusos que todos estão sentindo, vendo e lamentando.

Artigos bem escriptos e bonitas poesias acompanham as caricaturas, e augmentam o valor e fazem avultar o merecimento dessa publicação hebdomadaria.

Abundam alli as carapuças, isso é verdade; o ha carapuças que servem a muitas cabeças, que o publico á sua vontade escolhe e designa; certo é porém que a *Semana Illustrada* ainda não talhou manifesta e positivamente uma só carapuça para algum individuo em particular, e tem portanto sabido respeitar todas as considerações.

Mas um periodico da ordem da *Semana Illustrada* exige grandes despezas, e convém por consequencia que o publico o anime, e o arrime de recursos concorrendo para elle com as suas assignaturas.

Consta-me que a *Semana Illustrada* tem tido um acolhimento muito favoravel; mas é preciso que não esfrie este ardor, que importa ao mesmo tempo um auxilio material e um auxilio moral, porque por um lado concorre muito para libertar os redactores do periodico de repetidos sacrificios pecuniarios, e por outro os anima a proseguir nesse trabalho com a certeza de vê-lo apreciado e applaudido.

— Um moço portuguez, guarda-livros de uma casa commercial, dispondo de algumas horas, nellas se offerece para fazer alguma escripturação mercantil de qualquer estabelecimento, seja qual fôr o seu estado: quem necessitar deixará carta fechada nesta typographia sob as ineciaes D. W. D.

Compras.

— Compram-se escravos do sexo masculino de 12 a 20 annos, cabras ou negros na rua da Imperatriz n. 12 loja.

— Compra-se uma mobilia de jacarandá ou de outro melhor gosto, em segunda mão, com pouco uso: na rua do Rangel n. 5, achará com quem tratar.

Compram-se

notas de 1$ e 5$ velhas, com desconto mais modico do que em outra qualquer parte: na praça da Independencia n. 22.

— Compram-se alguns caibros, enxamés, e taboas, que sejam servidos, porém que estejam em bom estado; ao pé da fundição de Santo Amaro, taberna de José Jacintho de Carvalho.

— Compra-se uma casa terrea que tenha 3 quartos, quintal e cacimba, na freguezia da Boa-Vista ou de Santo Antonio: quem tiver, dirija-se a rua do Cabugá n. 1 C.

— Compram-se moedas de ouro de vinte mil réis: na rua da Imperatriz n. 24.

Compram-se escravos

de ambos os sexos e de toda idade, tanto para exportar para fóra da provincia como para a cidade: no escriptorio de *Francisco Mathias Pereira da Costa*, rua Direita n. 66.

Vendas.

— Vende-se uma casa terrea com os commodos seguintes: 4 quartos, cozinha fóra, cacimba, bom quintal, portão ao lado, na freguezia da Boa-Vista, lugar do Campo-verde, rua do Socego: quem pretender, dirija-se ao mesmo lugar, na padaria, que se dirá quem vende; rende 21$.

Fumo de borba do Pará

na rua da Cadeia do Recife n. 15.

Mel para vender.

No caes do Ramos n. 10, vende-se bom mel de furo e por preço commodo.

— Vende-se farinha de mandioca em saccos, muito barata; no Becco Largo n. 6.

Barato.

Só na rua Nova n. 42, defronte da Conceição dos Militares, aonde se vende um rico sortimento de fazendas finas e grossas, como sejam:

Chitas francezas largas, claras e escuras, muito finas a 220, 240, 260, 280 e 300 rs. o covado, cassas de cores, padrões muito delicados a 480 e 500 rs. a vara, cambaia organdys o mais moderno que pode haver a 800 e 1$ a vara, peças de cambraia lisa muito fina com 8 varas e meia cada uma a 4, 5 e 5$500, dita muito superior a 6$ cada uma, peças de cambraia tapada finissima a 6 e 6$500, peças de cambraia de salpicos brancos e de cores, muito delicadas a 4$500 cada uma, peças de cambraia adamascada com 20 varas para cortinados a 10$ cada uma, follar de seda assetinado para vestido a 900 rs. o covado, sedinhas de quadros muito bonitas a 1$400 o covado, chales de merinó estampados com listras de seda, fazenda muito rica a 8$ cada um, ditos de merinó liso adamascado a 5$500 cada um, e outras muitas fazendas, como grosdenaples, manteletes, sedas, filó de linho liso e bordado, e bem assim um completo sortimento de roupas feitas, constando de camisas de algodão e de linho, francezas e inglezas, ceroulas, calças, colletes, paletots de diversas fazendas, sobrecasacas e casacas, que tudo se vende por pouco dinheiro, e dão-se as amostras com penhor.

Guardanapos de linho muito barato.

Vendem-se guardanapos de linho de flores com pequenos defeitos a 3$ a duzia, optimos pelo preço e qualidade, para o serviço diario de qualquer casa; na rua do Queimado, loja d'aguia branca numero 16.

Queijos.

Vendem-se queijos muito frescaes vindos pelo ultimo vapor a 1$600: na rua Direita n. 8.

Attenção.

Farinha de mandioca a 2$ o sacco, dito com arroz de casca a 3$600, dito com gomma a 2$900 a arroba; na rua do Queimado n. 14.

Rua do Amorim numero 43.

Vendem-se batatas muito novas, pesadas, pelo barato preço de 2$ a arroba: a ellas, que se estão acabando.

Adragonas.

Vende-se um par de adragonas para alferes ou tenente da guarda nacional, obra franceza e ainda não servida; na travessa das Cruzes, taberna n. 12.

E' mais que pechincha.

Mantas de gaze (gravatas) a 500 rs.
Ditas de linho a 200 rs.
Gravatinhas de froco para senhora a 1$.
Gollinhas de cambraia finas bordadas a 1$
Saias bordadas com 3 pannos a 2$.
Ditas ditas com 4 pannos a 3$ e 3$500.
Luvas de pellica de Jouvin a 2$500.
Lãas de cores, bonitos padrões, covado a 400.
Ditas de ditas, covado a 500 rs.
Ditas de ditas, covado a 360 rs.
Organdys cassas, cambraias, sedas, chapeos e muitas outras pechinchas que com a vista das fazendas se hão de admirar; na rua do Crespo n. 8, loja do Leandro.

Remedio prodigioso!!!!

O verdadeiro especifico para a cura completa das feridas antigas e recentes, ulceras, fistulas, pisaduras, deslocações, enchaços, tumores, erysipella e quasi todas as molestias da pelle: acha-se á venda no Bazar Pernambucano da rua do Imperador e na praça da Independencia n. 22.
Preço dos frasco...... 2$000
» de meio dito.... 1$000
» de 1/4 de dito... 500

NO
Armazem de fazendas
DA
Rua do Queimado n. 19.

Cobertas de chita, gosto chinez, a 1$800.

Lençóes.
Lençóes de panno de linho fino a 1$900.

Cortes de casemira.
Cortes de casemira de cor muito fina, pelo barato preço de 5$.

Tarlatana.
Tarlatana branca para forro de vestido, pelo baratissimo preço de 260 rs. a vara.

Gambraia de côr.
Cambraia matizada fina a 240 rs. o covado.

Chita franceza.
Chitas francezas pelo barato preço de 220 rs. o covado.

Esteira da India,
de 4, 5 e 6 palmos de largo, propria para forrar sala e camas.

Cortes de collete.
Cortes de velludo preto bordados a 6$.

Mantas de blonde.
Mantas de blonde pretas de todas as qualidades

Cambraia branca.
Peças de cambraia branca fina a 2$800, 3$000 e 3$500.

Toalhas.
Toalhas de fustão a 600 rs. cada uma.

Sola do Acaracú.

A tratar com Gouveia & Filhos, rua da Cadeia do Recife n. 3.

PECHINCHA

Meias brancas e pintadas para homem a 1$500 a duzia e 150 rs. o par; na rua Nova n. 42.

Cavallo.

Vende-se um excellente cavallo, grande e gordo, com arreios ou sem elles; a tratar na rua do Queimado n. 75, junto a loja de cera.

Vaccas paridas.

Vendem-se por commodo preço algumas vaccas novas e gordas, boas de leite, filhas do pasto e paridas ha pouco: para ver e tratar, no sitio grande Salgadinho.

— Vicencia Maria do Carmo Cesar, estando com licença do governo provincial, em virtude da lei de instrucção primaria, poder ensinar meninas, avisa aos Illms. Srs. pais de familia, que ella tem aula aberta na rua Direita desta cidade n. 16, por cima da officina de tamancos, ao entrar pelo becco de S. Pedro, sobrado de um andar, asseverando-lhes uma educação propria do sexo; assim faz o presente annuncio, esperando a benevolencia de seus patricios.

CALÇADO
45 — Rua Direita — 45

Por sem duvida que o Sr. ex-ministro da fazenda estava despeitado com os delicados pés das nossas amaveis patricias! Prova-o bastante o augmento de 160 % nos direitos que pagam as botinas de senhora em relação ás de homem que apenas tiveram o de 25 %! S. Exc. desejava que ellas trocassem uma bem feita botina *joly*, por algum chinelo mal amanhado, encosturado de pôpa á prôa, afim de obstar a que ostentassem com garbo o mimoso pé da bella pernambucana, que não tem rival nas cinco partes do mundo. Mas S. Exc. teve de encontrar uma opposição firme e energica no proprietario do estabelecimento da rua Direita n. 45, que não quiz vender as suas botinas a 7$000 como S. Exc. pretendeu, e sim pelos preços seguintes:

Borzeguins para senhora.

Joly (com brilhantina). . .	6$000
Dito (com laço e fivella). . .	5$500
Austriaco (sem laço). . . .	5$000
Joly (gaspa baixa). . . .	4$500

Para menina.

De 23 a 30.	4$000
De 18 a 22.	3$500

Para homem.

Nantes (2 baterias). . . .	10$000
Francezes (diversos autores. .	9$000
Inglezes de bezerro, inteiriços	9$000
Ditos (cano de pellica). . .	8$ 00
Ditos vaqueta da Russia . .	8$500
Ditos pernambucanos . . .	6$000

Sapatões para homem.

2 baterias (Nantes).	5$600
1 bateria)Suzer).	5$200
Sola de bater (Suzer). . . .	5$000
Meios borzegins (lustre). . .	6$000
Sapatões (com elastico). . .	5$000
Ditos para menino . 3$500 e	4$000

Muito calçado bem feito no paiz por preços baratissimos: assim como couro de lustre, marroquins, bezerro francez, courinhos, vaquetas preparadas, sola, fio etc. em abundancia e muito barato.

É para acabar.
NA LOJA DO
LEANDRO
Rua do Crespo n. 8.

Saias bordadas de tres pannos a 2$
Ditas ditas de quatro pannos muito finas a 3$ e 3$500.
Gollinhas bordadas muito finas para senhora a 1$ cada uma.
Outras muitas pechinchas por baratissimos preços que só se vendo.

Goianna.

Vende-se uma loja de fazendas em Goiannajno becco do Pavão, para pagamento de credores com o pequeno fundo de 5:500$ sendo 3:200$ em fazendas e 2:300$ em dividas cobraveis, cujo estabelecimento é proprio para qualquer que queia começar sua vida commercial, dá-se abatimento sufficiente na importancia do balanço: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 22, com João Pereira Moutinho & C.

INJECTION BROU
REMEDIO INFALLIVEL
contra as gonhorréas antigas ou recentes,
VENDE-SE NO UNICO DEPOSITO
Botica franceza rua da Cruz n. 22.
PREÇO 3,000.

Luvas de Jouvin.

Vendem-se as melhores e mais frescas luvas de pellica de Jouvin que se podem desejar, por terem sido recebidas pelo vapor francez, sendo brancas, pretas e de cores, tanto para homem como para senhora: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

Potassa.

Vende-se a 240 rs. a libra, a superior e alva potassa do acreditado fabricante João Casa-nova, cuja qualidade e reconhecido effeito é igual ou superior a de Hamburgo, geralmente conhecida como da Russia: no deposito, rua da Cadeia n. 47, escriptorio de Leal Reis.

Vendem-se
Na rua das Cruzes n. 38, segundo andar,

por mui barato preço os moveis seguintes: uma cama de casal, embutida; um porta-servidor; um colxão de molas; uma commoda: um espelho grande; um armario com outro espelho; um apparador; uma mesa para doze pessoas; um porta-licores; serviço de porcelana para jantar; um relogio de marmore negro, representando Miguel Angelo; duas bellas gravuras (Apollo e as musas, Moliére em casa de Ninon de l'Enclos), em duas ricas molduras. Tendo seu dono de retirar-se para o campo, por isso desfaz-se destes objectos, mandados vir expressamente de Paris, aonde foram confeccionados com perfeição e apurado gosto.

Farelo de Lisboa.

Vende José Luiz de Oliveira Azevedo, em seu armazem na travessa da Madre de Deus n. 5.

Relogios

Suissos.

Em casa de Schafheitlin & C., rua da Cruz n. 38, vende-se um grande e variado sortimento de relogios de algibeira horisontaes, patentes, chronometros, meioschronometros de ouro, prata dourada e foleados a ouro, sendo estes relogios dos primeiros fabricantes da Suissa, que se venderão por preços razoaveis

Sabão.

Joaquim Francisco de Mello Santos avisa aos seus freguezes desta praça e os de fóra, que tem exposto á venda sabão de sua fabrica denominada —Recife—no armazem dos Srs. Travassos Junior & C., na rua do Amorim n. 58; massa amarella, castanha, preta e outras qualidades por menor preço que de outras fabricas. No mesmo armazem tem feito o seu deposito de velas de carnauba simples sem mistura alguma, como as de composição.

Sabão do Rio,

bem secco e mais barato que em outra qualquer parte; a tratar na rua da Cruz n. 27, armazem de Almeida Gomes, Alves & C.

Attenção
E' barato.

Camas de ferro de todos os tamanhos e qualidades, as mais modernas que tem vindo a este mercado; na loja de ferragens, rua da Cadeia do Recife n. 56 A, de Vidal & Bastos.

— Na rua da Imperatriz n. 4, vende-se superior toucinho a 240 rs. a libra, queijos suissos a 1$, manteiga ingleza a 1$ a libra, vinho do Porto engarrafado a 1$280, dito Xerez a 1$400, dito Bordeaux a 1$, dito Muscatel a 1$, champanha a 2$, vinagre branco a 400 rs. a garrafa, garante-se a qualidade.

Quejos a 1,440. rs.

Ditos do vapor a 1$70) e a 2$000; na travessa do pateo do Paraizo ns. 16 e 18, casa pintada de amarello.

Milho a 200 rs.

Vende-se milho a 200 rs. a cua, o a 3$500 o sacco; na travessa do pateo do Paraizo ns. 16 e 18, casa pintada de amarello.

Novas sementes de hortaliça.
Dinheiro a' vista,

Vendem-se sementes de hortaliça muito novas, vindas da Europa pelo ultimo vapor inglez «Tyne»; na loja de ferragens de Vidal & Bastos, rua da Cadeia do Recife n. 56 A.

— Vende-se uma mobilia de jacarandá em muito bom estado obra do Porto: na rua da matriz da Boa-Vista n. 22.

Gaz para candieiros.

Já chegou este gaz tão procurado, bem como um completo sortimento dos candieiros proprios que se vendem por muito baixos preços: na rua da Imperatriz n. 12, loja de Raymundo Carlos Leite & Irmão.

Rua do Crespo,

loja n. 25, de Joaquim Ferreira de Sá, vendem-se por preços baratissimos, para fechar contas: chapeos do Chille para homem e menino a 3$500, cortes de casemira de cores a 3$500, peças de babados largos e transparentes a 3$, peças de cambraia lisa fina a 3$, sedas de quadrinhos miudos de cores escuras e gostos novos a 800 rs. o covado, chitas largas cores escuras e claras a 240 rs., cassas de cores de bons gostos a 240, organdys muito fino e padrões novos a 500 rs. o covado, peças de entremeios bordados finos a 1$500. babados bordados a 320 a vara, golinhas bordadas a 640, manguitos de cambraia e filó a 2$, bramante de algodão com 9 palmos de largura a 1$280 a vara, sobrecasacas de panno fino a 20 e 25$, paletots do panno e casemira de 16 a 20$, dita de alpaca pretos de 3$500 a 7$, ditos de brim de 3 a 5$, calças de casemira preta e de cores para todos os preços, ditas de brim de cores e brancas de 2$500 a 5$, colletes de casemira de cores e pretos, ditos de setim preto, tudo a 5$, cortes de cassa de cores a 2$, peças de madapolão fino a 4$500, assim como outras muitas fazendas que se venderão por menos do seu valor para acabar.

GURGEL & PERDIGÃO.
FAZENDAS BOAS E BARATAS.
Rua da Cadeia loja n. 23.

Vestidos superiores de blonde com manta, capella, flores e mais pertences.

Vestidos de seda de cores e de moreantique.

Vestidos de cambraia brancos bordados e de phantasia superior.

Manteletes, talmas, visitas de filó, de gorgurão liso e bordados.

Sedas de quadrinhos, grosdenaples de todas as cores e moreantique.

Saias balão de todas as qualidades e tamanhos para senhoras e meninas.

Camisas de linho para senhora, de algodão para meninos de todas as idades.

Pentes de tartaruga modernos e dos mais acreditados fabricantes de 10$ a 30$.

Luvas de Jovin e enfeite de cabeça.

Cassas, organdys, diamantina, chitas claras e escuras, francezas e inglezas

Nesta loja só se vende a dinheiro e por isso mais barato que em qualquer outra, seu sortimento é completo de fazendas de moda, ditas inferiores e roupa feita e seus preços muito conhecidos: na rua da Cadeia loja n. 23, dão-se as amostras.

Superiores fitas de velludo e de seda.

Na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, acaba-se de receber de sua propria encommenda pelo vapor francez fitas de velludo de todas as larguras pretas e de cores, sendo lisas, abertas e lavradas, de lindos padrões, que se vende por preço muito em conta, assim como fitas de chamalote de todas as cores, proprias para cintos, cintos com fivela preta proprios para luto, luvas de torçal com vidrilho muito novas a 1$200 o par, ditas sem vidrilho a 800 rs., ditas de seda enfeitadas com bico e vidrilho a 2$: isto só se vende na aguia de ouro n. 18.

Calçado francez
barato, a dinheiro á vista, na rua do Cabugá n. 16

Botinas de lustre em perfeito estado para homem a 8$ e 8$500.
Ditos de dito e de bezerro de Nantes (Suzer) a 9$000.
Ditos de lustre com pellica para homem a 6$ e 7$000.
Ditos de cores gaspiados para senhora a 3, 4$ e 4$500,
Ditos de cores e pretos gaspiados para menina a 2$, 2$500 e 3$
Ditos de lustre e pellica para senhora a 4$.
Sapatões de lustre para homem a 3$, 3$500 e 4$000.
Ditos de dito gaspiados para homem a 4$000, 4$500 e 5$.
Ditos de dito gaspiados para menino a 3$000 e 3$500.
Ditos de dito para dito a 2$ e 2$500.
Ditos de bezerro para dito a 2$.

Cascarrilhas de seda de todas as cores.

A loja d'aguia branca recebeu com as demais cousas vindas pelo ultimo vapor francez, mui novas e bonitas cascarrilhas de seda para enfeites de vestido. O sortimento das cores é excellente inclusive a preta, que tem de diversas larguras, e obra de tanto gosto, só se encontra na loja d'aguia branca, rua do Queimado n. 16.

Proprio para mimo.

Só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, é chegado um completo sortimento de caixinhas para costura de todos os tamanhos, ornadas com preparos muito finos e ricamente enfeitadas, proprias para qualquer mimo de senhora ou menina: isto só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B.

Para a quaresma.

Ricos cortes de vestidos de grosdenaple preto bordados a velludo com algumas pintas de mofo, que mal se conhece, os quaes se tem vendido por 160$, e que se vendem por 80$.
Ditos ditos sem ser bordados a velludo, fazenda muito boa e encorpada por 55$ e 60$.
Mantas pretas de linho bordadas a 8$.
Visitas pretas muito bem enfeitadas a 12$.
Ditas de seda de cores muito lindas a 20$.
Grosdenaple preto superior de 2$200 e 2$, e muito largo a 2$800.
Sarja preta hespanhola boa a 2$.
Velludo preto liso muito bom a 4$, 5$ e 6$.
Cortes de casemira preta bordada para collete a 5$090.
Ditos de velludo preto bordado para collete a 10$000.
Calças de casemira preta fina a 10 e 12$.
Casacas e sobrecasacas pretas bem feitas a 30$.
Gorgurão preto e bordado de côr delicada, o covado 4$.
Colletes de casemira pretos bordados a 8$.
Paletots de panno preto a 12$ e 18$.
Ditos de alpaca preta a 3$, 4, 5 e 6$, e muito fino a 8$000.
Saias balão a 4$.
Chales de merinó bordados, grandes a 5$, 6$ e 7$000.
Ditos de seda pretos grandes a 14$.
Vestidos de seda de cor bordados de duas saias, fazenda muito boa com algum mofo a 40 e 60$.
Ditos de phantasia em cartão a 15$.
Calças de casemira de côr a 6$, 8, 9 e 10$.
Saccos de tapete de diversos tamanhos para viagem a 5$.
Malas de sola para viagem de 12$ a 18$.
Chapeos pretos francezes finos a 8$
Ditos de castor branco sem pello muito bons a 12$000. E outras muitas fazendas, que para liquidar, vendem-se barato: na loja de fazendas da rua da Cadeia do Recife n. 50, de Cunha e Silva.

— Vende-se farinha de mandioca muito boa, vinda de Santa Catharina, a bordo do brigue «Maria Rosa», fundeado em frente ao caes do Collegio; a tratar com o capitão a bordo, ou com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

Machinas de vapor.
Rodas d'agua.
Moendas de canna.
Taixas.
Rodas dentadas.
Bronzes e aguilhões.
Alambiques de ferro.
Crivos, padrões etc., etc:
Na fundição de ferro de D. W. Bowman rua do Brum passando o chafariz.

RELOGIOS.

Vende-se em casa de Saundres Brothers & C. praça do Corpo Santo, relogios do afamado fabricante Roskell, por preços commodos e tambem trancellins e cadeias para os mesmos de excellente gosto.

Luvas de torçal
com vidrilho a 1$000 o par.

A loja d'aguia branca, firme no seu proposito de barateira, está vendendo mui novas e bonitas luvas pretas de torçal com vidrilho a 1$ o par; a ellas, antes que se acabem: na rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16.

SEDULAS
de 1$ e 5$000.

Continua-se a trocar sedulas de uma só figura por metade do desconto que exige a thesouraria desta provincia, e as notas das mais praças do imperio com o abate de 5 por cento: no escriptorio de Azevedo & Mendes, rua da Cruz n. 1.

Pechincha!!!

Aletria, talharim e macarrão a 400 rs a libra: vende o Brandão, na Lingoeta n. 5.

Vidrilhos de todas as cores.

Na loja da aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, vende-se vidrilho preto, azul e branco assetinado, que se vende por baratissimo preço de 2,500 rs. a libra só na aguia branca.

As verdadeiras luvas de Jouvin.

A loja d'aguia branca recebeu pelo vapor francez uma nova remessa das verdadeiras luvas de Jouvin, cuja superioridade é já bem conhecida por quantos as tem comprado, e será mais por aquelles que se dirigirem á rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16, asseverando que são as melhores e mais novas no mercado. Tem sortimento de todas as cores tanto para homem como para senhora.

Capellas finas para noivas.

A loja d'aguia branca recebeu novas e delicadas capellas de flores finas para as noivas, e as está vendendo a 6$ e a 8$, conforme o seu proposito de barateira loja d'aguia branca, rua do Queimado n. 16.

TABAC CAPORAL
Deposito das manufacturas imperiaes de França.

Este excelente fumo acha-se depositado, diretamente na rua Nova n. 23, ESQUINA DA CAMBOA DO CARMO, o qual se vende por maços de 2 hectogramos a 1$000 e em porção de 10 maços paro cima com cesconto de 25 por cento; no mesmo estabelecimento acha-se tambem o verdadeiro papel de linho para cigarros.

EAU MINERALE
NATURELLE DE VICHY.
Deposito na Botica franceza rua da Cruz n. 22

Vinhos engarrafados

Termo.
Collares.
Lavradio.
Madeira.
Carcavellos.
Arintho.
Bucellas.
Malvasia, em caixas de uma duzia de garrafas: na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Vende-se dous sitios no lugar da Ibura, ambos com casa de vivenda, arvoredos de fructo, um delles com matas de madeiras de construcção, e para fazer lenha e carvão, tendo ambos os sitios bastantes terras de plantação, e ter vaccas de leite: quem os pretender, dirija-se a praça da Independencia, loja de chapeos n. 23 e 25, que ahi achará com quem tratar.

— Vende-se uma casa terrea com 8 mei-aguas no fundo, e chãos proprios, na rua do Padre Floriano; quem pretender, dirija-se a rua da Penha, sobrado n. 2.

Bonets de gorgurão avelludado.

Vendem-se mui bonitos bonets inglezes de gorgurão e velludo, mesclados e de mui bonitos padrões a 1$500. Esses bonets por suas boas qualidades e muita duração tornam-se mui proprios para os meninos de escola, e mesmo para passeio; assim como outros bonets de palha e panno fino, etc., etc., e mui bonitos a 2$500, 3$ e 4$, o melhor possivel: na rua do Queimado n. 16, loja d'aguia branca.

Chapéos de sol
de seda e de panno de todos os tamanhos, perfumarias bengalas, chicotes, etc. etc.

A liquidação da loja na rua Nova n. 36, continuará somente até o dia 20 do corrente mez, e com abates importantes nos objectos acima mencionados: vende-se em porção e a varejo.

Queijos do vapor a 1.800 rs.

Vendem-se queijos muito frescaes chegados no ultimo vapor inglez a 1$800, presunto muito novo a 320 rs., bolachinha ingleza a 160 rs., e em barriquinha de uma arroba a 3$200: na rua das Cruzes n. 24, esquina da travessa do Ouvidor.

Rua do Queimado n. 1.

Ha para vender madapolões com toque de avaria por diversos preços, chitas para coberta com dito a 160 rs. o covado.

Relogios.

Vende-se em casa de Johnston Pater & C., rua do Vigario n. 3 um bello sortimento de relogios de ouro, patente inglez, de um dos mais afamados fabricantes de Liverpool; tambem uma variedade de bonitos trancelins para os mesmos.

Em casa de Mills Latham & C. na rua da Cadeia do Recife n. 52, vende-se:
Vinho do Porto.
Dito Xerez engarrafado de muito superior qualidade.
Oleo de linhaça.
Alvaiade.
Secante.
Azarcão.
Encarnado veneriano em pó.

Attenção.

Na rua do Trapiche n. 46, em casa de Rostron Rooker & C., existe um bom sortimento de linhas de cores e brancas em carreteis do melhor fabricante de Inglaterra, as quaes se vendem pro preços mui razoaveis.

Chega para todos.

Cassas francezas muito bonitas e de cores fixa; a doze vintens o covado, é mais barato do que chita, approveitem em quanto não se acabam na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da Boa Fé.

A loja da bôa-fé
na rua do Queimado n. 22
está muito sortida,
e vende muito barato:

Brim branco de puro linho trançado a 1$000 e 1$400 rs. a vara; dito pardo muito superior a 1$200 a vara; gangas francezas muito finas de padrões escuros a 500 rs.; riscadinhos de linho proprios para obras de meninos a 200 rs, o covado: córtes de calça de meia casimira a 1$600; ditos de brim de linho de côres a 2$ rs.; bretanha de linho muito fina a 20$, 22$ e a 24$ rs. a peça com 30 jardas; atoalhado d'algodão muito superior a 1$400 rs. a vara; bramante de linho com 2 varas de largara a 2$400 a vara; lenços de cambraia brancos para algibeira a 2$400 a duzia; ditos maiores a 3$; ditos de cambraia de linho a 6$, 7$ e 8$ rs. a duzia; ditos bordados muito finos a 8$ rs. cada um; ditos de cambraia de algodão com bico largo de linho em volta a 1$280; ditos com renda, bico e labyrinlo a 2$000; e além disto, outras muitas fazendas que se vendem muito barato a dinheiro a vista: na rua do Queimado n. 22, loja da Boá é.

Cheguem ao barato

O Preguiça está queimando, em sua loja na rua do Queimado n. 2.

Peças de bretanha de rólo com 10 varas a 2$, casemira escura infestada propria para calça, collete e palitots a 960 rs. o covado, cambraia organdy de muito bom gosto a 480, rs. a vara, dita liza transparente muito fina a 3$, 4$, 5$, e 6$ a peça, dita tapada, com 10 varas a 5$ e 6$ a peça, chitas largas de modernos e escolhidos padrões a 240, 260 e 280 rs. o covado, riquissimos chales de merinó estampado a 7$ e 8$, ditos bordados com duas palmas, fazenda muito delicada a 9$ cada um, ditos com uma só palma, muito finos a 8$500, ditos lisos com franjas de seda a 5$, lenços de cassas com barra a 100, 120 e 160 cada um, meias muito finas para senhora a 4$ a duzia, ditas de boa qualidade a 3$ e 3$500 a duzia, chitas francezas de ricos desenhos, para coberta a 280 rs. o covado, chitas escuras inglezas a 5$900 a peça, e a 160 rs. o covado, brim branco de puro linho a 1$, 1$200 e 1$600 a vara, dito preto muito encorpado a 1$500 a vara, brilhantiná azul a 400 rs. o covado, alpacas de differentes côres a 360 rs. o covado, casemiras pretas finas a 2$500, 3$ e 3$500 o covado, cambraia preta e de salpicos a 500 rs. a vara, e outras muitas fazendas que se fará patente ao comprador, e de todas se darão amostras com penhor.

Calvice.

A utilidade da pomada indiana não é só de fazer NASCER os cabellos, mas tambem de dar-lhes força para evitar a calvice e não deixa-los enfranquecer tão cedo como quando ella não fôr applicada; além disto, sendo sua composição formada de substancias alimentares, a absorpção pelos poros da cabeça não pode ser nociva. Deposito na rua do Imperador n. 59 e rua do Crespo n. 3, e em Paris Boulevard Bonne Nouvelle. Preço cada frasco 3$.

Pianos

Saunders Brothers & C. tem para vender em eu armazem, na praça do Corpo Santo n. 11, alguns pianos do ultimo gosto recentimente chegados dos bem conhecido e acreditados fabricantes J Broadwood & Sons de Londres e muito proprio para este clima

Vendem-se e trocam-se

escravos de ambos os sexos: no escriptorio de Francisco M. P. da Costa, rua Direita n. 66.

Filó preto.

Vende-se filó de linho preto liso pelo baratissimo preço de 800 rs. a vara: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

LIQUIDAÇÃO
DE
Chapeos na rua larga do Rosario n. 32.

Finissimos chapeos de castor branco a 12$.
Ditos de dito rapados a 12$.
Ditos pretos com pello a 10$.
Ditos ditos rapados a 9$.
Ditos de massa finos a 7$.
Ditos de dita a 6$.
Ditos de feltro o mais fino neste genero a 4$.
Ditos de palha a 2$500.

Novos e bonitos
enfeites de velludo.

A loja d'aguia branca acaba de receber pelo ultimo vapor francez uma pequena quantidade de enfeites de velludo os mais modernos e bonitos que aqui tem vindo, e de seu costume está vendendo mui baratos a 10$ cada um; por isso dirijam-se logo a dita loja d'aguia branca, rua do Queimado n. 16, antes que se acabem.

Superiores manteletes.

Vendem-se superiores manteletes pretos ricamente bordados, pelo baratissimo preço de 35$: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

Rua da Senzala Nova n. 42

Vende-se em casa de S. P. Jonhston & C, sellins e silhões nglezes, candeeiros e castiçaes bronzeados, lonas nglezas, fio de vela, chicote para carros, e montaria, arreios para carro de um e dous cavalos relogios de ouro patente inglez.

Caes do Ramos armazem n. 24.

Vendem-se taboas de amarello, louro e pinho por preços razoaveis.

Loja das 6 portas
EM
Em frente do Livramente
Luvas de torçal a 800 rs, o par.

Chitas escuras francezas, tintas seguras, a 220 rs. o covado, ditos estreitos com muito bom panno a 160 rs. o covado, cassas de cores seguras a 200 rs. o covado, peças de bretanha de rolo a 2$, brimzinho de quadrinhos a 160 o covado, musselina encarnada fina a 320 o covado, algodão de duas larguras a 640 a vara, lenços de cassa pintados a 120 rs. cada um, seda preta de ramagem a 800 rs. o covado, filó de linho preto com salpico a 1$400 a vara, luvas de torçal muito finas a 800 rs. o par: a loja está aberta das 6 horas da manhãa ás 9 da noite.

Franjas de torçal para manteletes.

Vende-se mui largas e bonitas franjas de torçal, proprias para enfeites de manteletes, corpos de vestidos etc., etc., e mesmo para pannos finos em lugar de orelo: os preços são baratissimos, á vista das larguras e bom gosto, de taes franjas são de 1$200 a 3$000 a vara; na rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16.

Franjas de seda com vidrilhos e sem elles.

Na loja d'aguia branca se encontra um bello e variado sortimento de franjas de seda de differentes larguras e cores, inclusive a preta, tanto com vidrilhos como sem ellea, e das larguras de um dedo até meio palmo, aos preços de 500 rs. a 2$500 a vara; á vista do comprador todo negocio se fará para apurar dinheiro: na rua do Queimado n. 16, loja d'aguia branca.

Manteiga ingleza

em barris de vinte e tantas libras: no armazem de Tasso Irmãos.

Os lindos cintos tanto para senhoras como para meninas.

Só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, é aonde as senhoras acharão os lindos cintos tanto para senhora como para menina, os mais ricos que se pode encontrar, tanto dourado fino, como de outras cores, que em vista do ultimo gosto ninguem deixará de comprar: só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B.

RELOGIOS

cobertos e descobertos pequenos e grandes, de ouro patente inglez, para homem e senhora de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & C.

Ultima moda de Paris
Enfeites de cabeça para as senhoras de bom gosto.

Só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, é aonde as senhoras acharão um completo sortimento de enfeites de cabeça, tanto pretos como de lindas cores, da ultima moda de Paris, recebidos no dia 16 pelo vapor francez, pois as senhoras que desejarem ver poderão mandar pedir, que promptamente se lhe mandarão as amostras, pois estamos bem convencidos que em vista de ricos que são ninguem deixará de comprar: isto só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B.

— Vendem-se barricas com bolachinha ingleza ultimamente chegadas a 3$: no armazem de Annes confronte a alfandega n. 7 B.

ARMAZEM
DE
ROUPA FEITA
DE
Joaquim Francisco dos Santos.
40 RUA DO QUEIMADO 40
Defronte do becco da Congregação letreiro verde.

Neste estabelecimento ha sempre um sortimento completo de roupa feita de todas as qualidades, e tambem se manda executar por medida, á vontade dos freguezes, para o que tem um dos melhores professores.

Casacas de panno preto, 40$, 35$ e	30$000	Ditos de setim preto	5$000
Sobrecasaca de dito, 35$ e	30$00	Ditos de seda e setim branco, 6$ e	5$000
Palitots de dito e de cores, 35$, 30$, 25$000 e	20$000	Ditos de gurgurão de seda pretos e de cores, 7$000, 6$000 e	5$000
Dito de casimira de cores, 22$000, 15$, 12$ e	9$000	Ditos de brim e fustão branco, 3$500 e	3$000
Ditos de alpaka preta golla de velludo,	11$000	Sereulas de brim de linho	2$200
		Ditas de algodão, 1$600 e	1$280
Ditos de merinó-sitim pretos e de cores, 9$000	8$000	Camisas de peito de fustão branco e de cores, 2$500 e	2$300
Ditos de alpaka de cores, 5$ e	3$500	Ditas de peito de linho 6$ e	3$000
Ditos de dita preta, 9$, 7$, 5$ e	3$500	Ditas de madapolão branco e de cores, 3$, 2$500, 2$ e	1$800
Ditos de brim de cores, 5$, 4$500, 4$000 e	3$500	Camisas de meias	1$000
Ditos de bramante de linho branco, 6$000, 5$000 e	4$000	Chapeos pretos de massa, francezes, formas da ultima moda 10$,8$500 e	7$000
Ditos de merinó de cordão preto, 15$000 e	8$000	Ditos de feltro, 6$, 5$, 4$ e	2$000
Calsas de casimira preta e de cores, 12$, 10$, 9$ e	6$000	Ditos de sol de seda, inglezes e francezes, 14$, 12$, 11$ e	7$000
Ditas de princeza e merinó de cordão pretos, 5$ e	4$500	Collarinhos de linho muito finos, novos feitios, da ultima moda	$800
		Ditos de algodão	$500
Ditas de brim branco e de cores, 5$000, 4$500 e	2$500	Relogios de ouro, patentes horisontaes, 100$, 90$, 80$ e	70$000
Ditas de ganga de cores	3$000	Ditos de prata galvanisados, patente hosontaes, 40$	30$000
Colletes de velludo preto e de cores, lisos e bordados, 12$, 9$ e	8$000	Obras de ouro, adereços e meios adereços, pulseiras, rozetas e anneis	$
Ditos de casemira preta e de cores, lisos e bordados, 6$, 5$500, 5$ e	3$500	Toalhas de linho, duzia 12$000 e	10$000

ARMAZEM PROGRESSO
DE
FRANCISCO F. DUARTE.
8 Largo da Penha 8
O proprietario deste armazem par-

ticipa aos seus numerosos freguezes assim como aos Srs. amigos do bom e barato que se acha com um grande sortimento de generos os melhores que tem vindo a este mercado e por ser parte delles vindos por conta propria, vende-os por menos do que em outra qualquer parte.

Manteiga ingleza perfeitamente flor a 800 rs. a libra, e em barrril se fará algum abatimento.

Manteiga franceza a mais nova que ha no mercado vende-se a 720 rs. a libra.

Chá perola, hyson e preto os melhores que ha neste genero a 2$500, 2$ e 1$600 rs. a libra.

Queijos flamengos chegados neste ultimo vapor de Europa á 1$600 rs., em porção se fará algum abatimento.

Queijo suisso recentemente chegado e de superior qualidade vende-se a 640 rs. a libra.

Queijo prato os melhores que tem vindo a este mercado por serem muito frescaes e de boa qualidade a 640 rs. a libra e inteiro se fará algum abatimento.

Caixinhas com uma e duas libras elegantemente enfeitadas contendo differentes qualidades de confeitos, amendoas cobertas, pastilhas etc., etc., o que ha mais proprio para mimo a 1$ cada uma,

Passas muito novas em caixas com 14 a 15 libras vende-se unicamente no Progresso a 2$ cada uma.

Bolachinha ingleza a mais nova que ha no mercado, vende-se unicamente no armazem progresso a 3$000 a barrica e a retalho a 240 rs. a libra.

Ameixas francezas a 480 rs. a libra em porção se fará algum abatimento.

Marmelada imperial do afamado Abreu, e de outros muitos fabricantes de Lisbôa a 800 rs. a libra.

Latas com bolachinhas de soda vende-se a 1$600; rs. cada uma com differentes qualidades.

Chocolate o mais superior que tem vindo a este mercado a 900 rs. a libra.

Maça de tomate em latas de 1 libra, a mais nova que ha no mercado a 900 rs. a libra.

Peras seccas em condeças de 8 libras por 3$500 a retalho a 480 rs. a libra.

Conservas francezes e inglezas as mais novas que ha por serem vindas em direitura a 800 rs. o frasco.

Aletria, macarrão e talharim a 400 rs. a libra e em caixas de uma arroba por 8$.

Palitos de dente lixados em molhos com 20 macinhos por 200 rs.

Toucinho de Lisboa o mais novo que ha no mercado a 320 rs. a libra em barril a arroba a 9$.

Presunto muito novo vende-se para acabar a 400 rs. a libra.

Chouriças e paios o que ha de bom neste genero por serem muito novos a 560 rs. a libra.

Banha de porco refinada a mais alva que pode haver no mercado vende-se a 480 rs. a libra e em barril a 400 rs.

Latas com peixe de posta preparado da melhor maneira possivel das melhores qualidades de peixe que ha em Portugal a 1$500 cada uma, assim como tem salmão e lagustinha em latas menores a 900 rs., verdadeiros charutos suspiros e de outras muitas qualidades dos melhores fabricantes de São Felix, champanhe das mais acreditadas marcas, cerveja de ditas, marrasquino de zara, licor francez de todas as qualidades, azeite doce purificado a 1$ a garrafa, nozes a 320 rs. a libra, ervilhas francezas, fructa em calda, azeitonas baratas e outros muitos generos que encontrarão tudo de superior qualidade.

Loja das seis portas em frente do Livramento.

Roupa feita para acabar,

Paletots de panno preto a 22$, fazenda fina, calças de casemira pretas e de cores, ditas de brim e de ganga, ditas de brim branco, paletots de bramante a 4$, ditos de fustão de cores a 4$, ditos de estamenha a 4$, ditos de brim pardo a 3$, ditos de alpaca preta saccos e sobrecasacas, colletes de velludo pretos e de cores, ditos de gorgurão de seda, gravatas de linho as mais modernas a 200 rs. cada uma, collarinhos de linho da ultima moda, todas estas fazendas se vende barato para acabar; a loja está aberta das 6 horas da manhãa até as 9 da noite.

Muita attenção

No becco Largo n. 2, confronte ao barbeiro, vende-se vinho muito bom a 500 rs. a garrafa, e por canada 3$600.

— Vende-se a casa terrea da rua do Alecrim n. 22: quem a pretender dirija-se á rua do Queimado loja n. 51.

Sapatinhos de setim e meias de seda para baptisados.

A loja da aguia branca recebeu de sua propria encommenda, delicados sapatinhos de setim, primorosamente bordados, os quaes está vendendo pelo baratissimo preço de 3$, (nesse genero não se póde dar mais perfeitos), assim como outros de merinó tambem bordados a 1$600 e 2$. Recebeu igualmente mui finas e bonitas meias de seda de diversos tamanhos, tendo até, proprias para os meninos e meninas que servem de anjos nas procissões; tem brancas, de listas, de florzinhas, e o becal tecido de borracha, o mais engraçado possivel: tudo isso na rua rua do Queimado loja da aguia branca n. 16.

Attenção.

Vende-se uma rede de costa com parte de seus pertences, em muito bom estado; na rua do Nogueira n. 37.

— Vende-se uma mobilia de jacarandá em muito bom estado, obra do Porto; na rua da matriz da Boa-Vista n. 22.

Grosdenaples baratissimos.

Vendem-se grosdenaples preto apelo baratissimo preço de 1$800 e 2$ o covado: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

O BASTOS

que outr'ora tinha loja na rua do Queimado n. 46, que gyrava sob a firma de Góes & Bastos participa aos seus numerosos freguezes que dissolveu a sociedade que tinha com o mesmo Góes tendo sido substituida por um seu mano do mesmo nome, por isso ficou gyrando a mesma firma de Góes & Bastos, assim como aproveita a occasião para annunciar abertura do seu grande armazem na rua Nova junto a Conceição dos Militares n. 47, que passa a gyrar sob a firma
DE
Bastos & Rego

com um grande e numeroso sortimento de roupas feitas e fazendas de apurado gosto, por preços muito modificados como é de seu costume, assim como sejam: ricos sobrecasacos de superior panno fino preto e de côr a 25$, 28$ e 30$, casacas do mesmo panno a 30$ e a 35$, paletots sobrecasacados do mesmo panno a 18$, 20$ e a 22$, ditos saccos de panno preto a 12$ e a 14$, ditos de casemira de côr muito fina modelo inglez a 9$, 10$, 12$ e 14$, ditos de estamenha fazenda de apurado gosto a 5$ e 6$, ditos de alpaca preta e de côr a 4$, sobrecasacos de merinó de cordão a 8$, ditos muito superior a 12$, ditos saccos a 5$, ditos de esguião pardo fino a 4$, 4$500 e 5$, ditos de fustão de côr a 3$, 3$500 e 4$, ditos brancos a 4$500 e 5$500, ditos de brim pardo fino sacco a 2$800, calças de brim de côr finas a 3$, 3$500, 4$ e 4$500, ditas de dito branco finas a 5$ e 6$500, ditas de princeza proprias para luto a 4$, ditas de merinó de cordão preto fino a 5$ e 6$, ditas de casemira de cor e preta a 8$, 9$ e 10$, colletes de casemira de cor e preta a 4$500 e 5$, ditos de seda branca para casamento a 5$, ditos de brim branco a 3$ e 4$, ditos de cor a 3$, colletes de merinó para luto a 4$ e 4$500, ricos robchambres de chita para homem a 10$, paletots de panno fino para menino a 12$ e 14$, casacas do mesmo panno a 15$, calças de brim e de casemira para meninos, paletots de alpaca e de brim para os mesmos, sapatos de trança para homem e senhora a 1$ e 1$500, ceroulas de bramante a 18$ e 20$ a duzia, camisas francezas finas de cor e brancas de novos modelos a 17$, 18$, 20$, 24$, 28$ e 30$ a duzia, ditas de peitos de linho a 30$ a duzia, ditas para menino a 1$800 cada uma, ricas gravatas brancas para casamento a 1$800 e 2$ cada uma, ricos uniformes de casemira de corde muito apurado gosto tanto no modello como na qualidade pelo diminuto preço de 35$, e só com avista se pode reconhecer que é barato, ricas capas de casemira para senhora a 18$ e 20$, e muitas outras fazendas de excellente gosto que se deixam de mencionar que por ser grande quantidade se torna enfadonho, assim como se recebe toda e qualquer encommenda de roupas feitas, para o que ha um grande numero de fazendas escolhidas e uma grande officina de alfaiate que pela sua promptidão e perfeição nada deixa a desejar.

Cassas de côres.

Ainda se vendem cassas de cores fixas, padrões muito bonitos, pelo baratissimo preço de 240 rs. o covado, e muito mais barato que chita: na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da Boa fé.

— Vende-se sebo do Porto em caixotes a 1$500 a arroba; na rua da Cruz, armazem n. 33.

Garibaldi.

Gravatinhas de gosto a 200 rs. cada uma: na rua do Crespo n. 18, loja de Diogo & Fernandes.

Importante Aviso

Na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 39, acha-se um grande armazem com todo o sortimento de roupas feitas, para cujo fim tem montado uma officina de alfaiate, estando encarregado della um perfeito mestre vindo de Lisboa, para desempenhar toda e qualquer obra que se lhe encommende; por isso que faz um convite especial a todas as pessoas com especialidade aos Illms. Srs. officiaes tanto da armada como do exercito.

Faz-se fardas, fardões com superiores preparos e muito bem feitas, tambem trata-se fazer o fardamento todo completo conforme se usa no Rio de Janeiro, tanto que tem os figurinos que de lá vieram; além disso faz-se mais casaquinhas para montaria, fardetas ou jaquetas, bem como colletes a militar para os Srs. ajudantes de estado maior e de cavallaria, quer seja singelos ou bordados a espequilha de ouro ou prata, tudo ao gosto da Europa, tambem prepara-se becas para desembargadores e de qualquer juiz segundo o estylo de Coimbra aonde se fazem as melhores conhecidas até hoje, assim como tem muito ricos desenhos a matiz de todas as cores proprios para fardamento de pagens ou criados de libré que se fará pelo gosto á franceza. Na mesma casa encarrega-se de fazer para meninos jaquetas a franceza bordadas ao mesmo gosto. Affiançando que por tudo se fica responsavel como seja boas fazendas, bem feito e bom corte, não se falta no dia que se prometter, segundo o systema d'onde veio o mestre, pois espera a honrosa visita dos dignos senhores visto que nada perdem em experimentar.

Taberna da boa fé.

Rna estreita do Rosario, esquina das Larangeiras numero 18.

Vende-se arroz muito bom a 700 rs. a cuia, a 100 rs. a libra, e em arroba se fará algum abatimento, milho muito bom a 200 rs. a cuia, e em porção se fará abatimento.

Admiração.

Vende-se na rua Direita n. 99, manteiga ingleza a 960 e 800 rs., franceza a 800 rs., dita a 720, queijos chegados ultimamente a 1$600 e 1$700, aletria a 560 a libra, macarrão a 400 rs., cerveja de pipa em garrafa a 320 rs., em canada a 2$240 até 2$, ameixa a 480, vinho a 560, engarrafado a 800 rs., e outros muitos generos.

AGENCIA
DA
FUNDIÇÃO LOW-MOW,
Rua da Senzalla Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas ameias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos para dito,

Tachas e moendas

Braga Silva & C., tem sempre no seu deposito da rua da Moeda n. 3 A, um grande sortimento de tachas e moendas para engenho, de muito acreditado fabricante Edwin Maw a tratar no mesmo deposito ou na rua do Trapiche n. 4.

As verdadeiras luvas de pellica Jouvin.

Só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B, recebera-se um completo sortimento das verdadeiras luvas de pellica Jouvin, sendo das cores seguintes: pretas, cor de canna, amarellas e brancas, sortimento completo, tanto para homem como para senhora, pois afiançamos a boa qualidade e fresquidão, pois se recebeu em direitura pelo vapor francez: só na loja d'aguia de ouro, rua do Cabugá n. 1 B.

Cheguem áloja da Bôa fé

Chitas francezas muito finas de côres fixas a 280 rs. o covado; cambraias francezas muito finas a 640 rs. a vara; idem lisa muito fina a 4$500 e a 6$000 a peça com 8 1|2 varas; dito muito superior a 8$000 a peça com 10 varas; dita fina com salpicos a 4$800 a peça com 8 1|2 varas; filó de linho liso muito fino a 800 rs. a vara; tarlatana branca e de côres a 800 rs. a vara; e outras muitas fazendas que, sendo a dinheiro, vendem-se muito baratas: na rua do Queimado n. 22, na loja da Boa fé.

Lenços para rapé.

Vendem-se lenços muito finos proprios para os tabaquistas por serem de cores escuras e fixas a 5$000 a duzia: na rua do Queimado n. 22, na loja da Boa fé.

Sortimento de chapéos
Rua do Queimado n. 39
Loja de quatro portas.

Chapéos pretos francezes de superior qualidade a 7$.
Ditos dos mais modernos que ha no mercado a 9$.
Ditos de castor pretos e brancos a 16$.
Chapéos lisos para senhora a 25$.
Ditos de velludo côr azul a 18$.
Ditos de seda para meninas ricamente enfeitados a 8$.
Ditos ditos para menino a 5$.
Lindos gorros para meninos a 3$.
Bonets de velludo a 5$.
Ditos de palha muito bem enfeitados a 4$.
Chapéos de sol francezes de seda a 7$.
Ditos inglezes de 10$, 12$ e 13$ para um.

— Arados americanos e machina para lavar roupa: em casa de S. P. Johnston & C. rua da Senzala n. 42.

Manguitos e golla.

Vendem-se guarnições de cambraia muito fina e muito bem bordadas, pelo baratissimo preço de 5$ cada uma: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

Deposito da fabrica do Monteiro.
Rua de Apollo n. 6.

Vende-se assucar refinado desde 3$200, 3$600, 4$ e 4$480 por cada arroba, e por 5$120 e 6$400 do crystalisado.

Cabriolet.

Por menos de seu valor vende-se um cabriolet americano, novo, com 4 rodas e arreios; na rua larga do Rosario n. 24, loja de ourives.

Grande sortimento de tamancos.

Na grande fabrica da rua Direita, esquina da travessa de S. Pedro n. 16, de todas as qualidades, que se vende tanto a retalho como em pequenas e grandes porções, muito em conta; a casa tem sempre promptos de 1,000 a 2,000 pares pregados para qualquer encommenda; a estação é propria.

Chapéo.

Vende-se do Chili tanto finos como grossos grandes e pequenos por ter de retirar-se para fora a pessoa que os vende: na rua do Trapiche hotel Francisco.

Grande pechincha!

Peças de riscadinhos com 38 covados côr fixa a 4$800, cambraia lisa transparente muito fina com 13 varas a 4$800 a peça, ditas com 8 1|2 varas a 2$800, dita tapada muito fina com 8 1|2 varas a 4$000, ditas de cores padrões delicados a 500 rs. a vara, panno de linho com duas larguras a 440 a vara, madapolão de jarda muito fino n. 500 a a 400 rs. a jarda, brilhantina de diversos desenhos a 240 rs. o covado, chita estreita côr fixa a 160 rs. o covado, ditas francezas muito finas a 240, 260 e 280 rs. o covado, panno preto fino a 4$, casemira preta fina e 1$600 o covado, ditas pretas e mescladas de duas larguras a 1$200 o covado, ditas de cores padrões novos a 4$500 o corte, calça de dito de côr fazenda fina a 7$, alpaca preta fina a 500 rs. o covado, brim branco trançado de linho 1$ a vara, dito pardo muito fino a 1$ a vara, riscadinhos para calça a 160 o covado, meias cruas para homem a 1$600 a duzia, ditas muito finas para menina a 2$800, ditas para senhora a 2$400: na rua da Madre de Deus, loja n. 7.

Fumo de Garanhuns.

Aos amantes da boa pitada se faz sciente que é chegado um pouco de fumo de Garanhuns, o melhor que se pode encontrar, e pelo diminuto preço de 1$280 a libra, e tambem se vende semente de coentro muito nova a 320 a garrafa já engarrafada; na rua da Esperança do Caminho Novo da Soledade, taberna n. 37.

VENDA
de predio.

Vende-se a casa terrea da rua do Aragão n. 14 que deita os fundos para a rua do Tambiá, tendo grande quintal murado e diversos arvoredos de fruto: os pretendentes dirijam-se á rua do Queimado n. 51, loja.

— Vende-se um bom escravo moço para todo o serviço: na rua do Imperador n. 50, terceiro andar.

Tinta azul que fica preta.

Vendem-se botijas com a superior tinta ingleza, azul ao escrever-se, e preta quando secca, a 500 rs. a botija; na rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16.

Paletós.

Vendem-se paletós de panno preto fino, muito bem feitos a 22$ rs.; ditos de brim branco de linho a 5$ rs.; ditos de setineta escuros a 3$500, é muito barato, aproveitem: na rua do Queimado n. 22, loja da Boa fé.

ROUPA FEITA AINDA MAIS BARATAS.
SORTIMENTO COMPLETO
DE
Fazendas e obras feitas.
NA
LOJA E ARMAZEM
DE
Góes & Basto
NA
Rua do Queimado n. 46, frente amarella.

Constantemente temos um grande e variado sortimento de sobrecasacas pretas de panno e de cores muito fino a 28$, 30$ e 35$, paletots dos mesmos pannos a 20$, 22$ e 24$, ditos saccos pretos dos mesmos pannos a 14$, 16$ e 18$, casacas pretas muito bem feitas e de superior panno a 28$, 30$ e 35$, sobrecasacas de casemira de core muito finos a 15$, 16$ e 18$, ditos saccos das mesmas casemiras a 10$, 12$ e 14$, calças pretas de casemira fina para homem a 8$, 9$, 10$ e 12, ditas de casemira de cores a 7$, 8$, 9$ e 10$, ditas de brim brancos muito fina a 5$ e 6$, ditas de ditos de cores a 3$, 3$500, 4$ e 4$500, ditas de meia casemira de ricas cores a 4$ e 4$500, colletes pretos de casemira a 5$ e 6$, ditos de ditos de cores a 4$500 e 5$, ditos brancos de seda para casamento a 5$, ditos de 6$, colletes de brim branco e de fustão a 3$, 3$500 e 4$, ditos de cores a 2$500 e 3$, paletots pretos de merinó de cordão sacco e sobrecasaco a 7$, 8$ e 9$, colletes pretos para luto a 4$500 e 5$, calças pretas de merinó a 4$500 e 5$, paletots de alpaca preta a 3$500 e 4$, ditos sobrecasaco a 6$, 7$ e 8$, muito fino colletes de gorgurão de seda de cores muito boa fazenda a 3$800 e 4$, colletes de velludo de cores e pretos a 7$ e 8$, roupa para menino sobre casaca de panno pretos e de cores a 14$, 15$ e 16$, ditos de casemira sacco para os mesmos a 6$500 e 7$, ditos de alpaca pretos saccos a 3$ e 3$500, ditos sobrecasacos a 5$ e 5$500, calças de casemira pretas e de cores a 6$, 6$500 e 7$, camisas para menino a 20$ a duzia, camisas inglezas pregas largas muito superior a 32$ a duzia para acabar. Assim como temos uma officina de alfaiate onde mandamos executar todas as obras com brevidade.

Potassa da Russia e cal de Lisboa.

No bem conhecido e acreditado deposito da rua da Cadeia do Recife n. 12, ha para vender a verdadeira potassa da Russia, nova e de superior qualidade, assim como tambem cal virgem em pedra; tudo por preços mais baratos do que em outra qualquer parte.

Attenção.
N. 40--Rua do Amorim--N. 40.

Vendem-se saccos grandes com tres quartas de farinha de mandioca a 2$500.

Toucinho de Lisboa a 320 rs. a libra e 9$ a arroba.

Vende-se toucinho de Lisboa a 320 a libra e 9$ a arroba, dito de Santos a 280 a libra e 8$ a arroba; na rua das Cruzes n. 24, esquina da travessa do Ouvidor.

Raymundo Carlos Leite & Irmão receberam pela barca Clarissa vinda ultimamente de New-York, um completo sortimento das melhores machinas de cozer dos mais afamados autores melhorados com novos aperfeiçoamentos, fazendo pesponto igual pelos dous lados da costura, mostram-se na rua da Imperatriz n. 12, a qualquer hora. Tambem receberam todos os preparos para as mesmos como agulhas, retrozes em carriteis, linha de todas as cores tudo fabricado expressamente para as mesmas machinas.

— Vende-se um armazem na rua do caes n. 7; quem quizer annuncie.

Calças de casemira.

Vendem-se calças de casemira preta muito bem feitas a 10$, ditas de dita de cor muito superior a 9$, estão-se acabando: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

Attenção.

Vende-se o engenho Albuquerque, sito na comarca de Nazareth, moente e corrente, em ponto de se poder lucrar e com terras de maior producção; distando da cidade de Goianna 5 leguas por excellente estrada; entrando na venda do dito engenho a safra fundada, 8 escravos moços e robustos, perfeitos officiaes de enchada, 12 bois de carro e 25 annimaes de roda: quem pretender dirija-se ao dito engenho a seu proprietario Plinio Augusto Cavalcanti de Albuquerque e nesta praça a Gouveia & Filho, rua da Cadeia do Recife n. 3.

Farinha de mandioca

a 2$500 a sacca, chegada ha dous dias de Santa Catharina, de muito boa qualidade; no largo da Assembléa n. 15.

Farelo muito fino,

saccas grandes: no largo da Assembléa n. 15.

Cera de carnauba

da Granja e de outros lugares, qualidades muito boas; no largo da Assembléa n. 15.

Sebo coado,

em barricas, muito boa qualidade; no largo da Assembléa n. 15.

Cabriolet.

Vende-se um cabriolet americano com 4 rodas e com os competentes arreios; a tratar na rua do Queimado n. 75 junto a loja de cera.

Pechincha de meias.

Meias de cores muito finas, muito boas e bonitas, para homem a 1$500 a duzia e a 140 rs. o par, que só deixará de as comprar quem não as vio; na rua do Queimado n. 65, loja da diligencia.

GRANDE PECHINCHA
Rua do Crespo n. 8 loja de 4 portas.

Peças pe cambraia lisa fina com 8 1|2 varas e pequeno toque de avaria a 2$500 e 3$.

Peças de madapolão largo com pequeno toque de avaria a 2$500, 3$ e 3$500.

A fama triumpha.
Os barateiros da loja
Encyclopedica
DE
Guimarães & Villar.
Rua do Crespo numero 17.

Vendem riquissimos chapeos de seda brancos para senhora a 15$, é admiravel a pechincha.

Riquissimos chapeos de palha da Italia ricamente enfeitados a 28$ e 35$.

Para a quaresma.

Superiores cortes de seda preta bordadas a velludo de 2 saias e outros de 7 babados por preços baratissimos.

Gros pretos de todas as qualidades pelos preços de 1$900, 2$, 2$100, 2$700 o covado affiançando-se ser estes preços menos 400 rs. em covado do que se pode comprar em outra parte.

Ricos enfeites á imperatriz o melhor que tem vindo a provincia.

Cortes de colletes de velludo preto bordado a 5$ o corte, é incrivel só se vendo.

A 280 rs, o covado.

Organdizes de ricas cores e desenhos pelo baratissimo preço de 280 rs. o covado, affiança-se serem tão boas fazendas que muito se tem vendido ás primeiras pessoas da provincia.

Cambraias da China bordadas a mão com 9 varas a peça por 6$500, ricos cortes de cambraia bordadas com 7 e 9 babados por 35$, cortes de lãas a Garibaldi a 10$ com 25 covados, balões de 30 arcos e outros de musselina a 5$.

Saias bordadas a 2$200 cada uma.

Ditas bordadas a 4$ com 4 pannos.

Manteletes pretos compridos bordados a 30$, sahidas de baile o que ha de melhor, espartilhos de todas as qualidades.

Grande sortimento de

roupas feitas, sobrecasacas, paletots, colletes, calças, camisas, seroulas, meias, gravatas etc.

Calçado Melié

ultimamente chegado de Paris, é incrivel só se vendo.

A 1$000.

Gravatas pretas de setim: na rua do Queimado n. 22, loja da boa fé.

Semea.

Semea de superior qualidade; vende José Luiz de Oliveira Azevedo em seu armazem na travessa da Madre de Deos n. 5.

Bom que admira.

Manteiga ingleza a 800 rs. a libra, dita franceza a 720, espermacete a 800 rs., toucinho a 320, queijos do vapor a 1$700 e 2$, ditos a 1$440, chá a 2$, doce de goiaba a 800 e 1$ o caixão, vinho do Porto engarrafado a 800 e 1$ a garrafa, ameixas a 320 a libra: na travessa do pateo do Paraizo n. 16-18, casa pintada de amarello.

— Vende-se no primeiro andar do sobrado da rua de Aguas-Verdes n. 80, o seguinte: 1 guarda-louça, 6 cadeiras, 1 mesa de jantar, 1 marqueza, 2 cabides, tudo de amarello, 1 berço francez novo, 1 banheiro grande, 1 mesinha de charão para costura, e outros muitos objectos por preços commodos.

Jogo de damas e gamão.

Vendem-se bonitas caixinhas com moldura, e os quadros de cores estampados em grosso vidro, e obra delicada, pelos baratissimos preços de 3, 4 e 5$, assim como outras caixinhas maiores com dobradiças e tranquetas, tendo em cima o jogo de damas, e dentro o de gamão com seus necessarios a 10$, tudo na rua do Queimado, loja d'aguia branca n. 16

Escravos fugidos.

— Desappareceu no dia 26 de março proximo findo da propriedade Guarita, da provincia da Parahiba do Norte, o escravo de Francisco Dias Araujo, por nome João Manoel, com os signaes seguintes: cabra, cheio do corpo, idade de 50 annos pouco mais ou menos, calvo, pernas tortas, um pé mais torto que outro, de sorte que quando pisa imita a papagaio, sahio com calça de algodãozinho azul, e suppõe-se que com gibão e chapéo de couro. Adverte-se que o dito escravo gosta de se applicar aos serviços de carpina, pedreiro, sapateiro, carreiro e queimar cal, para o que possue habilidade, e por isto será facil á titulo de forro vir trabalhar em qualquer dos ditos officios nesta cidade do Recife ou seus arrabaldes, onde existe um irmão: roga-se, portanto, ás autoridades policiaes a captura do mesmo, e aos capitães de campo, e qualquer pessoa que o vir, de captura-lo e o conduzir ou mandar conduzi-lo á ser entregue a Marcolino Dias de Araujo, na cidade de Olinda, rua do Bom Successo casa n. 6, ou na rua da Mangeira da Boa-Vista, nesta cidade, casa n. 11, ao Sr. tenente Francisco José Alves de Albuquerque, que se recompensará.

200,000 de gratificação.

Fugio no dia 2 de janeiro do corrente anno, o escravo crioulo de nome Irenio, idade de 28 annos, alto cheio do corpo, sem barba, bem parecido, ar alegre, pés grandes, cicatrizes de chicote nas costas; sahio montado em cavallo russo sellado, bem vestido e calçado, chapéo preto de feltro com aba larga, falla bem: roga-se as autoridades onde elle for encontrado, a captura do mesmo, e a qualquer pessoa, que o conduza com segurança á casa de seu senhor o capitão Antonio Casado da Cunha Lima, no engenho Mataráca da comarca de Atalaia, provincia das Alagôas que receberá 200$000 de gratificação.

—Fugio da cidade do Aracaty, no mez de setembro proximo passado, um escravo do commandante superior Manoel José Penna Pacheco, que ha pouco o havia comprado ao Sr. Bento Lourenço Collares, de nome Joaquim, de idade de cincoenta e tantos annos, fulo, alto, magro, dentes grandes, e com falta de alguns na frente, queixo fino, pés grandes, e com os dedos grandes dos pés bem abertos, muito palavriador, inculca-se forro, e tem signaes de ter sido surrado. Consta que este escravo apparecera no dia 6 do corrente, vindo do lado das Cinco Pontas, e sendo enterrogado por um parceiro seu conhecido, disse que tinha sido vendido por seu senhor para Goianninha: qualquer pessoa que o pegar o poderá levar em Pernambuco aos Srs. Basto & Lemos, que gratificarão generosamente.

Litteratura.

Scribe.

(*Conclusão.*)

« Depois de haver trabalhado com Boieldieu, Rossini, Herold, associou-se Scribe com Auber cujo espirito de tal sorte comprehendeu o seu, que ao ouvirem-se suas obras,dir-se-hiaque elles haviam feito juntos o poema e a musica.

« Em 1828, começou Scribe na opera aquella serie de grandes triumphos que nunca se interrompeu. O primeiro foi a *Muda de Portici*, que fez uma revolução e matou incontinente todas as operas que se representavam havia trinta annos. O publico volttoupara esse theatro que havia abandonado. Scribe fazia operas divertidas. E' o caracter de suas obras em qualquer genero que seja. Primeiro que tudo quer elle agradar e divertir. Foi nisto que excedeu a todos os seus contemporaneos.

« No começo de sua carreira Scribe fizera um melodrama, os *irmãos invisiveis*, que teve uma grande acceitação na Porta de S. Martinho. Deu elle a opera o melhor programma de baile que temos, *Somnanbula*. Póde-se pois dizer que elle tratou de todos os generos o que em todos occupou o primeiro lugar.

« A *Revista de Paris*, o *Jornal dos Debates*, o seculo, o *Constitucional*, publicaram bonitas novellas suas.

« Deu elle para representar mais de tresentas obras, vinte dos quaes, pelo menos, em cinco actos, e mais de cincoenta e das melhores feitas por si só.

E' preciso dizer hoje cerca de quatro centos e cincoenta obras, trinta das quaes, pelo menos, em cinco actos, e mais de sessenta feitas por si só.

« Tem elle uma aptidão inconcebivel para o trabalho ; acham-no sempre prompto a pegar na penna. Censuram-lhe não ter poesia : entre os autores comicos, encontro poesia apenas em Moliere. Ao depois o que é a poesia n'um theatro comico ? Em summa, é o autor comico de nossa época.

« Criticam o seu estylo. Pensa elle que no theatro se deve fallar como na sociedade. Leam pois os nossos comicos ! Tal é o segredo dos melhores.

« Seus planos, pouco importantes na apparencia são feitos com um cuidado, com um tino, com uma exactidão que os tornam de facil execução. Por isso tem Scribe escripto ás vezes uma comedia em menos de quinze dias.

« Era repellido da academia pelos antigos autores que havia eclipsado. A despeito delles, foi recebido em 1836 ».

Comtudo foi sua candidatura apoiada por um autor academico, seu fiel amigo, Casimiro Delavigne ; porém foi principalmente Royer-Collard quem contribuio para sua eleição. O proprio Scribe no-lo referiu ; tambem nos communicou os conselhos paternaes que Royer-Collard lhe deu no dia da recepção.

« Tende bem cuidado, lhe disse, de abaixar os olhos ao entrar, aliás não resistireis a perturbação que vos causará o effeito magnetico de todos os olhares que se fixaram ao mesmo tempo em vossapessoa.Não bebaes durante o discurso,e não olheis para a assembléa. Fallai á estatua de Malesherbes que está n'um dos augustos da sala ».

Bayard termina suas notas sobre Scribe dizendo :

« O genio de Scribe é a bondade a benevolencia, unida a uma grande firmeza. Goza elle ampla, dignamente da grande fortuna que adquirio com seu trabalho. Vê se continuadamente rodeado de operarios que o bemdizem. Generoso até o extremo, nunca recusou um favor ».

Eis o que repetem todos os amigos de Scribe : « Nunca recusou um favor, » Quando alguem o encontrava pela manhãa, naquelles instantes que tanto gostava de consagrar os seus trabalhos, ia ao ministerio recommendar a petição de algum collega, ao ministerio da instrucção publica pedir um lugar na fundação gratuita de algum collegio para o filho de um amigo, á prefeitura do Sena fallar a favor de algum joven architecto ; ia soccorrer algum artista infeliz ; estava organisando uma representação no momento em que a morte o sorprendeu, ia ajustar os melhores meios de defender os interesses da sociedade dramatica. Como é pois que esse homem tão eminente e todavia tão accessivel, tão familiar, tão modesto, que desperdiçava tão facilmente o tempo e o dinheiro em favor dos outros, foi o alvo de ataques tão apaixonados, tão inauditos, tão injuriosos, que só fizeram duplicar á medida que seus cabellos iam embranquecendo ? Dir-se-hia que Scribe prevêra os ultimos momentos de sua vida nesta passagem do discurso de recepção á academia :

« Ainda que nada devesse fazer esperar para o Sr. Arnaldo um fim tão repentino, com tudo sua saude estava alterada á algum tempo. Certos ataques violentos e apaixonados que feriam sem misericordia o homem e o escriptor haviam magoado aquella organização vigorosa, porém sensivel e irritavel. Ha hoje em dia uma critica acerba que ataca o coração. Esta não poupou ao Sr. Arnaldo, e apesar de sua velhice e de seus triumphos passados, não pôde, como Mario nos pantanos de Minturno, desarmar o Cimbro que o vinha ferir ».

A velhice e os triumphos de Scribe não poderam tambem desarmar os Cimbros que o perseguiam. Entretanto, que autor merecia mais o respeito e as sympathias de todos os litteratos do que aquelle que só empregava o credito em favor dos outros e que para si nada quiz nunca pedir senão a sua penna ? Do que aquelle emfim que em trez regimens differentes soube digna e simplesmente fazer honrar em si a nobreza e o poder do talento como a mais elevada nobreza ou a maior força ?

E', porém, occupar-nos demasiadamente com as criticas desarasoadas cujo ressentimento só é conservado pelos amigos de Scribe : ellas jazem no esquecimento; e sausobras primas do autor que queriam desacreditar, serão ainda as delicias do publico da qui á cem annos.

E. D. DE BIEVILLE.

(*L'Industrie et le Commerce belges* = *H. Duperron*).

O Justo e o Util, tal é o titulo de um volume publicado por um sábio professor de Genebra, o Sr. Dameth. Á muitos á de este titulo parecer sem duvida um lugar commum tão antigo como o mundo. Quem não ouviu repetir por todos os philosophos, desde Platão em seus dialogos relativos a moral, desde o eloquente e sabio autor dos *Deveres*, que o justo e o util são excellentes companheiros que não andam separados ? Para outros arrisca-se o mesmo assumpto a parecer antes um paradoxo de que uma trivialidade. Os proprios moralistas não tem por costume pôr em luta o interesse e o dever ? O mundo, ou para menos abraçar, nosso coração não é um campo onde se pelejam terriveis combates ? Suas antipathias não se manifestam por toda a parte ? Eis o que repete a porfia muita gente de bem que não está convencida da justiça de sua infelicidade ou que pensaria ser mystificada crendo que a fortuna e a honradez andam ordinariamente de mãos dadas. N'um livro escripto com vigor e solidez emprehendeu o Sr. Dameth provar que em paradoxo não é tal si se considerar o todo da sociedade em vez de se tomar este ou aquelle caso isolado, e que essa trivialidade póde remoçar-se. Ainda mais : é nessa idéa de um desacordo habitual entre o justo e o util, de um antagonismo natural entre as conquistas da industria e os progressos da moralidade, entre o desenvolvimento do bem estar generalisado e a magnanimidade das almas, que vê elle a causa da perturbação intellectual em que vivemos. Desde o dia em a humanidade estiver bem convencida de que a despeito de algumas opposições a maior parte das vezes menos reas do que apparentes, o justo e o honesto andam de acordo, desde esse dia, segundo pensa, cessariam muitas decepções dolorosas, muitas sendas falsas trilhadas pelas nações e pelos individuos ; desde esse dia emfim um symbolo commum de moral social poderia ligar as intelligencias. Como estamos longe de ahi chegar e quanto falta para se realisarem os votos do autor ! No pensar do Sr. Dameth é esta uma razão de mais para caminhar-se animosamente para um alvo tão desejavel, e primeiro para provar que não é quimera o querer alcança-lo como se alcança tudo neste mundo, isto é, imperfeitamente.

E' á economia politica a quem se dirige o autor para conseguir essa desejada harmonia : e a que sciencia devesse pedi-la em maior proporção ? Si só se admitisse nos conselhos dos governos a economia politica, reinaria sobre a terra uma perpetua paz, ao passo que no seio de uma mesma nação todas as forças productoras se desenvolveriam com uma vivificante união. A economia politica resume o seu dogma numa só formula essencialmente harmonica solidariedade dos interesses. Não será proclamar ao mesmo tempo a concordia entre as classes a união entre as raças que devidem o globo ?

Assim é uma solidariedade que o autor procura primeiro que tudo o acordo do util geral e da justiça. Com effeito, como se hão de conceber interesses solidarios, se cada um procura prejudicar ao proximo ? Não ha solidariedade sem justiça mutua. Mas que justiça possivel se o constrangimento, si o arbitrio, ainda inspirando-se n'um pensamento philosophico e democratico, com o Sr. Cabeb, com o Sr. Orven, ou qualquer outro reformista, querem organisar o trabalho e dar a cada um o seu quinhão ! A liberdade esclarecida pelo interesse individual, regulada pelo sentimento do justo, faz essa partilha muito melhor. A justiça acompanha a liberdade, assim como a solidariedade accompanha a justiça.

Reconhece aliás o autor, e apresso-me em dizelo, que está longe de ser irreprehensivel o primeiro aspecto deste mundo em que nos agitamos mais ou menos penosamente, e nunca sem deixar de topar em alguem ou alguma cousa. As vezes ha soffriveis lutas ainda sob o imperio da liberdade e da harmonia geral dos interesses. Os productores não tem uns para com os outros um amor fraternal. Os pequenos são até muitas vezes esmagados pelos grandes que procuram devorar-se uns aos outros. Accrescente-se que todos esses productores vivem de alguma miseria. Notaram-o Montaigne e o bom senso. Sem o amor das disputas, o que seria dos advogados ?

Sem as molestias e os vicios, o que seria dos medicos ? Sem a fome o que seria dos agricultores ? Sem o fio o que fariam os nossos fabricantes de lanificios e os mercadores de lenha ? Ei-los todos sem emprego, se realisando os votos da philantropia. Assim, esses excellentes productores não são philantropos, refiro-me apenas ao que diz respeito ás suas profissões. Tem-se dito mil vezes que o medico se compraz com as enfermidades, o soldado com as guerras, o proprio sabio com a ignorancia alheia, que o enriquece e o eleva n'um pedestal. Retirae essa gente que não tem escrupulos em pôr as mãos no bolço ou na pessoa do proximo, e supprimireis ao mesmo tempo os honrados fuccionarios que vivem das consequencias do roubo e do furto, desde o pobre guarda urbano que espreita a desordem na quina da rua até de supremos tribunaes de justiça do paiz e os primeiros dignatarios da magistratura que uma purpura lisongeira deixaria de ornar se a virtude reinasse só neste mundo.

Singular harmonia, dizeis ; na verdade, que boa direcção ! Paciencia. Sob essa apparencia de desordem, ha ordem. Sem ainda mencionar aqui as numerosas harmonias do mundo moral, vêde alguma cousa do que se passa no mundo das necessidades materiaes !.. Fazei, por exemplo, esta pequena pergunta : como é que um estado como a França, que se compõe de trinta e seis milhões de homens ; como é que só uma cidade como Paris, que conta hoje perto de dous milhões de habitantes, acha com que satisfazer todos os dias, a cada hora, multidões de necessidades que se renovam continuadamente até o infinito em suas formas e natureza ? E' para confundir mais do que pensam, e mudos nossos sabios mais illustres, creio que é o Sr. Biot, podia de certo perguntar um dia ao seu auditorio com agradavel ironia quem era o provedor engenhoso cheio de recursos e quasi onnipotente que fazia esse milagre quotidiano ? Será a administração ? Ella quasi que só vende tabaco o que forma uma insignificante parte do que consomme os mesmos fumistas. Não é a policia quem semeia, lavra, tece, fia, quem leva os generos aos mercados.etc Será o acaso que faz essa grande obra de providencia social sempre continua ? Será afinal sobre o que se chama á cada passo *anarchia* individual que hão descançar para assegurar a alimentação de uma população numerosa, alimentação que não poderia faltar tres dias consecutivos ou ainda ter lugar mui incompletamente sem que d'ahi resultasse terriveis infelicidades e talvez uma revolução ? Conceber-se-hia tal imprudencia ? Tanto se concebe que não deixa ella de ter lugar. Opera-se o milagre pelo espirito e mãos de todos. Esse chaos se põe em ordem por si mesmo. O povo francez não nomeia nenhum dictador para velar em ordem a garantir-lhe a alimentação, o vestuario, o calçado, a moradia, e é por isso mesmo que tudo tem soffrivelmente a maioria de seus membros.

Como, pois, sem harmonia, sem a mais feliz combinação de esforços, chega-se a tal resultado com uma exactidão que se approxima da infallibilidade ? Ao depois, não é essa harmonia um segredo inexcrutavel. No pensar dos economistas explica-se pela influencia do interesse pessoal. Os que produzem não teem interesse de espreitar, de preceder, de satisfazer as necessidades dos que consumem ? e como somos ao mesmo tempo consumidores e productores, temos o interesse mais vivo e sollicito de advinhar todas as necessidades e todos os meios de os satisfazer do modo mais vantajoso para os outros e por consequencia para nós mesmos. Como em fim ignorariam por muito tempo esses productores que não podem communicar a seus trabalhos isolados todo o vigor e toda fecundidade imaginaveis senão por meio de um acordo reciproco, isto é, combinando os productos uns com os outros ? Eis ainda outro modo porque se estabelece a harmonia : eis como acontece que o interesse faz neste mundo as vezes da fraternidade, e muito bem, seja dito sem fallar da fraternidade, e apesar de tudo o que se póde allegar com razão contra as irregularidades e imperfeições que servem de sombra a este quadro.

Mas o que tem tudo isso, dirão talvez, com a concordancia do util com o justo ? A resposta não é difficil para o Sr. Dameth. Parece-lhe que um dos meios para provar que o interesse não é immoral em sua essencia é mostrar que elle não anarchiva a sociedade laboriosa ; é estabelecer que a liberdade tão accusada, que a concurrencia em que só querem ver a desordem desagrilhoada sobre o mundo contem pelo contrario em si vigorosos elementos de organisação. Ao menos ficará demonstrado que não ha incompatibilidade entre o desenvolvimento dos interesses individuaes e o reinado da justiça. O autor, porém, vai mais adiante : procura mostrar que o accordo existe mais completamente. Os interesses lucram moralisando-se ; por seu turno lucra a moral com o desenvolvimento da civilisação economica. A esterelidade relativa da escravidão comparada com o trabalho livre bem prova que a injustiça é um prejuizo para os estados, ao mesmo tempo que é certo a escravidão, degradante para os escravos, tambem corrompe os senhores. O emprego immoral dos capitaes é funesto ás sociedades e aos individuos ; a immoralidade dissipa-os sem fructo e dentro em pouco secca-lhes a fonte. O bem estar conquistado pelo trabalho e pela economia, dividido pelos membros de uma sociedade sem injusta exclusão é emfim um elemento de dignidade, é um attractivo de menos offerecido a tentação. Essas proposições e outras mais, demonstradas pelo Sr. Dameth com grande firmeza o saber economico mui exacto, fazem perfeitamente comprehender as numerosas relações do justo e do util, relações tantas vezes desconhecidas pelos antigos que despresavam o trabalho material e que admettiam como uma especie de dogma o antagonismo dos interesses. Essas relações do justo e do util seriam melhor conhecidas pelos politicos modernos que pensaram descobrir que a riqueza de uma nação só póde augmentar com a baixa no commercio dos outros povos ?

Lê-se com interesse a obra do Sr. Dameth, é ella de uma clareza notavel e calam no espirito todas as suas demonstrações. Tambem ellas seguem a ordem methodica da sciencia economica. Seu trabalho parece-me pois digno de ser approvado a todos os respeitos. Não é todavia por que pense eu assim como o autor que se tenta dito e feito tudo em favor da paz dos espiritos como em favor da ordem social quando se proclamou e estabeleceu a concordancia do justo e do util. Segundo penso, faz elle consistir toda a philosophia na solução dessa questão que lhe parece quasi a questão unica dos tempos modernos. As demonstrações que apresenta o Sr. Dameth, aliás de accordo com outros economistas, ainda que se assenhoriassem de todas as intelligencias e que tomassem todo o governo do mundo, o que as paixões foram sempre difficeis, nem por isso tudo estaria acabado. Apresentar-se-hiam á ardente curiosidade do espirito humano outras questões diversas das questões de moral social e de economia politica ; outras necessidades occupariam a inexgotavel alma do homem. Ha questões que não se pódem supprimir : taes são as questões de alta methaphysica religiosa, os quaes senti que uma intelligencia tão esclarecida mencionasse com algum desdém ; ellas teem por si mesmo um interesse que as traz continuadamente ao espirito ; além disso, a serem considerados sob o unico ponto de vista das applicações, o que não é o methodo mais philosophico, não pódem ellas ser inteiramente separadas das questões de moral sem que estas deixem de ter uma base ou um remate necessario. Talvez emfim seja um tanto desharmoniosa a linguagem do autor, e que não exclua de seu estyllo certas palavras de uma lingoa que Paris não acceita e que custo muito crer que Genebra adopte. Ainda que esta critica fosse a unica que merecem o seu livro, comtudo não se oppõe a que seja elle um trabalho consciencioso de um animo ardente e philosophico, uma obra de merito escripto com enthusiasmo e de meu verdadeiro alcance.

Só procuras a verdade para fazer o bem, escrevia Voltaire a Turgot na epistola a um homem. O util trabalho do Sr. Dameth é feito para augmentar o numero desses pesquisadores da verdade em ordem a fazer o bem, os quaes desejam com desinteresse todo o proveito que a humanidade póde colher do interesse bem entendido.

HENRIQUE BANDRILLART.

(*La Presse.—H. Duperron.*)

Politica religiosa de Felippe II.

I

Tal é o titulo de um estudo historico, que Mr. o visconde de Meaux acaba de publicar nos ultimos numeros do *Correspondente*.

Este estudo, e especialmente a sua segunda parte, relativa á revolução do seculo XVI nos Paizes-Baixos, naturalmente devia inspirar-nos um vivo sentimento de curiosidade. Contavamos encontrar nas apreciações de Mr. de Meaux vestigios dos recentes trabalhos de muitos historiadores eminentes sobre as agitações suscitadas nas nossas provincias pela instituição do protestantismo. Esperavamos ver o redactor do *Correspondente* citar as obras de Mr. de Gerlache, e, com maioria de razão a *introducção á historia do reino dos Paizes Baixos*.

Nossa esperança, confessamos com sentimento, não se realisou completamente. Mr. de Meaux emitte, sobre Felippe II e sua politica, juizos que ha vinte annos, elle não poderia manifestar, sem levantar universaes clamores. O progresso das sciencias historicas, a descoberta de muitos documentos preciosos, tem feito justiça ás declamações de ignorancia e de má fé, Mr. de Meaux pois, não tem grande merito pelo facto de ratificar uma opinião, ha muito tempo confirmada pela sciencia.

O que se deve exigir hoje de um historiador, é uma attitude decidida na grande lucta entre a verdade e o erro, lucta que constitue o essencial da historia, e cujas peripecias se succedem sob a nossa vista.

E, para fallar a verdade, esta condição não é difficil para um escriptor catholico. Elle parte de dados certos, sabe d'onde vem e para onde vai A longa seria dos seculos é para elle allumiada pelo evangelho. Elle segue a egreja atravez das suas provas, dos seus combates e dos seus triumphos ; julga os homens, os acontecimentos, as instituições, á luz desta palavra divina : — Aquelle que não é por mim é contra mim.—

Tambem, dizemos francamente, lemos o estudo historico de Mr. de Meaux com penivel sorpreza. Todos sabem perfeitamente que elle é catholico, mas a sua opinião é sempre cheia de reservas, de protestações, de distincções de todo genero. Afinal não se sabe se elle é pelos hereges, ou se é pelo rei

Emitte, como já dissemos, sobre Felippe II, juizos não sómente severos, mas profundamente injustos ; faz á revolução concessões enormes, tem para seus heroes attenções e mesmo elogios inteiramente inexplicaveis.

Finalmente, exalta sob o nome de liberdade de consciencia, os meios de pacificação religiosa adaptados, talvez, ás necessidades dos tempos modernos, mas que no seculo XVI teriam sido a apostasia social e o suicidio da Europa christã.

Esta maneira de escrever dá, é verdade, ao conto do escriptor um ar de imparcialidade que póde seduzir á alguns leitores.

Vendo-se o historiador elogiar e censurar os campos os mais oppostos, julga-se que elle está ao abrigo de toda e qualquer preoccupação de partido.

E' precisamente este resultado que nós deploramos : o historiador deve ser sempre do partido da egreja e da sociedade.

Preferimos cem vezes a escola puramente descritiva de Mr. de Barante á este systema de transacções ecleticas, que perturba a razão e deixa o coração na indifferença.

Não esperamos alguns bem destas funestas considerações pelos inimigos da egreja, e destes sacrificios indulgentes dos quaes a verdade é a victima.

A moderação, certamente, é uma eminente virtude ; mas, diz Mr. de Falloux : « eu desejava poder preservar da fraqueza a minha moderação, e não conheço fraqueza mais manifesta do que aquella que ávista de transacções e ajustes de um dia, attenua a metade de uma verdade para salvar a outra. O inimigo toma aquillo que lhe sacrificaes, e leva para o seu campo, sem se julgar obrigado á um reconhecimento, elle será tanto mais ousado, quanto mais fraco fordes : eis tudo. »

Sentimos que Mr. de Meaux, no qual aliás se revela um talento distincto, não tivesse comprehendido estes deveres do historiador ; entretanto, elle tinha sob os olhos um modelo, que a Belgica pode citar com legitimo orgulho. A *Introducção á historia do reino dos Paizes Baixos* é, não hesitamos em dizer, a obra-prima de Mr. de Gerlache. Sabe Deus que infatigaveis indagações e peniveis trabalhos foram precisos para levantar este monumento !

Nossos leitores conhecem o juizo firme e seguro, as vistas elevadas, a altiva independencia, e mais que tudo o accento francamente catholico de Mr. de Gerlache.

Fallando dos trabalhos historicos deste illustre escriptor, o nosso fim é chamar a attenção sobre certos factos apreciados de uma maneira estranha pelo redactor do *Correspondente*.

Importa fixar os resultados da sciencia e não entrega-los á controversias perpetuamente renovadas. Parece-nos que Mr. de Gerlache dissera a ultima palavra sobre o reinado de Felippe II. A obra do historiador belga está para o futuro ao abrigo de todo alcance.

A primeira censura que devemos fazer a Mr. de Meaux, é não ter elle comprehendido a grandeza do caracter de Felippe II. Não lhe é possivel deixar de admirar certos traços, nos quaes as altas qualidades deste principe, assim como o seu desinteresse e dedicação heroica pela causa do catholicismo brilham com todo o esplendor ; vê-se entretanto que esta homenagem é difficil a Mr. de Meaux : « Felippe II, diz elle, duas ou tres vezes soube sacrificar as suas paixões ao principio á que elle acreditava ter dedicado a sua vida ; mas, no curso ordinario de sua politica, muitas vezes confundia as suas paixões com o principio supremo e sagrado, e imaginava assegurar o triumpho da verdade, quando fazia triumphar a todo o transe á sua propria vontade. Satisfazer o seu odio era á seus olhos vingar a religião ; mitigar a sua insaciavel sêde de dominar era estabelecer o reino de Deus sobre a terra. Tambem não se manifesta nelle nenhum signal de lucta e de contradicção ; por uma estranha e culpavel illusão, o seu orgulho e sua fé se ajustaram e em commum contribuiram na composição do seu fanatismo. Acreditava que obrava em nome do Todo-Poderoso e por isso proseguia nos seus designios sem importar-se com a justiça eterna, nem com a invencivel força das cousas ; e impassivel e implacavel como o destino dos pagãos, elle marcha para o seu fim contra todo o direito. »

Mr. de Meaux é demasiadamente inspirado por Prescott, Motley e especialmente por Mr. Guizot, quando traça este retrato. Descobre-se nelle os vestigios, apenas enfraquecidos, das calumnias levantadas pelos escriptores protestantes. Felippe II apparece-nos na historia inteiramente outro.

Este principe era precisamente dotado em um grão eminente, das qualidades que Mr. de Meaux contesta : a abnegação e o desinteresse ; elle se distingue por uma politica constantemente elevada, livre de toda a preoccupação egoistica, sempre dominada pelo interesse da religião e da sociedade

Consagra-se todo inteiro á defeza do catholicismo ; sacrifica as suas finanças, tropas e popularidade ; arrisca a corôa, dizendo « que prefere perder todos os seus estados, perder com vidas, se as tivesse, do que reinar sobre hereges. »

Na grande lucta, que sustenta contra a reforma, elle não recua diante de difficuldade alguma, não esmorece perante os maiores revezes. Quando lhe annunciaram a perda daquella *invencivel armada*, que elle dirigira contra a Inglaterra, e cujos armamentos haviam esgotados os recursos do reino, elle faz o signal da cruz e respondeu com voz calma : « Eu a tinha enviado contra os homens e não contra as ondas. »

Aos nossos olhos, esta resignação é sublime. Se Felippe II quizesse mitigar esta insaciavel sêde de dominar, que Mr. de Meaux lhe empresta, se só procurasse o triumpho de suas paixões, não teria abraçado com tanta energia a causa do catholicismo.

A reforma offerecia á sua ambição perspectivas bem seductoras. Elle podia, como tantos outros principes seus contemporaneos, enriquecer-se com os despojos da egreja, e construir sobre as ruinas da liberdade, da qual era elle o guarda, o edificio de uma sanguinaria e monstruosa tyrannia.

« Se Felippe imitasse o exemplo de Henrique VIII, toda a Europa seria protestante, diz Mr. de Gerlache. E certamente, se elle só cuidasse no augmento do seu poder, devia imita-lo, porque nenhum principe foi mais poderoso do que Henrique, que foi papa e ao mesmo tempo monarcha da Inglaterra. »

Quanto ao mais, não encontramos na historia indicio algum d'esta insaciavel sêde de dominar, que Mr. de Meaux lhe imputa.

As *Relações dos embaixadores Venezianos junto á côrte de Madrid* apresentam este principe como isento de toda idéa de conquista.

« Todas as suas acções, dizem elles, tem por fim, não estender os seus estados por meio da guerra, mas conserva-los pela paz... Elle se mostra satisfeito pelas dignidades e estados que possue, com tanto, diz elle, que as possa gozar na paz. »

Preferimos estes testemunhos contemporaneos e de uma irrecusavel imparcialidade aos retratos de phantasia, copiados por Mr. de Meaux. E' de notar, porém, que a politica de Felippe II raramente foi aggressiva. Só tomou armas contra os Turcos e os hereges. O christianismo lhe deve a conservação da ilha de Malta, e a victoria de Lepanto, que deu um golpe mortal no poder musulmano. Se foi menos feliz contra o protestantismo, não foi por falta de perseverança e generosidade de sua parte. Mr. de Meaux está ainda mais longe da verdade, quando assegura que a origem da revolução dos Paizes-Baixos no seculo XVI se encontra nas emprezas de Felippe II contra as liberdades publicas.

A dar-se-lhes credito, o filho de Carlos V apresentara-se em Flandres como estrangeiro e despota. A sua autoridade offendia o sentimento nacional, e o espirito de liberdade.

« A' este duplo titulo, as opposições *deviam* manifestar-se unanimes ; os direitos adqueridos podiam ser invocados ; a resistencia tinha uma base *legal*, uma *causa patriotica*. »

Não se poderá mais abertamente desconhecer a veracidade dos factos. Os proprios escriptores protestantes são aqui mais justos que Mr. de Meaux. Elles confessam que os privilegios populares nunca foram menos ameaçados. Se tiveram mais tarde de soffrer os excessos da reforma, ella disto foi a causa.

Pelo contrario, o primeiro privilegio das provincias flamengas, era a conservação da religião catholica. Felippe II, punindo a propagação da heresia, observava o seu juramento de fidelidade ás cartas nacionaes. E' o que muito bem mostra Mr. Groen Van Prinsterer, archivista da casa de Orange-Nassau :

« Difficilmente se provará, diz elle, que Felippe II tivera o desejo de destruir as liberdades do paiz. No começo de seu reinado, *nada justifica esta supposição*. Depois, na questão dos privilegios, é necessario não perder de vista que a conservação da religião romana era precisamente um dos privilegios melhormente estabelecidos ; que a violação das liberdades e dos costumes foi antes uma consequencia da guerra do que a sua causa. »

Desejavamos saber tambem d'onde Mr. de Meaux collige, que Felippe II submettera a sua politica á paixões pessoaes.

As *Relações dos embaixadores venezianos*, pelo contrario, nos pintam este monarcha como um homem de costumes brandos, de maneiras agradaveis e seductoras, justo, beneficente, caritativo, de uma piedade e de uma probidade escrupulosas.

Fazemos uma alta idéa da intelligencia de Mr. de Meaux, para crer que elle ainda dá fé ás calumnias, espalhadas na occasião da morte de D. Carlos. O supplicio do conde de Egmont talvez fosse impolitico, mas hoje está demonstrado que fôra justo. O mesmo se dá quanto ao conde de Horn.

Pode-se censurar a execução de Montigny, mas é preciso levar em conta tambem as circumstancias e o direito publico da época. Montigny era um conspirador, havia tomado parte na revolta, e no momento mesmo em que elle vinha depor á côrte de Madrid os votos dos seus compatriotas, correspondia com os inimigos do rei. Além disto, nada autorisa á crer que a sua morte fosse o resultado de uma vingança pessoal.

Mr. de Meaux exproba emfim á Felippe II ter sido « implacavel, impassivel como o destino dos pagãos, marchando para o seu fim contra todo o direito. »

Depois, algumas linhas mais abaixo e por uma singular contradicção, elle assignala entre as « raras qualidades » deste principe, « a sua perseverança, a sua constancia, um trabalho que nunca é moderado, uma applicação, que nada póde distrahir. »

Qualquer que seja a opinião de Mr. de Meaux, a invencivel firmeza de Felippe II, e esta constancia inabalavel ficarão para a historia um eterno objecto de admiração.

Estas qualidades são tanto mais notaveis, quanto, para adqueri-las, Felippe II devia se vencer a si mesmo. Elle era naturalmente fraco e inclinado ás concessões. Durante os primeiros annos do seu reinado, sua politica foi incerta. Commetteu duas grandes faltas retirando as tropas hespanholas, que occupavam os Paizes-Baixos e sacrificando o cardeal de Granvelle ao odio do Taciturno e dos descontentes da nobreza. Mas quando percebeu que tinham pretenções á egreja e á sociedade ; quando os seus sectarios cobriram de ruinas o paiz ; quando se viu trahido (por) d'Orange, d'Egmont e pela nobreza, então elle tomou uma attitude energica e decisiva.

O plano restricto d'este nosso trabalho não nos permitte descrever a luta gigantesca entre Felippe II e todas as forças da heresia. Mr. de Gerlache pintou este quadro com mão de mestre. Enviamos os nossos leitores á sua importante obra. Lendo-a, reconhecerão comnosco que foi á inabalavel constancia, e á heroica firmeza do monarcha hespanhol, que a Belgica deve o immenso beneficio de ter conservado a sua fé.

Lastimamos Mr. de Meaux por não ter coragem de fazer justiça á Felippe II. E' bello arrostar todos os preconceitos para no fim render homenagem á verdade desconhecida ; é sobretudo digno de um escriptor catholico rehabilitar aos olhos do mundo a memoria de um principe, que, apezar de seus defeitos, foi um grande politico e um christão sincero.

Infelizmente o redactor do *Correspondente* quer apresentar o conde d'Egmont como um dos mais importantes caracteres do seculo XVI.

Eis em que termos Mr. de Meaux traça o retrato do conde d'Egmont :

« Mais avido de honra do que de poder, presumpçoso, facil de enganar e seduzir, porém generoso e sincero e antes de tudo catholico ; patriota e subdito fiel, embaraçado e como que oscillante entre as tres causas que o dominava, porém ambicioso de servir a todos, resolvido a não trahir nenhum ; prompto egualmente a reclamar concessões em favor dos protestantes e á castigar os seus excessos, compromettendo-se emfim para com o rei, a ponto de perder-se, mas nunca consentindo revoltar-se. »

Apezar da excessiva indulgencia do pintor e das discretas attenções do seu pincel, é facil de reconhecer-se n'este retrato um caracter fraco e cobarde, um d'estes homens inaccessiveis ás inspirações generosas, incapazes de grandes resoluções, trahindo pela sua cobardia as causas que pretendem servir, e serviado pela sua fraqueza aquelles que pretendem combater.

Tambem não sabemos explicar a admiração de Mr. de Meaux pelo conde d'Egmont, assim como o espanto, que lhe inspiraram extranhas accusações « levantadas contra este pretendido grande homem. »

Admittimos que se ache impolitica a execução do vencedor de Gravelines ; e não comprehendemos como se censura aos catholicos por ter desconhecido « seu altivo e generoso espirito de independencia, » nos repugna ver fazer do seu cadafalso um pedestal, sobre o qual se vem escrever que « a Belgica não tem, sem duvida, na historia um representante mais fiel do seu velho espirito religioso. »

Temos talvez sobre a independencia, honra, lealdade e patriotismo, idéas mais intolerantes do que o redactor do *Correspondente*. Julgamos que a independencia consiste na pratica do dever, não fazendo caso de vãas popularidades ; que a honra ama as attitudes nobres e altivas e despreza os meios empregados pela intriga ; que a lealdade reside na fidelidade ; que o patriotismo, emfim, se inspira com os grandes e duraveis interesses da patria e não se abaixa a fomentar contra o poder uma opposição facciosa e sem dignidade. Debaixo de todos estes pontos de vista, o conde d'Egmont não merece nenhum dos elogios, que lhe faz Mr. de Meaux. E' o que ensaiaremos demonstrar, com a historia na mão.

O conde d'Egmont occupava nos Paizes Baixos uma das mais consideraveis posições. O seu alto nascimento, fortuna e diabilidade militar o collocavam no primeiro lugar da nobreza belga e lhe davam no conselho do governo uma poderosa influencia.

Elle não comprehende os deveres ligados á estas grandezas. O antigo amigo de Carlos V, o cavalheiro do Tosão-d'Ouro misturava-se com homens faltos de costumes. Foi nas orgias que urdiram-se as manifestações grosseiras ou mesquinhas, dirigidas contra Granvelle e o governo.

A paixão politica fez d'Egmont desconhecer o sentimento das mais vulgares conveniencias. Levou a insolencia ao ponto ao ponto de uma occasião jantar em casa de Margarida de Parma revestido dos signaes distinctivos da liga anti-cardinalista.

Uma outra vez «este grande realista» avançou á dizer á Hopperus «*que não se queria Gransvelle, e sim o rei, que administrava tão mal o publico e da mesma maneira a religião, como já lhe tinha advertido.*»

(*Continuar-se-ha*)

FOLHETIM

UMA FAMILIA TRAGICA

POR

CHARLES HUGO.

SEGUNDA PARTE.

O Pae.

VII

A PORTA INVISIVEL.

(*Continuação.*)

Alina precipitou-se para a sua camara, e ali se encerrou.

Possuia a prova, prova flagrante e irrecusavel, de que Pedro fingiu sahir do castello, de que Brigida mentiu quando assim o affirmou, finalmente de que alguma traição se tramava ao redor della.

Mas quem ?

A condessa reflectindo conheceu que essa traição datava de longe : leu então claramente nas comedias e habeis astucias inventadas para se abusar da sua credulidade.

Era portanto evidente que as suas cartas tinham sido interceptadas, abertas e subtrahidas.

Por quem ?

Uma nuvem sombria passou pelos seus olhos quando não pôde deixar de dar esta resposta ao seu pensamento interior :

— Pelo Sr. de Vissec !

Quem era pois o Sr. de Vissec ?

A condessa achou-se de novo em face desta pergunta, que a si mesma fazia em voz baixa e estremecendo, como no dia em se vira pela primeira vez frente a frente com o prisioneiro da torrinha.

E da mais inteira confiança passára para a incredulidade a mais mysteriosa.

Pensar que durante dous mezes prasenteira se sorrira á esse homem que assim procurava despedaçar o laço conjugal, que a prendia a seu marido, a esse homem que queria obstar a effusão intima do seu coração ! Pensar que prodigalisára as suas graças a esse infiel que assim zombava dos seus tormentos, das suas lagrimas e das suas angustias de mulher !

E quem era, grande Deus ! esse inimigo em que repentinamente se transformava o velho fidalgo tão solicito e dedicado, o companheiro discreto da sua solidão, que tantos prazeres lhe procurava, e que lhe era um confidente, um amigo, um pae ? Que ramalhete era esse de cortezias e affagos, de onde sahia de subito a venenosa mordedura de uma serpente ? Que emboscada era essa occulta sob a brilhante capa de uma extrema dedicação ?

Quem era o traidor que assim se disfarçava em gentil-homem ?

E para que essa traição ? Qual o seu fim ?

Que interesse podia ter o Sr. de Vissec em interceptar a sua correspondencia ?

O facto era tão evidente quanto era incomprehensivel, e todo o raciocinio da condessa quebrava-se ante o nada das conjecturas.

O seu pasmo era profundo !

Tremula lançou mão da da penna, e escreveu a seu marido uma dessas cartas em que o terror se traduz não só em cada uma das linhas, mas tambem na precipitação com que parece terem sido ellas escriptas :

« Vinde !.... apressae-vos !.... correi ! não espereis mais um dia, uma hora, um minuto sequer !.... Passam-se aqui cousas extraordinarias !.... E' o Sr. de Vissec quem intercepta as nossas cartas.... sei disto.... tenho a prova !... Chegae depressa, ou então sinto que estou perdida.... Não sei o que me quer esse homem.... mas elle causa-me agora horror !....»

Como fazer chegar essa carta ao seu destino ?

Pelo correio?.... porém não o havia na povoação, seria preciso ir até Montpellier ! Esperar que passasse o carteiro, o que costumava ter lugar duas vezes por semana ?.... era perder tempo, e naquellas circumstancias os dias lhe pareciam seculos ! Enviar um portador proprio e seguro ?.... mas quem ? Ella só tinha Brigida junto á sua pessoa, e Brigida era totalmente dedicada ao Sr. de Vissec !.... Ir ella mesma ao Delplimedo? como partir só, á pé, de noite, sem guia—ella, uma fraca mulher ! Era impossivel !

O que fazer ?

Essa carta devia ser entregue : era preciso que esse grito de espanto partido do seu coração atribulado chegasse ao conhecimento de seu marido ! Essa carta era a sua salvação !-Cumpria que Christiano a recebesse a todo o transe, não importa como, por que via, por que intermedio ! Se o capitão não voasse em seu soccorro o que seria della ? O que pretenderia fazer esse homem do mysterio e das trevas !

E Alina recordava-se da commoção do Sr. de Vissec, do seu silencio e pallidez por occasião da entrevista que com elle tivera pela manhãa : recordava-se da maneira e do tom com que elle pronunciára estas palavras :—Daqui a oito dias ! —Dahi a oito dias se Christiano não estivesse ao seu lado, ver-se-hia ella a sós naquella solidão com esse homem que já então lhe parecia terrivel ! E a pobre moça abysmava-se a esse pensamento vertiginoso como se estivesse á borda de um pricipicio !

Ella sentia confusamente que um perigo ignorado, mas formidavel, a ameaçava ; e que o sombrio crime perpetrado no castello de Ganges iria prender-se ao seu destino, se Deus permittisse que se passassem os dias sem Christiano ser avisado, e se aquella carta ali ficasse permanecendo sobre a mesa.

A condessa ia e vinha na camara fatal, com o olhar fixo, a mão agitada por um tremor convulsivo, escutando o sussurro das arvores no parque, o queixoso gemido do vento na obscuridade dos corredores, e essa resposta sinistra do silencio que a noite dá ao terror.

De vez em quando olhava para a sua carta—ali immovel, como o passarinho na gaiola olha pezaroso para o ar aspirando á sua liberdade.

De repente estremeceu e parou muda e petrificada no meio da camara.

Julgava ouvir por detraz da tapeçaria, junto á cabeceira do seu leito, um ruido singular que se assemelhava com o ranger de uma chave que se procurasse introduzir na fechadura.

Na disposição de espirito, em que se achava, a condessa tornou-se pallida, prestou toda a attenção.

O ruido parecia sahir não de uma das portas da camara, mas da espessura mesmo da parede.

A camara estava allumiada por uma alampada : da parte de fóra—noite profunda ! No castello—tudo silencioso !

Escutou ainda : sempre o mesmo ruido, e no mesmo lugar !

Já não podia haver a menor duvida ; era uma chave que introduziam n'uma fechadura, era uma porta que procuravam abrir. Alina correu á que dava para a escada—ninguem ! Abriu a do gabinete—ninguem !... e o ruido continuava sempre !

Evidentemente alguem procurava ali penetrar, e ella ia vêr apparecer. nessa camara, á semelhante hora da noite, emquanto se achava só e sem defesa, alguem que conhecia as sahidas secretas do castello, alguem que tinha para ali entrar uma chave e uma porta secreta !

A' um nome, que de subito se lhe apresentou ao pensamento, todo o sangue gelou-se-lhe nas veias, e o corpo todo inundou-se de um suor frio que o cobriu dos pés até a ponta dos cabellos.

Entretanto teve forças ainda para gritar :

— Quem está ahi ?

— Eu ! respondeu uma voz do outro lado da parede.

— Eu, quem ?

— Brin-de-Mousse.

— Brin-de-Mousse ! tu.. aqui ! tu—meu amigo, meu filho, minha providencia !.... O' meu Deus ! eu vos rendo mil graças !

E a condessa arrimou-se á parede para não cahir de contentamento : respirou então como um afogado a quem se estendesse a mão, como um asphixiado a quem se permittisse respirar o ar livre, como um moribundo que tornasse á abrir os olhos á luz : e não achou para dizer senão esta palavra, que lhe expirou nos labios :

— Salva !

— Está prompta a vossa carta ? perguntou o menino. Eu venho busca-la.

— Mas então desceste do céu ?

— Não de todo, porém quasi. Apre ! custa mais chegar-se aqui do que subir ao paraizo.

— Onde estás ?

— Na galeria.

— Que galeria ?

— A dos retratos.

Alina lembrou-se então vagamente dessa sala arruinada e deserta de que seu marido lhe tinha fallado uma vez.

— E tu conhecias essa galeria ?

— Ouvi o vovô fallar della muitas vezes, e reparei para suas janellas e postigos deslocados por detraz da latada da grande vinha.

— O que estás agora fazendo ?

— Procuro abrir a porta.

— E existe ahi alguma porta ?

— Existe, tanto que eu percebo o clarão da alampada da vossa camara pelo buraco da fechadura.

Alina procurou em vão descobrir sobre a parede o angulo dessa porta tão inopinadamente encontrada por Brin-de-Mousse. Se com effeito havia por ali alguma sahida era tão bem disfarçada sob os desenhos da tapeçaria, que tornava-se impossivel suspeitar a sua existencia.

— A chave ? tu a tens ?

— Esperae ; estou procurando-a no rolo de vovó Brigida. Arre ! preguei á minha vovó uma bonita peça !.... Ella me faz a esta hora na estrada de Cette.... está bem servida ! Eis aqui a historia : Quando nos despedimos na grande praça de Montpellier, eu fingi-me todo lacrimoso abraçando-a, e subtrahi, sem ella presentir, o rolo de chaves que trazia sempre preso á cintura : a pobre avosinha não viu, nem percebeu cousa alguma, pois estava sem os seus oculos, e ella sem oculos é capaz de deixar arrancarem-lhe a touca da cabeça sem levantar o nariz ! vê tanto como os dous olhos cegos de um caramujo ! Eu tinha formado o proposito de voltar do castello, pois dissestes que tinheis precisão de mim ; e havia de voltar apezar de todas as avós do mundo. Esta manhãa, apenas o dia foi apontando, puz-me á caminho ; mas sem me apressar muito com receio de encontra-la, e para dar-lhe tempo de chegar ao fogão da sua cozinha. Caminhei todo o dia, e ali por volta das nove horas cheguei á povoação. Agora é que ides ver o bonito ! Vinha eu mui surrateiramente pelo parque, occultando-me aqui e acolá, quando ouvi um rincho, muito do meu conhecimento : era o amigo Cyclope, amarrado á uma estaca, e roendo com todo o socego a sua ração de palha.

— « Boa noite, Cyclope, disse-lhe eu, esperame aqui um bocadinho que eu vou ter já precisão de ti. »

E de um pulo galguei a cerca do parque, atravessei o ante-pateo, e cheguei ao pé do muro do pateo de honra : ahi esbarrei ; não era possivel ir mais adiante ! A porta estava fechada pela parte de dentro com grossas barras de ferro, e não havia meio de abri-la. Parar em meio caminho—tambem não podia ser !.... Eu estava embaraçadissimo !.... Não era ainda nada escalar o muro, agarrando-me com pés e mãos : porém descer do outro lado ? Um salto de trinta pés ! apre ! era muita cousa !—« Brin-de-Mousse, disse eu comigo mesmo, não pódes fazer nada sem uma escada ou uma corda, meu rapaz. » — E nisto veiu-me uma idéa ; corro ao poço, desamarro a corda que lá tinha, dou cinco ou seis nós do tamanho da minha cabeça....

Alina estava maravilhada de ouvir tamanha presença de espirito desse menino.

— .... e eis-me em cima do muro, continuava Brin-de-Mousse, amarrei a minha corda á biqueira.... as biqueiras servem de caminho aos gatos.... não importa ! Depois descambei lentamente como um perfeito marujo, e puz pé sem avaria no pateo de honra. Ali nova demora, novas reflexões : decedi finalmente que voltaria pelo mesmo caminho, e por conseguinte que deixaria a corda ficar para servir-me na minha retirada ; porém descançae, eu previno tudo : como vovó poderá admirar-se amanhãa de manhãa de encontrar a corda do seu poço amarrada ao muro, e descobrir logo que isso não deixa de ser obra minha, tenho formado o projecto de escondê-la quando voltar de baixo de um monte de palha, á um canto do ante-pateo que eu só conheço, e affirmo-vos que ella será muito fina se a fôr lá descobrir. Ora, uma vez no pateo de honra, nada mais tinha de que tomar o castello por assalto ; todavia fiquei indeciso. Vós me direis : « Porque não entraste pela porta, e vieste ter comigo pela escada ? » Assim era eu tolo ! Poderiam descobrir-me : a vovó quando dorme tem um olho aberto e outro fechado, e um ouvido sempre alerta !.... Nada ! Eu tinha cá a minha intenção, e era entrar pela habitação dos morcegos, isto é, por esta immensa galeria onde nunca entra viva alma.

— E para chegar ahi por onde vieste ? perguntou Alina.

— Essa é bôa ! pelo caminho dos passaros—as janellas !

— E para subir ás janellas ?

— Tomei o caminho das lagartixas, que é o muro !....

E o menino interrompeu-se soltando um grito de alegria.

— Bravo ! cá está a chave !

Com effeito a fechadura rangeu ligeiramente, a porta gyrou sobre si mesma, porém com tanta suavidade que parecia gyrar sobre gonzos de velludo.

— Depressa ! disse Brin-de-Mousse apparecendo sobre o limiar : vossa carta.... quero ir já desprender Cyclope, e partir !

Alina estendeu machinalmente a carta ao menino, e ficou muda de sorpreza na presença desse espectaculo inesperado, que acabava de patentear aos seus olhos essa porta invisivel, que se abria pela primeira vez perante ella.

(*Continuar-se-ha*).

(*) Vide *Diario* n. 83.

PERN.— TYP. DE M. F. DE FARIA. —1861.